

ALFAGUARA



TRILOGIA

DO

ADEUS

JOÃO

ANZANELLO

CARRASCOZA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# SUMÁRIO

[Caderno de um ausente](#)

[Menina escrevendo com o pai](#)

[A pele da terra](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)

ALFAGUARA

CADERNO

DE

UM

AUSENTE

JOÃO

ANZANELLO

CARRASCOZA

---

**CADERNO  
DE  
UM  
AUSENTE**

---

---

**JOÃO  
ANZANELLO  
CARRASCOZA**

---

ALFAGUARA  


*Para Juliana*

*De que modo ensinai as coisas futuras,  
ó Senhor, para quem não há futuro?*

SANTO AGOSTINHO

*[...] mas que doce amargura dizer as coisas [...]*

RADUAN NASSAR

**F**ilha, acabas de nascer, mal eu te peguei no colo, e pronto, *já chega*, disse a enfermeira, e te recolheu de mim, foi apenas pra gravarmos uma cena, agora os pais assistem ao parto, e tudo é filmado, antes não havia nada disso, eu nasci das mãos de uma parteira, já na época do teu irmão — um meio-irmão, de quinze anos, é bom que logo saibas —, a moda era o registro fotográfico, outro dia ele se viu numa foto comigo, logo que veio à luz, e sorriu, e, em seguida, silenciou, e então eu imagino o que ele, como um rio rumo à foz, leu nas águas daquele momento inicial, e, agora, eu também só concordei com a filmagem pelo mesmo motivo, pra que te vejas, no futuro, junto a mim, eu te recebendo nesta hora primeira, dando-te as boas-vindas, se assim se pode dizer, vais descobrir por ti mesma que este é um mundo de expiação, embora haja ocasionalmente umas alegrias, não há como negar — as verdadeiras vêm travestidas, é preciso abrir os olhos dos teus olhos pra percebê-las. Acabas de nascer e eu tenho de te explicar, como se já pudesses entender, e, da mesma forma, estou dizendo a mim, que não vamos passar muito tempo juntos, que deves te preparar pra viver mais longe de mim do que perto — eu farei parte, pra sempre, só do início de tua história; não há outro jeito, mesmo com a maior das esperanças, de te ver crescer como vi o teu irmão e continuarei a vê-lo até se tornar adulto, ele à beira de ser o homem que será, talvez até dê tempo pra que eu o veja se casar e me dar, quem sabe, um ou dois netos. ■■■■■ Mas tu, não. Vens com esta marca, de minha ausência, a envolver inteiramente a tua vida, e este é um dos primeiros sustos que temos nesta existência, somos o que somos, não há como alterar a nossa história, sobretudo se ela já começa no meio, ou mais próxima ao fim — esta porta do hospital, de vaivém, foi a tua porta de entrada, talvez seja a minha de saída —, se há destinos emaranhados, o meu e o teu apenas vão se resvalar feito fitas, ainda que o toque possa abrir em nós uma ferida, como as folhas de papel. Dependendo da maneira como as pegamos, as folhas de papel, inocentes, em sua aparência, nos rasgam a pele, até mesmo as peles mais rudes, de lavradores como o teu avô, meu pai, que já se foi, folhas de papel, especialmente em branco, podem, de súbito, se encher de sangue, pela tua própria ação intempestiva, imagine, então, quando nelas as palavras irrompem em incontável hemorragia. ■■■■■ Ali, naquela bacia, a placenta que até há pouco te envolvia, como a casca de um ovo, ela te mantinha protegida, preparando-te pra vida do lado de cá; deves estar sentindo frio, depois de tanto tempo no calor do ventre, a tua mãe agora dorme, tu, que vens de dentro dela, deves saber o quanto ela padeceu, e esse é outro fato inescapável de teu destino, uma mãe de saúde débil, mas que correu todos os riscos pra te trazer aqui, amor não te faltará, eu te asseguro, ela é dessas mulheres que deseja a proximidade o tempo inteiro, capaz até de te sufocar, de tanto amor, mas de tua mãe falarei depois, pelo cordão umbilical tu já a conheces mais no âmago do que eu, apesar do que dizem sobre os casais — que tanto se conhecem a ponto de se confundirem —, o mistério de cada um só a ele pertence, há regiões nossas às quais nem nós mesmos alcançamos. ■■■■■ Desculpe-me por te dizer isso quando ainda mal chegaste, eu sou saudável pra um homem de cinquenta e tantos anos que cometeu lá os seus excessos, tenho vitalidade de sobra, há manhãs que me sinto em plenitude, com um desejo de viver maior do que em menino, quando queria crescer logo e imaginava existir um abre-te sésamo pra me revelar os mistérios do mundo, eu acreditava que havia uma escrita cifrada em algum documento oculto, por meio da qual todo o sem-sentido da existência, de repente, se iluminaria, eu supunha que podia encontrar o pergaminho, a chave lendária, o livro sagrado que explicaria o engenho humano e o segredo das divindades — tu descobrirás, filha, que sonhar nos salva da rotina, mas, também, nos desliga da única coisa que nos mantém em vigília: o muro concreto do presente. ■■■■■ Sim, estou ótimo pra alguém da minha idade, ao menos é como me sinto, quero permanecer ainda



um tempo por aqui, mas, preciso te dizer, filha, sei bem distinguir quando aquilo que capto, na configuração das nuvens, é apenas uma suspeita ou um fato a caminho, ineludível, aprendi a ler o que está escrito nas altas esferas, e também no rodapé da nossa rotina. ████████ Apesar de vítimas dia a dia de enganos, há uma hora em que aprendemos a reconhecer a verdade em qualquer rosto, mesmo num rosto disfarçado com máscara grosseira, ou refeito por mil cirurgias, haverá sempre quem diga, mirando a tua face rubra, ainda amassada, depois de rascunhada e, ao longo dos últimos meses, envelhecida dentro de tua mãe — este processo nunca para, é a silenciosa bomba-relógio de nossa existência —, que tens alguns de meus traços, talvez os menos marcantes; por isso, eu te peço perdão, filha, por não ser o anfitrião ideal, por te recepcionar com estas palavras rascantes, mas não há como esconder a morte ante a estreia de uma vida.

A tua mãe, tão reservada, pediu a filmagem do parto apenas pra rebobinar as lembranças quando quisesse te ver chegando, novamente, jamais pra exibir à visita ou a familiar distante, ela preferiu o “livro do bebê”, no qual se registram o primeiro banho, a primeira palavra, o primeiro dentinho e tudo o mais ao longo de um ano, amanhã vai começar a assinalar cada progresso teu, e com qual idade tu o lograrás, pra depois dizer ao pediatra, e conferir, com orgulho, que estarás crescendo forte, apesar de ser fruto de um esperma velho e de um amor tardio. ■■■■■■ Tua tia Marisa tentou convencê-la a fazer um álbum de fotografias, desses anunciados na internet, vinte reais a cópia, sete tamanhos, quatro estilos de capa, cinco tipos de papel, mais de mil opções de layout, a história do bebê contada com desconto de até sessenta por cento — enfim, vai te acostumando com a matemática, filha, os números vão reger as tuas decisões —, mas ela não se motivou, talvez tenha se enfastiado com tantas dicas que recebeu pra cuidar de ti, sobretudo os guias práticos das mães, *A encantadora de bebês resolve todos os seus problemas*, *Pequena biblioteca do bebê*, *O que esperar quando você está esperando*, *Nana nenê*, *O primeiro ano de seu bebê mês a mês*, mas a tua mãe optou por este caderno de notas, registro de tuas iniciações, poderia já preencher a primeira página, a caligrafia dela é linda, as letras bem definidas, tu verás, fácil pra qualquer leitor reconhecer — diferente do meu “j” que parece “g”, de meu “l” que se confunde com o “i” —, as palavras grafadas com limpidez, igual água dentro do vidro, exibindo toda a transparência de sua escritura líquida e, ao mesmo tempo, escondendo resíduos de substâncias, milagrosas ou nocivas, a revelar e ocultar seu segredo em qualquer punhado de correnteza que colhemos; ■■■■■■ a tua vida, filha, é um texto que há tempos começamos a escrever, mas, daqui em diante, também te cabe pegar esta tinta e delinear o teu curso, tome só cuidado com o que retiras do nada e trazes à superfície, é comum borrar ou rasurar um trecho, mas é impossível apagá-lo, a palavra se faz carne, e a carne se lacera, a carne apodrece aos poucos, mas é também pela carne que a palavra se imortaliza. Não há borracha para um fato já vivido, pode-se erguer represas e costões, muralhas e fortalezas para barrar o fluxo das horas, mas, uma vez que o sol se torne sombra, que o luar penda no céu em luto, a névoa se disperse na paisagem pendurada à parede, o dedo acione o gatilho, nada mais se pode fazer; nossa jornada, aqui, é única, a ninguém será dada a prerrogativa, salvadora ou danosa, da reescrita. ■■■■■■ Filha, tua mãe, amanhã, vai abrir o teu livro de bebê e anotar na primeira página o que, em verdade, já está escrito — a mão dela vai apenas confirmar, como um compositor confirma, ouvindo seu ritmo interior, as notas que ele dispõe na partitura. *Nome do bebê: Beatriz Sexo: feminino Tamanho: 50 centímetros Cor da pele: branca Cor dos olhos: cinza (tua mãe gostaria que se tornassem azuis, mas serão castanhos) Cor dos cabelos: preto Dia de chegada: 30 de abril Ano: 2002 Horário: 14h21 Lugar: Maternidade Santa Catarina Cidade: São Paulo País: Brasil Nome da mãe: Juliana Nome do pai: João.* ■■■■■■ Imagino os outros dados desta página inaugural e das seguintes que precisam ser preenchidos, a primeira roupa que te vestiram, e quem a deu, se era verão ou inverno, se naquela noite chovia, quem foi a tua primeira visita, e se há alguma marca em teu corpo, se tu espirras, se choras, se tuas unhas estavam crescidas, o teu primeiro arrote, o primeiro vômito, o primeiro peido, não há fronteiras, filha, para a criatividade — e para a pieguice — humana, tudo pra honrar a tua história, pra te conferir uma aura de singularidade, embora sejas apenas mais um, entre milhares de neófitos, que vai se igualar a todos no espanto de te descobrir finita, no aprendizado do amor e da inveja, na dolorida jornada rumo à conscientização de tuas misérias, no sonho de encontrar a explicação que te salve de ti mesma, a magia que retire de teu corpo o limite que o aprisiona, e de tua imaginação o medo que a refreia. ■■■■■■ Logo, tua mãe terá tantos

afazeres, que se esquecerá deste livro, concebido, aliás, só para esses primeiros dias de espanto; em breve, filha, os teus progressos não serão mais anotados no papel, mas em nossa carne e em nossa memória, especialmente na tua, porque a dor de dente é menor na boca alheia, as angústias não podem ser partilhadas ainda que queiramos, somente nós mesmos sabemos (sabemos?) o bem e o mal de ser quem somos. Deveriam inventar um livro correspondente para os pais, eu e tua mãe poderíamos anotar nele o que tu, mesmo involuntariamente, nos causou com a tua vinda e o que vais nos causar adiante: o primeiro susto (será que ela é mesmo normal, sem nenhum defeito?), a primeira decepção (é tão feia quanto qualquer recém-nascido), a primeira tristeza (ainda que tenhamos amor por ti, não é um amor grande o suficiente pra ter te deixado só no sonho), a primeira dor (afinal, somos responsáveis por ter te trazido aqui — aqui, onde terás de conviver diariamente com o não, quando todo o teu ser suplicará pelo sim).

**B**ia, já posso pronunciar o teu nome com a força da verdade, estás ali, acontecendo, naquele berçário à meia-luz, entre paredes verdes — um verde erva-doce, distinto do verde-musgo dos meus olhos —, entre outras crianças, também egressas de outros úteros; na certa te sentes exilada e, talvez, como muitos de nós, continuarás por muitos anos, senão pra sempre, a te sentir assim, imprópria pra este mundo, transplantada pra um terreno que muda de estação pelo teu olhar mais do que pelas formas que o determinam, porque, às vezes, há mais seca numa inundação do que num deserto, mais verão numa folha do que num bosque inteiro; ■■■■■ tu estás começando a te adaptar do lado de cá, onde os nervos vivem expostos e as garras crescem, adaptar-te a esta sólida certeza, tão sólida que há quem precise da vida inteira pra se ajustar a ela, pra entender a sua lógica, pra tingir o seu cinza de tanta realidade até que se torne negro; o único jeito de te violentar menos, Bia — agora pronuncio o teu nome, não mais temeroso —, é aceitar que as tuas vísceras são de vidro, que o teu sistema de amar é falível, que os teus sonhos se desregulam, e na entrega está o germe de nossa resistência; ■■■■■ não há, Bia, é bom que aprendas cedo, não há outra maneira de avançar senão experimentar, seja o que for, pena ou regozijo, ternura ou estupidez, o seu máximo limite, ■■■■■ não se bebe o momento em pequenos goles, mas em longos tragos, afogando-se nele até sentir, em tuas entranhas, a vertigem de ser quem tu és inteiramente, de saberes desde já, sem que tenhamos te ensinado, que vão te reconhecer pelos traços que teu rosto ganhará nos próximos anos, pelo timbre de tua voz, talvez até pelo teu jeito de andar, vão te reconhecer, Bia, se conseguires alinhar o ritmo de tuas células ao giro dos astros, pelo tom do teu silêncio mais do que pela qualidade de tua fala. ■■■■■ Ainda hoje, provavelmente de madrugada, após o sono inaugural fora de tua redoma, acordarás com fome e compreenderás que não estás conosco no paraíso, e, então, vão te trazer a este quarto e te entregar à tua mãe, e só depois que tu e ela conseguirem se encaixar, a água salgada na face de ambas, a tua boca finalmente a sugar o seio dela, a tua cruz se tornará leve por um instante, e seguirás, assim, pela vida afora, em busca de experimentar novamente esse êxtase. ■■■■■ A fome maior, Bia, a gente mata comendo os próprios lábios, mastigando com a gengiva os nossos dentes e engolindo a nossa própria garganta. ■■■■■ Tua mãe, os mamilos rasgados pela abundância de leite e pelos teus sorvos sedentos, daqui alguns dias em carne viva, te passará — tão mínima neste mundo, tão pequena e leve tu és, caberias numa caixa de sapato, como as cartas e as fotos e tudo o mais acumulado pela maioria das pessoas —, te passará pros meus braços, Bia, e aí eu poderei pronunciar, não mais mentalmente, ou apenas sangrando no papel, o teu nome com a minha voz, soprando-o diante de teu rosto, e tu sentirás o meu hálito, nada divino, tão (e irremediavelmente) humano, Bia, pois é essa fragilidade, esse abandono forçado de cada um na sua própria solidão, que nos configura, que nos inunda de esperança, embora, também, nos prenda ao chão e faça de nossos pés raízes vivas, rastejantes. ■■■■■ Contigo em meus braços, poderei dizer o teu nome, Bia, com a paciência dos compassivos, certo de que, a partir de então, ele nomeará a tua vida; vida que acompanha o meu ritmo respiratório, a tua cabeça encostada em meu peito, a ouvir meu coração; o coração de tua mãe conheces há tempos, os filhos não aprendem a amar a mãe, Bia, os filhos amam a mãe desde o início, mas o pai, o pai os filhos têm de aprender a amar, porque sempre estiveram fora dele, e, mesmo dizendo o teu nome diariamente, desde que soubemos pelo médico, *é uma menina!*, mesmo sussurrando o teu nome junto ao umbigo de tua mãe, como se tu pudesses me ouvir, como se a pele não fosse também uma casca de mentira, capaz de enganar o toque que nela reverbera, ■■■■■ só agora eu posso dizer o teu nome, com a força dos conjuros, o nome é que nos inicia no mundo dos signos, Bia, o nome é a sombra que vais carregar minuto a minuto,

como os teus braços, e, junto ao nome, há uma estrela com a data de tua chegada, quando ela então começa a luzir, e terá de luzir sem parar, mesmo que não queiras, ou odeies o esplendor, luzir até que se apague será a tua sina, Bia, assim se passa com cada um de nós; sem que o saibamos de largada, o que nos eleva, embora também nos dilacere, são as grandes feridas. ████████ O nome, Bia, é a primeira delas, e continuará edema aberto pra sempre — mesmo quando, ao lado dessa estrela, colocarem uma cruz, confirmando o teu regresso à escuridão —, o nome, que lhe demos, jamais deixará de ser a cicatriz primeira de teu destino.

Como toda história, não sei aonde a tua vai dar, se vamos passear pelo parque nas manhãs de domingo, se andaremos juntos por rudes paragens, se tu serás silenciosa, como a tua mãe, se terás febre por longas noites, se o sol ou a tempestade será teu primeiro alumbramento, se cairás incontáveis vezes até te arvorares sobre as duas pernas, ■■■■■ não sei, Bia, qual será a tua cor preferida, não sei quantas bolhas terão teus pés depois de te arrastares por essas ruas de piche, quantas rugas arrasarão o teu rosto toda vez que a realidade violentar a tua inocência, ■■■■■ eu não sei, Bia, qual é o teu ascendente zodiacal, nem a tua pedra no jogo das runas, eu não sei se vais gostar de agrião como o meu pai, não sei se será prazerosa ou dolorida ou traumática a tua primeira transa, não sei tanta coisa de ti, Bia, e nem saberei, não apenas pelo tempo, estreito, que vamos conviver, mas porque há coisas que nunca saberemos de nós mesmos, muito menos dos outros, e há coisas que não devemos saber, para que nos doam menos ■■■■■ eu não sei, Bia, quantas vezes vão te espremer o nariz no vidro blindado da verdade, não sei o quanto o teu coração suportará as flechas românticas, ■■■■■ não sei, Bia, embora saiba tantas coisas, eu não sei se o cisco em teu olhar vai te impedir de ver a arquitetura do destino, se o tempo vai se abrir, como uma gaveta, pra te mostrar o que existe na fenda entre o dia e a noite, se as membranas do passado se desfolharão pra que te reencontres comigo nos eventos que vamos viver, não sei se o tempo que se deposita nas coisas feito pó permitirá que o recuperes na campa funda de tuas experiências, ■■■■■ não sei, Bia, quase nada de ti, mas sei que somente o silêncio pode cortar a língua das palavras; sei que muito se fala da morte das estrelas, já apagadas quando sua luz chega até nós, mas ninguém nos lembra que há outras estrelas em gestação, ■■■■■ a vida, contra a própria vida, se ergue do nada, a vida, eu sei, rasga com seus galhos espinhentos a paisagem de seda, e eu, ainda que não saiba o quão fundo o capim-cidreira vai cortar a palma da tua mão quando alisares suas touceiras, eu sei o quanto um lápis, mesmo com seu grafite quebradiço, é capaz de obrar milagres contra a vontade do mundo, e, justo porque não sei se tu serás áspera como lixas de aço no trato com as tuas veleidades, eu te digo, Bia, ■■■■■ o tempo, que, pacientemente, te trouxe aqui, começou a contagem regressiva, o tempo é este alicate, o tempo puxa o fio da vida, estica-o, corta, emenda, torce, o tempo, Bia, vai te violar de mansinho, a ponto de nem perceber, senão quando, diante do espelho te espantar com o desenho perverso que, sorrateiro, ele moldou em teu corpo, o tempo é o inquilino que mora em cada uma de tuas células, e, como todo inquilino, ali se aloja pra gastar as tuas paredes, sorver o teu oxigênio e recolher em vasilhas, como se fosse goteira, o sol que entra pra te avivar, ■■■■■ é o tempo, Bia, que vai te levar à porta da rua, e basta abri-la para tudo que é estranho se entranhar em tua alma, como um prego enferrujado num osso, um caco de vidro na base do pé, ■■■■■ eu só sei, Bia, que a minha história talvez termine quando a tua estiver ao meio, ■■■■■ eu não sei um universo inteiro de coisas, não sei e nem terei tempo de aprender — e eu queria tanto aprender a tocar um instrumento! —, eu ignoro imensidões, que não cabem em minhas vivências, eu sei que há minas colossais de sabedoria, que uma pepita extraída delas me ensinaria mil maneiras de perdoar a mim mesmo e aos meus semelhantes, eu sei que a jornada dói mesmo nas estações floridas, eu sei que quase ninguém se melhora nesta jornada, Bia, as garras nunca param de crescer em nossas mãos e em nossos pés, apenas se tornam fracas e inofensivas, ■■■■■ mas, por tudo isso que desconheço, eu sei que não vão poupar a tua gengiva na hora de arrancar os dentes, não vão economizar saliva pra inundar de críticas as tuas conquistas, não economizarão mordanças pra amarrar a boca das palavras no teu silêncio, eu sei que as noites estreladas, se lindas e inesquecíveis, podem cegar as tuas lembranças, eu sei que certos sonhos têm a consistência dos rochedos, eu sei que o dardo dos gritos quase nunca atinge o alvo,

██████ e há outras fomes que não se comem com garfo e faca, e há carícias que nos sugam mais que solos movediços, e tudo se apaga quando o medo não consegue dormir, Bia, e tudo se acalma quando cessa o torvelinho dos pensamentos, e tudo se ilumina quando temos a manhã em nosso corpo, e a âncora do perdão nunca mais se solta da consciência, e as ideias gagas por vezes nos salvam dos abismos, e os sonhos soluçantes nos mudam os olhos, e o azar quase sempre paga o preço da sorte, os desejos se rasgam tão facilmente como papelão e, igual às flores, as alegrias também apodrecem no dia seguinte, e o cortejo de aflições segue em fila dupla, de um lado as dores, do outro a sua sombra, e é com a ponta dos dedos, não com o nariz, Bia, que se fareja a história de fracassos na pele do outro, e quem começa qualquer empreitada com receio se fecha para o destino, ██████ e eu só sei, Bia, que, em breve, não estaremos mais aqui, e, enquanto estivermos, eu quero, humildemente, te ensinar umas artes que aprendi, colher a miudeza de cada instante, como se colhe o arroz nos campos, cozinhá-la em fogo brando, e, depois, fazer com ela um banquete.

**E**u ia te ensinar como desviar das trilhas tortas que vão se colar na sola de tuas sandálias, e como te manter em calma quando os ventos acusatórios te açoitarem, ■■■■ eu ia te ensinar a fugir das circunstâncias que nos arrastam aos abismos, ia te treinar a distinguir os diferentes verdes da paisagem, ■■■■ eu ia te explicar por que a chuva lava a pele do solo e revolve as profundezas, eu ia te ensinar a aceitar as vicissitudes como aceitamos a curvatura dos planaltos, o curso sinuoso dos rios, a consistência do ferro e a sua vocação pra ferrugem, eu ia te exortar a defender uma causa perdida e a ela te entregar, ia te exercitar com as ferramentas que a verdade nos dá quando o motor da fé engasga, eu ia te mostrar que o invólucro das palavras pode ser mais doce que a sua gema, eu ia te mostrar com quais pedras e gravetos se faz um ninho, ia te treinar a desfazer o nó que invariavelmente cega as nossas ideias, eu ia provar, com mil exemplos, que se pode inventar metáforas em cores a partir de clichês cinzentos, ■■■■ e, em movimento oposto, eu não ia aplaudir o brilho do tecido se o que te agasalha é o forro, eu não ia te receitar fórmulas pra apaziguar tuas inquietações — eu só acredito no antídoto que, reagindo com a nossa química, é rebento do próprio veneno —, eu não ia falar em pétalas se o momento exigisse espinhos, não, Bia, ■■■■ eu não ia, jamais, te emprestar, se me fosse dada a prerrogativa do não, a minha miopia, pra que não visses no grão o grandioso, no cão o lobo, no lume a lama, ■■■■ eu não ia te dar copos pra recolher rios e mares, nem consentir que pegasses o meu atalho pois a tua senda está na planta de teus pés, ■■■■ mas eu ia te ensinar a sentir, pelo toque, a temperatura da argila, pra que conhecesses a matéria volátil com que é feita a nossa existência, eu ia te ensinar que certas ramas se entortam porque seguem o prumo das nuvens, eu ia degustar contigo o sumo dos imprevistos, eu ia, filha, revelar por inteiro o meu molde bruto, de granito lírico, e eu ia, nos dias rústicos, deitar o ouvido à terra de teu peito pra localizar os teus sismos (porque o coração é sempre a carne em vertigem), ■■■■ eu ia, à mesa, apontar sobre a toalha de domingo o valor do farelo, eu ia te ensinar a ser paciente com o tempo, venerá-lo pela sua indiferença ante o orgulho e o sofrimento humano, porque sob o jugo dele todos os caminhos levam ao fim, todos os rumos (mesmo os mais belos), à ruína, ■■■■ eu ia, em noites brumosas, Bia, evocar a ternura dos encontros familiares, a alegria das rodas de conversa, o fascínio das histórias antigas, eu ia adubar as flores no jardim de casa enquanto tu, de cócoras, ao meu lado, observarias, curiosa, o meu desvelo, e pra que me conhecesses, como a um pai se deve conhecer, ■■■■ eu ia te dizer num instante qualquer, na cozinha, numa tarde de sábado, eu ia te dizer, com uma delicadeza feroz, que é pelo caminho de dentro que a larva alcança o voo, que a madeira estala furiosa ao fogo se a lambuzam de verniz, ■■■■ eu ia te aconselhar a não resistir à ordem das estações, porque dentro de cada uma as outras também estão operando, ■■■■ eu ia te ensinar por que se vê retirantes nos poentes, e por que não há hora certa pra inserir morte na paisagem, e por que aquele que sulca a terra e a rasga com uma artéria d'água para irrigar a lavoura merece a reverência do sol e o respeito da chuva, eu ia te ensinar, Bia, por que, subitamente, a linguagem frutifica, vazando primavera por todos os poros, por que é mais digno se molhar no sangue do presente do que no pó dourado do passado, ■■■■ eu ia te ensinar por que de não em não o tempo se sacia de nós, o tempo nos nega os desejos e nos avilta os sonhos, por que não existe a terra prometida senão em nós, e porque ela está cercada de continentes barrentos e istmos movediços, ■■■■ eu ia te levar pra passear nos bosques que o meu imaginário esculpe, eu ia te ensinar a podar os ramos mais altos das árvores, porque se é preciso aprender a plantá-las é igualmente vital que se saiba apará-las, ■■■■ se eu pudesse, Bia, eu ia te ensinar tudo isso e muito, muito mais, eu ia até te contar baixinho, ■■■■ eu ia te contar o segredo do universo como quem sussurra uma canção



de ninar, mas eu não posso, filha, eu só posso te garantir, agora que chegaste, a certeza da despedida.

**M**as, por enquanto, aqui estamos, Bia, e é com essa certeza de existir que seguimos sob a ordem dos dias, e, assim, logo iremos pra casa e, já que tu entraste num certo ponto do mundo, trecho talvez final da minha jornada, vais ouvir falar de gente que te antecedeu, e com quem nunca poderás conviver, uns nomes bonitos e sonoros, Mateus, André, João, Sara, Luíza, Tiago, Marisa, e, então, eu vou te apresentar a eles, porque haverá, certamente, algo de um e de outro na cor de teus cabelos, no teu jeito de sentir a pele das horas, na constituição de tuas glândulas e no enredo de teus sonhos. ■■■■■ Eu não sou de cultivar imagens, mas eis aqui, nesta caixa de papelão, umas fotografias — as da família de tua mãe, veja a diferença, estão em pequenos álbuns, organizadas por data, com legendas e comentários —, e também há uns vídeos, poucos, sim, eu nunca fui de arquivar momentos em estantes, estão todos aqui, na memória, à espera do imprevisível para retornarem, ■■■■■ e, mal acabo de abrir a caixa, eis a primeira delas, vês?, este é o teu avô comigo, eu ainda menino, o teu avô André, homem maior, pena que nunca verás os olhos verdes dele — doía a gente mirar, tão bonitas eram aquelas esmeraldas vivas! —, e aquelas mãos vincadas de histórias, que muitas terras lavoradas deveriam agradecer, o teu avô sabia aprumar as sementes, nutrir as plantas com a justa medida de água e sol, recolher, sempre zeloso, os frutos sadios das árvores, as mãos dele viviam cheias de entrega, não cabia mais nelas tanta oferenda, uma pena que não podes ver, atrás desse tom sépia, a intensidade da vida vinda do chão onde ele pisava, humilde, veja que, entre tantas fotos, foi esta, de teu avô André, que saltou primeiro à nossa vista, embora não importe a sequência de cartas para o destino de um baralho, aqui, Bia, nesta caixa, jaz um tanto do que tu és e outro tanto do que serás. ■■■■■ Este teu avô veio de Granada, ainda criança, com o pai e a mãe fugitivos do franquismo, camponeses que, por acaso, foram encaminhados a fazendas de café no interior de São Paulo, onde continuaram cortando as mãos em folhas de capim, em cabos de foices e de enxadas, em terreiros de grãos, e, anos depois, quando foram viver na pequena cidade onde nasci, foi a vez de gastá-las na lavagem de louças e panelas, no restaurante de onde tiravam a renda pra nossa educação, e entre essas tarefas, laceraram-nas em colheres de pedreiro, tijolos, martelos, ripas de madeira e serrotes para erguer a casa, que meus pais, eles mesmos, construíram e moraram até o fim, aqui deve ter uma foto dele lá comigo e com a minha irmã no quintal às brincadeiras, se bem me lembro, era um dia ensolarado, o pé de romã que minha avó Sara havia plantado anos antes todo florido, o ventre das frutas aberto, deixando entrever os grânulos de um vermelho intenso, um dia que era só sol, sol, sol, e eu nem imaginava que seria o professor que, em parte, me tornei, e em parte, o mundo, à sua maneira, me torneou, eu diferente de qualquer outro, embora até às tampas das dúvidas de todo homem, a vida vingava, forte, e bastava a agulha no músculo com uma substância nociva, a delicada membrana de uma artéria vital se romper pra tudo se esvaír. ■■■■■ Olha só, esta é a tua tia Marisa, minha irmã, veja o laço enorme de fita azul nos cabelos dela, era moda naquele tempo, era a festa de quinze anos dela, à direita o meu pai, à esquerda a minha mãe, tua avó Luíza, ela iria te querer muito, Bia, iria te mimar, como o fez nos poucos anos que conviveu com o teu irmão, Mateus, a tua avó Luíza amava crianças, se o teu avô não erguesse com as palavras muralhas entre ela e nós, seus filhos, ela teria nos asfixiado com seus afagos, talvez porque tenha sido tão difícil pra ela trazer a mim e a tua tia à vida, só dois filhos, enquanto, à época, os casais tinham sete, oito, nove, se eram muitas as bocas a nutrir, também era o dobro de braços pra ajudar no eito, o dobro de pernas pra perseguir a sorte, talvez por ter gerado tão pouco, a tua avó Luíza se exagerava em nós, o que pra outras mães havia sido fonte borbulhante pra ela foram gotas silenciosas, o que pra outras, seiva espessa, pra ela, fluido frágil, o que às outras chegara farto, a ela faltara, a tua avó

era do tato, gostava de tocar, como se o corpo do outro lhe desse a segurança de que estava viva, de que o amor seguia seu andamento, como se a pele da gente, e mesmo dos objetos que ela apanhava, fosse o ancoradouro de que precisava pra se sentir inteira; ■■■■■ bem diferente de teu avô André, que era da fala, o teu avô, era fácil perceber, gostava de decantar as palavras — ele quem me ensinou que elas, as palavras, servem pra abrir e fechar; se bem combinadas, estreitam latifúndios e alargam veredas —, o teu avô as degustava como a um vinho, antes de pronunciá-las, ele as inundava com saliva, quando não as besuntava de silêncio, e era por isso, certamente, igual se azeita uma fechadura, que as palavras dele nos abriam sorrisos, nos abriam os olhos, nos devassavam a memória de fora a fora, e era justamente por essa habilidade, que, na via contrária, não raras vezes, as suas palavras nos fechavam a boca, nos encarceravam no espanto, zipavam a nossa ingenuidade, ■■■■■ veja, Bia, nesta foto mesmo, os lábios dele estão levemente separados, como se tivesse dito algo segundos antes do *flash* espocar, um comentário que, não obstante inapreensível pelo fotógrafo, havia guiado a foto, levando-a a ser o que ela era, registro perene de um momento e não de outro, e a tua avó Luíza, veja como está enlaçada à tua tia Marisa, um corpo a pedir a solidez do outro; esta foto revela cada um de nós, o teu avô André e as palavras, a tua avó Luíza e a sua ânsia pelo contato; o tempo todo, em qualquer gesto, estamos dizendo quem somos, Bia, mesmo aquilo que só roçamos é capaz de nos retratar, plenamente; ■■■■■ a tua bisavó Sara, que lia a mão das pessoas, era versada noutras leituras, dizia que era possível, no escuro do quarto, saber pela respiração a qualidade do nosso sono, se bom ou mau, ela podia adivinhar até com quem sonhávamos, *posso ler o seu sonho como se lê uma história*, ela dizia, a voz cheia de velhice, já com ecos do outro lado, igual ao cheiro, que recendia a caules em deterioração, a pele pedia o retorno à terra, a tua bisavó Sara, deve ter alguma foto dela no fundo desta caixa, despertava cedo, mas demorava pra amanhecer, é o que me lembro, porque eu só a conheci nos seus últimos anos, o sol já ia alto no céu, mas o dia ainda não tinha nascido nela, a gente percebia, a bisavó Sara na varanda; foi com ela, Bia, que eu aprendi a captar a hora da despedida, com ela eu descobri que a gente se agarra até mesmo a fiapos de vida, quando não ao seu próprio bagaço, o restolho mais macerado ainda guarda algum sumo, no ato consumado resta um nada a ser extraído, a tua bisavó Sara dizia com seus gestos, à mesa ou na cadeira de balanço, *estou indo embora*, a tua bisavó Sara escrevia nas folhas do silêncio, *estou indo em paz*, a tua bisavó Sara me dizia com aqueles olhos mouros, *não se preocupe, a vida te prepara pra morrer*; ■■■■■ e eis aqui, de novo, Bia, o teu avô André, agora sorrindo, não sei direito onde ele está, talvez no adro da igreja, talvez seja a primeira comunhão do meu primo Tiago, naquele tempo só as festas mereciam registro, não era como hoje que se fotografa qualquer instante, há quem viva, inclusive, a retratar a si mesmo a toda hora, como a um pomo de ouro, há quem, diante de uma paisagem grandiosa, prefira capturá-la mais no monitor do que na alma; ■■■■■ sim, Bia, havia umas poucas festas, um calendário despojado de cerimônias — verás que não é preciso mais que tábuas fortes pra se fazer uma cumeeira —, mas cada uma delas era um rito, um sulco fundo na nossa memória, porque na família, teu bisavô João quem iniciou essa tradição, tanto quanto era lei fortalecer o sentimento do dever, também o era o dever de celebrar, sábio e piedoso era o Deus que inventara os encontros festivos, a Ele devíamos louvar e venerar com lautas homenagens, porque no refluir das horas as chagas cessavam de arder, os medos, de germinar, os crimes (imaginados) murchavam, as apreensões (reais) adormeciam, tão logo as festas terminavam, a alegria retornava a pingar, sua torneira a fechar ■■■■■ e, agora, quase não mais festejamos, não fosse a tua mãe cultivar novos cachos dessa tradição, ela, alegremente, promovendo, no improviso, umas reuniões modestas em iguarias e faianças se comparadas às mesas de teu bisavô João, a tua mãe, inábil pra encilhar vaidades e cavalgá-las, com as mãos nascidas só pra servir, a tua mãe, veja ela aqui, não na foto em si — tirada há dois anos, na qual eu estou sozinho, na formatura de uns alunos —, mas em mim, veja, ela já estava nos meus olhos; a tua mãe, Bia, se esmera tanto pra unir pessoas ao redor de umas fatias de pão e uma garrafa de vinho, e ela mal se vale desse usufruto, a tua mãe é um motivo mais que perfeito pra festejarmos, em qualquer data, o efeito de bálsamo dela em nosso cotidiano;

sim, depois, quando tiver forças, ela te mostrará os parentes do outro lado, com mais vagar e ternura, te apontando aqueles que fizeram cortes na terra e aqueles que se machucaram de cidades, e, sobretudo os que estão vivos, por sorte a maioria, e quais provavelmente terão maior influência no teu destino, não sendo apenas garatujas, mas textos inteiros no teu diário de presença; e eis aqui, Bia, uma foto de teu irmão, vestido de Batman, veja, ao fundo, a luz solar, tão fúlgida, o teu irmão, aos sete anos, num daqueles momentos em que uma vida, então de extraordinárias descobertas — no futuro inteiramente de suspeitas —, atinge o último céu, sem perceber a tempestade se armando atrás de si, o teu irmão na graça de um instante, a provar este gosto infinito, que às vezes ainda me convulsiona, este gosto infinito de viver; e eis a tua avó Luíza de novo, neste retrato ela nem sabia que gerava uma doença e crepusculava, e veja o teu avô André nesta foto três por quatro e, nesta maior, a tua tia Marisa novamente, agora acompanhada deste rapaz, se não me engano, um namorado dela, e o primo Tiago de mãos dadas com o tio Frederico, eis aí, Bia, os teus-meus parentes, eles estão nesta caixa, embaralhados em imagens de papel, pra que tu lhes dêes outra vez um rosto, se, um dia, quiseres a eles conceder a ressurreição.

**E**, já que aqui estamos, Bia, vamos viver juntos o teu período de levezas, pois então eu poderei inflar em teu juízo o ar das brincadeiras, e te colocar sobre meus ombros, pra que tenhas, como toda criança, a ilusão de que alcançarás com as tuas mãos as estrelas, vamos viver essa era que dói pela sua brevidade e pelo encanto das coisas simples, e quem sabe, Bia, tenhamos a sorte, tão comum à maioria dos pais e filhos (eu já a tive com teu irmão), de nos abandonarmos às tardes de preguiça, de nos esquecermos, hora após hora, na modorra dos dias cálidos, e que possamos num feriado qualquer montar juntos um imenso quebra-cabeça de mil peças — pra que, sem te dares conta, comeces a entender o quanto somos feitos de fragmentos, o quanto somos desinteirados de nós mesmos —, e, depois, possamos sair ao sol certos de que, vistos pelo destino como figuras furta-cor, nós o enganamos, ao menos por um tempo; ■■■■■ e já que aqui estamos, quem sabe possamos ir a um desses parques da cidade, um próximo à nossa casa, e ao qual chegaremos caminhando, e, ao entrar lá, tu queiras andar num pedalinho em forma de cisne, e a tua mãe esteja conosco, o rosto fulgurante de gratidão à vida, como quando ela sorri, de repente, abrindo o seu território íntimo, e nós três nos afundemos nessa diversão, sob a sombra fresca de um ipê, e, então, desfrutemos, calmamente, da vista verde dos arbustos, das folhagens à margem da lagoa, e conversemos sobre o mundo ao redor e o fato de estarmos ali, sem percebermos a densidade de nossa própria presença; ■■■■■ e depois, Bia, talvez queiras correr atrás das pombas, ou sejas atraída aos quiosques pelo cheiro de cachorro-quente e de pipoca, e, então, acriançaremos novamente; e, como se num surto de calma, ficaremos ali, a viver com os pés fundos no momento, gratos pelo céu azul sobre nossas cabeças, e pra ele apontando o dedo, de súbito, *olha, filha, um avião!*, deitados sobre a relva a farejar o aroma das ervas; ■■■■■ sim, Bia, há tantas formas de divertimento, de capturarmos, num flagrante fotográfico, o movimento da eternidade no instante em que ele passa por nós, a tua mãe, por exemplo, poderia te colocar sobre as minhas costas, e eu te levaria por uma estrada frondosa, nascida, de repente, das paredes da sala, e eu trotaria por ela, garboso, e os meus solavancos te levariam a gargalhar e, por instinto, para não caíres, me puxar com força as crinas curtas — estes cabelos, já escassos e alvos —; ■■■■■ ou eis que estamos, os três, esparramados na cerâmica fria da varanda, numa tarde de verão, com lápis de cor te incentivando a fazer e a colorir garranchos numa tira de papel, casa, árvore, sol, pai, mãe, na esperança de remover das coisas seus toscos contornos, a casa (com a chaminé a soltar um fiapo de fumaça), a árvore (com flores vermelhas), o sol (círculo amarelo rodeado de riscos), eu (e uma suja barba na face), tua mãe (e os compridos braços dela, que me receberam, com a leveza de plumas, como se em preparativo pra te acolher depois); ■■■■■ e seja sobre o selim de uma bicicleta, seja diante da tela de um computador imantados a um game, seja num jogo de cartas, *quem pegou o mico?*, seja queimada, passa-anel, esconde-esconde, seja qual for a brincadeira em que estejamos absortos, no chão da sala, nós, de repente, debulhando letras e tirando a casca das palavras, sem perceber a nascente de uma escrita silenciosa em nossas mãos, seja o que estivermos fazendo, Bia, devemos fazê-lo com a paciência daqueles eleitos, mas nunca chamados; ■■■■■ e já que aqui estamos, quem sabe possamos aprender com as aves a conter no corpo o horizonte, desdobrar os braços para quando for preciso rasgar a terra ou desventrar um animal, ■■■■■ e já que aqui estamos, Bia, venha, vou misturar a minha vida à tua, vou te ninar com canções imemoriais nesta noite e em muitas outras, vou tentar não me desesperar com o teu choro, quando tua mãe adormecer, exausta, vou inventar uma senha para acessarmos o riso juntos, e vou me repovoar de perdão, sim, vou me repovoar de perdão, Bia; ■■■■■ e já que aqui estamos, vou tentar também ser menos quebrável aos golpes do mundo, vou cuidar, enquanto puder, das

assaduras de tua pele nova, vou te insuflar o ar da compaixão — porque, às vezes tristes, às vezes alegres, somos sempre solitários —; ████████ e já que aqui estamos, vou te mostrar como reconhecer no canto dos pássaros a sagração da primavera, se uma colônia letal de bactérias me poupar, se um motorista embriagado não atravessar a minha frente, se uma lâmina não me rasgar a jugular, quero continuar, Bia, a contar esta história pra ti; vais demorar anos pra entender o que eu te digo, terás de passar por milhares de dias e tuas células terão de se reproduzir incontáveis vezes, mas, já que estás aqui, no meu colo, fiquemos em silêncio, embalados pela paz deste momento, alheios à (invisível, mas não despercebida) brutalidade do fim.

A tua história, Bia, é o bem mais precioso que tens, ainda que não venha a ser grandiosa, é a tua história que te dará a medida de estar no mundo, ela é que exorbita ou reduz o teu valor perante ti mesma e perante a misteriosa avaliação dos outros — não há como te esterilizar do passado (que veio de mim e de tua mãe e já se aderiu ao teu espírito feito solda), qualquer história, enquanto se desdobra, é um reino de possibilidades, uma história, quando a escrevemos, delineia aquilo que poderia ser, nunca o que foi nem o que é, porque a memória (o passado) só se revigora se a formulamos de novo (no presente), retocando a luz de sua trama com o grafite das trevas, a tua história, Bia, há de ser mais uma cicatriz que se somará a outras nas páginas de rosto da nossa família, e eu te louvo, filha, por aqui estar, fio de água, no broto de tua nascente, pra cumprir o teu curso, e eu te peço perdão, outra vez, por não poder te poupar das chagas que te esperam lá na frente, nem ter o unguento que amenizará a ausência, seja a minha, seja a de quem um dia te abandonar, eu não posso te dizer o contrário, que é possível a gente se curar dos outros — eu, nem de mim, até hoje, me curei —, e é justo, embora seja precoce pra teu entendimento, deixar claro que é um erro qualquer tentativa de esconder a verdade, ninguém sabe, filha, se o que bebe é água ou vinho, se só um deles provou, e, mesmo assim, há quem soube (e continuará sabendo) transformar um em outro, há quem consiga andar displicente sobre ondas em fúria, há quem consiga serenar a plateia com relatos desesperados; — o limão, Bia, nunca brotará em laranjeira, a árvore sabe quanta doçura, quanto amargor, doa a cada um de seus frutos; eu sou o pai que a vida te deu, e esta, que te toma nos braços agora, que tenta, sem jeito, te dar o mamilo pra sugares o teu primeiro alimento do lado de cá, é a mãe que a vida te reservou, a dádiva (ou a dor) que cabe carregar em teu ser, mas, como a tua história está em botão, enquanto ela se abre, devagar, poderás te dar um pai e uma mãe, fora de ti, melhor ou pior do que somos, porque aquilo que a vida nos dá não é o que nos determina, apenas o que nos inicia, o que nós mesmos nos damos, no empuxo de viver nossos instantes, é o que pode virar esse jogo; — mesmo que empunhe com ímpeto a caneta pra impor a tua escritura, tu não a farás só, Bia, o destino segurará a tua mão, como um mestre, — não há caminhos que o mal não conheça, é o alvo que se compadece da bala perdida e conserta a sua rota, atraindo-a para o próprio coração; por isso é que ouvir a história do outro nos alivia (ilusoriamente) o ardor da ferida, como sopro curativo, desligamos de súbito a consciência, por isso é que contamos histórias aos filhos, a fim de adormecê-los, por isso eu te conto, Bia, esta primeira história: — era uma vez uma princesa, era uma vez uma bruxa, era uma vez um gato, assim eu gostaria de começar, mas eu só sei mexer com a tinta fresca da verdade, eu só posso começar assim, filha, era uma vez um homem, era uma vez uma mulher, era uma vez os teus pais, e o que vem adiante tem a mesma espessura de todas as outras histórias, porque os grãos sobre a mesa em nada diferem um do outro, só variam os detalhes, onde há um sorriso agora se tem um ricto, a catedral se transformou em ermida, o faminto virou pródigo, são os detalhes, filha, que dão a luz ao dia esmaecido, e o detalhe, Bia, em teu (nosso) caso, é que um broto irrompeu deste lenho velho em contato com a terra, e, nele, a primavera germina, impiedosa, com todo o seu vigor.

**R**egistro aqui, Bia, que hoje saíste da maternidade e vieste pra casa, agora estás no quarto que fizemos pra ti, tua mãe escolheu os motivos florais do papel de parede, o móbile de borboletas, o berço onde te deitamos pela primeira vez. ■■■■ Fico te mirando porque tu és o elemento vivo que a realidade me entrega neste instante, o teu corpo frágil, encoberto por tantas camadas de roupas — deverás sentir o frio e o calor com a mesma resignação! —, o teu corpo frágil é uma âncora pros meus olhos cheios de águas turvas, e pro meu pensamento à deriva em meio às aflições, nem distingo entre as sombras os teus traços, embora minha memória desenhe a curva de teu nariz, de teus lábios, de teu queixo, e esse é um método que aprendi ainda menino, desenhar com a imaginação o retrato das pessoas queridas e ausentes, porque nada é capaz de reacender alguém em nós mais rapidamente do que a vida experimentada à mesma hora; ■■■■ fico te mirando em silêncio, sem nenhuma expectativa de que despertes e sorrias pra mim, como se reconhecesses neste vulto vergado sobre o teu berço alguém que te ama, eu apenas te miro porque o tempo, com seu manejo secreto, me trouxe até aqui, depois de ter atravessado a mares tempestuosos — a tua mãe quem serenou as minhas ondas desgovernadas —, eu te miro em silêncio, ciente da natureza justa das coisas; eu me sinto, Bia, como naqueles tempos, menino entre meninos, descalço e sem camisa, jogando futebol num campinho improvisado, esquecido dos deveres, e que, de repente, se dá conta de que a noite desceu, tão mansa que nem notou, pois o aroma das árvores no escuro se intensificou, o vento veio refrescar os rostos em fogo, assim, Bia, é que percebemos o abrir das flores, há um minuto estavam fechadas, e, eis que agora, revelam a sua intimidade, eis que a tarde, então, começa a cair como uma folha, ■■■■ é nesse mínimo tempo, Bia, que tudo se dá pra se ver e rever, e há quem não verá senão a própria sombra, e, mesmo os dotados de ampla visão, serão incapazes de capturar o todo num lance de olhos, é por meio dessas frestas, enevoadas, que espiamos o universo; ■■■■ então, eu te miro em silêncio, apenas um pai que chega do trabalho e assiste na obscuridade de um quarto o sono de sua filha, que captura a vida sendo gasta de forma desigual — rápida pra mim, vagarosa pra ti; ■■■■ eu te miro em silêncio, que em mim abafa recordações, eu retiro de meu olhar tudo o que não é o teu pequeno corpo, envolvido nessas mantas perfumadas, eu viro a chave da impaciência dentro de mim, eu pinço esta cena do universo, como se pudesse extrair dele um fragmento só pro meu deleite; ■■■■ eu te miro, Bia, em silêncio, e, agora, que tua mãe também entra neste quarto e se põe do outro lado de teu berço, somos dois, um mais apto a fazer da árvore caibros, outro a tirar dela os ramos para muda, somos dois, um pai que talvez não saiba erguer a ponte entre o mundo e a tua compreensão, filha, uma mãe, cujo ventre tu rompestes em perigo, que, não obstante tenha desejado tanto a tua vinda, arriscou-se à perda dupla, passando uma gravidez entre dias de sobreaviso; ■■■■ eis aqui o teu dote, Bia, as companhias que te deram pra que não começasses a trilhar tão sozinha a tua via; ■■■■ eis nós dois, ao teu redor, nem te vigiando, nem te velando, apenas te vendo viver, como nós mesmos o fazemos; ■■■■ eis os braços, únicos, que podem te acolher e recolher sem nenhuma exigência em troca, eis o teu pai e a tua mãe, Bia, um de cada lado de teu berço, em torno do qual não há reis magos com prendas e mimos, nem o hálito de animais (uma vaca, um burro, um carneiro) pra te aquecer, eis um espaço de tijolo, cimento e cal, que não se assemelha a nenhuma manjedoura, eis os objetos de teu quarto, um criado-mudo, um abajur, uns brinquedos, e o lençol, que não cheira como capim verde nem como restilo de cana, sobre o qual te pusemos pra dormir, as mãozinhas fechadas, tentando prender o mundo; ■■■■ e, pela janela, Bia, não vejo lá no horizonte nenhuma estrela, eu vejo um nevoeiro que se esgarça, deixando à mostra a noite a mover os seus ponteiros; é isso que somos neste quarto, filha, um quadro onde a vida, aparentemente



estática, se esbate senão com desespero, com a fúria de ser o que ela é — rosa que, a um só tempo, brota e se deteriora —; é pra enrubescer a nossa face que o sangue corre, Bia, o presente, valoroso, só vem à tona, se temos coragem de mergulhar na ninharia do instante.

**A**s primeiras visitas que tu recebes já estão no esquecimento, assim é o vaivém das pessoas em nossa vida, e, enquanto te passam de mão em mão, o tempo vai ajustando a tua expressão, Bia, fechando pra sempre a tua moleira, atingindo a cor definitiva de teus olhos e de teus cabelos; o tempo já cavouca profundezas naquilo que é só superfície, por isso, Bia, não tardará pra que comeces a distinguir, pela palavra, objeto, ou coisa, ou gente, o que está diante de ti, pai, mãe, pai-mãe, pai e pai, mãe e mãe e mãe, brinquedo, boneca, boneca-brinquedo, a palavra, aos poucos, nomeando, como Adão o fez, o que antes era apenas visto, o que se atinha ao inominável, a palavra incendiando, com seu signofogo, sua fala-faísca, a folha ressecada da verdade, a palavra é que põe o som na cítara, a suavidade na seda, a palavra, filha, engravida o solo árido, irriga a boca de saliva, embora ela, só ela, a palavra, nada signifique se solitária, tanto quanto nós, ela só move mundos se outras a acompanham, uma conta colorida ganha um tom inesperado se outras, uma de cada lado, são acrescidas ao fio do colar, mas a palavra, Bia, chegará o tempo em que tu entenderás, também pode dizer o que ela mesmo cala, e afirmar o que literalmente nega, sob a superfície das palavras, encadeadas em série num comentário, os sentidos são arrastados como troncos num rio, engolfam-se, turvam, e por vezes, em milagre, reluzem, basta ouvir o que dizem as visitas sobre ti, *é tão linda* (o teu rosto, mal traçado, não se desenformou ainda do ventre de tua mãe), *parece com o pai quando era garoto* (não lembro de minhas antigas feições; e, estas, de agora, quase nem me reconheço nelas), *posso pegá-la um pouquinho?* (queria ter uma filha assim!), porque as palavras dizem também outras coisas quando enunciam o que enunciam, Bia, “eu te amo” nem sempre é um incêndio, infinitas vezes é monotonia, o que vai do coração à língua perde muito de sua seiva no caminho, como a água é menos água entre o copo e a boca, o mel é menos mel no percurso do pólen ao favo; mas, se falta algo pra se compreender a palavra dita, algo que ela mesma evita, tu precisas prestar atenção, Bia, a mudez guarda em suas funduras o mundo inteiro, assim como a palavra “mundo” contém a sua cota de silêncio, o teu choro, por exemplo, depois de peregrinares de colo em colo, talvez diga, *quero estar só, comigo, ou, mãe, me acolhe em seus braços;* mas, aos poucos, todos irão embora, e não me refiro apenas a este dia, e, sim, a todas as outras estações de tua vida, as pessoas hão de se aproximar, dóceis ou ameaçadoras, às vezes pra te inquietar, às vezes pra te serenar, e, em ambas situações, podem até, por preguiça ou estratégia, nem se valer das palavras, uma mulher calada à tua frente pode ser um grito, o olhar manso de um velho pode te sussurrar mil imundícies, as pessoas, porque a si não se bastam, vêm nos assuntar, Bia, cheirar os nossos cabelos, percorrer as nossas dobras, desenhar-nos com a ponta da língua, e, depois, a favor ou contra a própria vontade, se vão, invariavelmente; veja, mal se passaram duas horas e quase não há mais ninguém aqui, só restaram nós, tua avó Helena está na cozinha com tua mãe, preparando o almoço, teu avô Carlos lê o jornal, teu irmão vê um programa esportivo na tevê, tua tia Marisa te vigia, ao meu lado, e diz a mim, *eu fico com ela, pode cuidar de suas coisas,* e eu lembro quando éramos crianças, dividíamos eu e ela o mesmo quarto e, uma noite, o silêncio tão sufocante, de repente, me assustei, *Marisa, tô ouvindo o meu coração!*, e ela, *É assim mesmo, tenta dormir!*, e eu, *Mas tá batendo muito forte!, Não é nada, é só o silêncio, Marisa, e se eu parar de ouvir o meu coração?*, e ela, *Isso não vai acontecer,* e eu, *Não? Tem certeza, Marisa?, Tenho, agora, vê se dorme!*, e eu me inclino sobre teu peito, Bia, pra ouvir aí o ruído da vida, ninguém pode ouvir a última batida do próprio coração, só a dos outros, aprendi naquela noite com ela, embora tenha demorado até agora pra me dar conta de tal lição, e esta nossa impossibilidade, Bia, de fazer coincidir o que somos com o que seremos, o minuto-pré com o

minuto-pós, resume e diz tudo, absolutamente tudo, sobre a nossa condição.

**E** foi que hoje, revirando o armário à procura de um documento, dei, inesperadamente, entre as lembranças que povoam as gavetas, com um pertence de teu bisavô João, o relógio de bolso que ele usou a vida inteira e legou ao meu pai, e o meu pai a mim, dizendo um dia, *toma, é teu, por obrigação e por justiça*, e eu, eu sabia que, sob a égide daquele tique-taque, o tempo rugia, movendo, como o vento no temporal, os galhos todos de nossa árvore genealógica, e, mesmo quando deixou de ir colado ao meu corpo, continuava a marcar não só as horas mortas, mas também os nossos vívidos mandamentos, e na surpresa de reencontrar este objeto, lembrei-me das coisas ao teu redor, ao alcance de teus lábios, veja aqui o chocalho, tão perto de teus dedos, e ali a fronha perfumada de teu travesseiro, os bichos de pelúcia, o babador, os teus sapatinhos de lã, a janela, os lenços de papel, os meus óculos (tu, Tateando-os, desajeitada, só te aquietas depois de retirá-los, como se, assim, pudesses me livrar da miopia), e logo será o tempo dos lápis de cor, dos brinquedos eletrônicos, do garfo e faca [redacted] e haverá o tempo do espelho (a era em que amarás estar diante dele, e a era em que o odiarás), o tempo das flores, das joias, das drogas, os objetos o tempo todo, Bia, circulando pelas voltas do teu caminho, o bisturi e o fio de sutura, o copo de cristal e a caneca de lata, o porta-retratos e a foto-ferida, [redacted] os objetos te apresentam aos outros, derretem posições ideológicas e, então, Bia, saiba que, muito além dos objetos, está o que os configura nos campos do vazio, aquilo que o verbo, incontinenti, designa sobre todas as coisas, como por exemplo: [redacted] Filho: planta em solo de vidro. Vidro: areia e sol. Sol: luz de fora. Fora: luz de dentro. Dentro: estado bruto do silêncio. Silêncio: palavras-estátuas. Estátuas: vida em represa. Represa: o mar acorrentado. Acorrentado: Prometeu. Prometeu: pobre abutre. Abutre: negro labor. Labor: a dor adormecida. Adormecida: um quase morrer. Morrer: inteiramente. Inteiramente: nada que determina a nossa experiência. Experiência: o vivido intransferível. Intransferível: o que sentimos com este corpo e o que reverbera só em nossa alma. Alma: a flor abstrata. Flor: esconderijo perfeito. Perfeito: o jardineiro. Jardineiro: mãos no barro. Barro: nós. Nós: nós e todos os outros; [redacted] e, em meio a esses incontáveis objetos, Bia, enunciados que nos resumem — a vida é o resumo de algo que não podemos alcançar —, eu não sei e, certamente, ninguém sabe, aonde nós, navios sem portos, vamos chegar, e muito menos, Bia, muito menos por quê, por quê, por quê.

**S**im, tu vais perguntar, por quê?, todo mundo, um dia, há de se fazer esta pergunta. E então, eu te respondo, Bia, com a certeza de que não vou te convencer, mas ainda assim não posso me furtar a dizê-lo: porque os famintos têm na imobilidade da espera o desespero, porque os saciados aprenderam a plantar apenas indiferença, porque a dor migra como os pássaros pra onde há luz e harmonia, porque mesmo uma greta de terra pode abrigar uma árvore centenária, porque certas carícias fendem até homens de ferro, porque as entranhas são ninhos de segredos, porque a espada atravessa a pele sem sentimento algum, porque pelos rastros se notam os pés do peregrino, porque abrasivo pode ser o sopro de amor no rosto de um filho, porque o escuro reluz na retina dos videntes, porque nada explica a tão curta e dolorida jornada, e de nada adiantaria se algo explicasse, pois mesmo o muito é sempre pouco, porque não há ninguém que não anseie, ao menos por um minuto, ser outro, porque quanto mais o corpo cede mais a alma pede, porque sobrevivem meninas no espanto das velhas senhoras, porque até os mais maciços sonhos se evaporam ao tempo, porque é o olhar que põe rugas na paisagem, porque a vida é oceano e a memória, lago, porque não cabe tudo na palavra “tudo”, porque minha rala alegria, somada a tudo que me contentou a vida inteira, é incapaz de neutralizar um único dia de tua tristeza, Bia, porque não há anjos pra corrigir a rota daqueles que o desejo extraviou, porque um sorriso abre janelas e um grito, paredes, porque o fim sempre nos surpreenderá a meio caminho e, queira ou não, deixaremos sempre algo por fazer, uma casa no papel, uma roupa suja, um liquidificador no conserto, porque a equação é simples, Bia, vida menos poesia igual vazio, pássaro menos canto igual angústia, você menos eu igual seu futuro. Por quê? Porque mesmo o dilaceramento do quase nada é melhor do que o nada.

**P**ara que conheças o que é uma dor e, sobretudo, para que saibas desde já que, em todos os teus dias, manifestas ou à espreita, as dores estarão lá, ■■■■■ eu te conto, Bia, que a gravidez de tua mãe foi de máximo risco, a partir do sexto mês ela vivia em repouso, eu despertava sempre às seis, eu via a manhã saindo, aos poucos, da membrana da noite, e ela, sem se mover, os olhos no duplo escuro (das pálpebras e da penumbra), horas e horas no quarto fechado, enquanto o sol envelhecia lá fora e, filtrado pelas frestas da janela, instaurava uma era de paciência e resignação, ■■■■■ até que eu retornava do trabalho e, de novo, me deitava ao lado dela, exausto pelo longo expediente na universidade, e lhe dava a mão, imaginando o que ela pensava de si e do universo à medida que te fabricava, lentamente, Bia, e, às vezes, eu podia sentir, na imobilidade dela, o mecanismo da vida funcionando naquele ventre em relevo, parecia haver um perigo próximo, a todo momento — tão diversa havia sido minha experiência com o teu irmão, ele, destemido, estufando a barriga da mãe e esmagando com naturalidade tudo o que o impedia de nascer, ■■■■■ e foi assim que agora, só agora, por não ter ficado à tua espera, tão confiante como da primeira vez, mas, sim, por acompanhar de perto a tua feitura, superando as ameaças a cada minuto, eu cuidando de tua mãe um tanto comedido, sem revelar o meu exagero — a muito custo, eu fingia uma fé que, no entanto, vivia vacilante —, eu, receoso de que o caldo orgânico no qual ela te cozia pudesse desandar a qualquer gesto brusco, e, embora soubesse que, se o pinheiro adulto é débil ao temporal, mais ainda é a semente ante o sopro do imponderável, ■■■■■ foi só depois de ver o quanto a tua mãe, no rumo contrário à correnteza, se violentou pra seguir adiante, exaurindo todas as forças pra te germinar, útero virado, os antigos diziam, embora o nome atualmente seja mais melodioso, útero retrovertido fixo, foi acompanhando o teu avanço, Bia, de fagulha vital, que podia ter gorado a qualquer instante, a criatura que emergiu de dentro dela, pronta enfim, e suja de sangue, que eu me dei conta do quanto a ordem, cercada de caos, persiste em dar forma às sombras e, sobretudo, dotá-las de um esplendor que, aos poucos, vaza de seus contornos e desafia tudo ao redor; ■■■■■ e, hoje, a contradizer o dia que se abriu estupidamente ensolarado, como se as vicissitudes se resguardassem, em respeito a tanta luz, a tua mãe permaneceu na penumbra desde cedo, acometida por um daqueles súbitos desmaios, companheiros dela desde adolescente, descontrolando a nossa rotina, ■■■■■ a solução foi chamar a tua avó Helena, que veio prontamente — a dividir-se em cuidados entre ti e ela —, e, quando tua mãe passa por essas crises, em mim também ressoa a náusea, a certeza de que não posso retirar dela nenhum grama de seu desconforto, *não se preocupe, estamos aqui pra isso*, ela costuma dizer diante de qualquer alegria ou pesar, mais nova que eu e a alma já madura, ■■■■■ e, então, Bia, o meu dia foi como tantos outros, depois que a tua mãe encontrou o seu destino em mim, de muita inquietação em face da fragilidade dela, pois há pessoas que mal amanhecem entre nós, logo anoitecem, eu pensei que a juventude dela iria me dar, nesta segunda chance de abrir uma família, a paz e o recolhimento que todos desejam no inverno, mas, ■■■■■ eis que, embora viver seja coisa grande, é também a força que lhe contraria, e não há como vencê-la, senão aceitando que a dor desenha em nossa pele, com esmero, um itinerário de pequenos cortes, ora arde um, ora sangra outro, e, às vezes, todos, juntos, nos queimam, em uníssono.

**A** pele, ■■■■■ tocando a tua pele com a ponta do meu dedo, desenhando os teus contornos, recordo que essa roupa que nos cobre só capta as nossas sensações na superfície, onde os seus milhares de radares estão plantados; ■■■■■ como as estradas, a pele não é profundidade mas extensão, a pele não é como o mar, sem margem, os lados indefinidos — o mar é mais mar onde só alcançam os escafandristas, quanto mais dentro dele mais o mar é o que é; mas a pele, não, se mergulhamos na pele, Bia, encontramos o que ela já não é, carne e músculo e sangue e osso —, a pele é o raso, e é nele que a dor arrasa, é nessa superfície que a fome de outra pele se plasma, é nessa camada fina, mesmo quando lhe faltam maciez e elasticidade, que se leem os sinais do mundo e o alerta máximo do desejo; ■■■■■ pulsante é este meu dedo que percorre a ponta de teu nariz, uma das maçãs de teu rosto, a curva de teu queixo, reconhecendo, por meio desse caminho, que és minha filha, e assim sempre serás, a pele, o mapa que nos leva, como o rio leva o ramo na correnteza, à aflição e ao gozo, ao nirvana e ao Hades, ■■■■■ e, ainda que não sinta com intensidade o meu toque, ou que dele te esqueças, porque este momento já se afoga nas águas do vivido, tu, meses à frente (quem sabe anos), de olhos fechados, como agora em que dormes no teu berço, sentindo o meu dedo deslizar pela tua face, serás capaz de dizer — a tua pele a recordará —, *este é o meu pai.*

**T**ambém a tua pele haverá de reconhecer o toque de tua mãe — hoje, ela está mais disposta, saiu da cama e tomou café comigo — e ninguém senão ela logrou te tocar desde dentro, ao contrário de todos nós, repito, que sempre o faremos do lado de fora, ■■■■■ e, no futuro, quando te tornares mulher e descobrires que a pele é propriamente o caroço (cada um de teus poros o confirmará), ■■■■■ chegará o dia no qual, em contato com um desconhecido, nem será preciso que seja pelo roçar de uma pele a outra, um sopro vindo dele bastará pra que tu digas, com a certeza dos predestinados, *este é o meu homem*; ■■■■■ e, então, será o ponto de transformação de tua educação sentimental, Bia, daí em diante o sol que brilha desde o começo dos tempos se renovará em teus olhos, a extinta rosa dos trópicos surgirá de súbito em tuas mãos, as roldanas dos sonhos impossíveis voltarão a se mover, o mundo das esperanças mortas ressuscitará; ■■■■■ afinal, basta uma gota-d'água pra almejarmos a chuva, basta o prenúncio da chuva pra sentirmos o cheiro selvagem da erva, não há como evitar a fatalidade dos dias que te parecerão felizes, e talvez o sejam verdadeiramente, assim como, em trechos por vir, dias terríveis esperarão a tua passagem pra que, saltando às tuas costas, a recordem que há o reinado de Cronos e o de Kairós, que há o tempo da mão semear e o tempo da foice ceifar, há o tempo de ver e o de rever (ao fim da trilha palmilhada), pela escrita da memória, os fatos que vão te tornar a Bia de amanhã, ■■■■■ e, se um homem pode dormir salgado de mar e pela manhã se descobrir guardador de rebanho, e se um outro acordou inseto na mente de um escritor, e se dos dedos de uma pintora floresceu um abaporu, e se numa tela móvel irromperam formigas e um cão andaluz, e se campos e ramos e rosas pariram territórios imaginários, tu podes amanhecer tristeza, entardecer esperança e anoitecer sol, ■■■■■ tu podes, Bia, podes tocar, não com o pensamento, mas com o teu sentir, o que vibra entre as minhas palavras, e recolher, como roupas no varal, os significados dependurados em suas entrelinhas, e, também apanhar, no conjunto deles, a história que começam a contar; ■■■■■ veja, a tua avó Helena te acomodou dentro do carrinho e te trouxe até a varanda, assim vais te habituando ao lado de cá, onde o vento te toca pela primeira vez, e as coisas são o que são, coisas, independentemente de nós, ■■■■■ eis ali um flamboaiã e a sombra que dele se arvora, eis o casario que se estende rua abaixo, e eis um rapaz (abrindo o portão), teu irmão Mateus, e aquilo, o que é aquilo que se move, sem pressa, pela calçada?, é apenas um cachorro vadio, ■■■■■ mas eis ali o canteiro de amores-perfeitos de tua mãe — neles, tão belos e frágeis, o tempo se empoça com mais crueldade —, ■■■■■ e eis a janela fechada do quarto onde ela se recupera, os seios arrebetando de leite sem poder te amamentar, e, mesmo que ninguém tenha te alfabetizado nessa linguagem, Bia, basta um suspiro dela pra que imediatamente a reconheças e digas, *esta é a minha mãe*.



**E**sta é a tua mãe, Bia, e tu a vês de teu berço, enquanto eu a vejo da banquetta que pusemos neste quarto pra te assistir, esta é a tua mãe e tu a vês dobrando com delicadeza as roupinhas que escolheu pra ti quando ainda eras um grão no ventre dela, é nos gestos mínimos, Bia, [REDACTED] que nos revelamos, inteiros, veja, ela de costas, tão entretida, sem perceber que a observamos, embora, no futuro, também não te lembrarás deste momento, nada incomum se passa aqui que exija registro, Bia, mas eu, eu leio nas espáduas da tua mãe o dia de hoje, o trabalho que as tuas cólicas lhe deram, e reconheço muitos outros dias acima deste, a escreverem o texto que vai sobre os ombros dela, [REDACTED] a tua mãe, Bia, afeita ao silêncio que antecede a percepção do silêncio, apenas o aceita, como a tudo, entregando-se, com abnegação, à matéria da vida, ela é quem inaugura a manhã em meus ouvidos, a voz que tu escutas desde embrião, e que certamente penetra até o fundo de teu íntimo, a voz que respeita o tempo de espera, a voz que não dá ordem, só faz o pedido sem cobrar nada do universo, e, mesmo sem ver o seu rosto, eu sei que ela, agora, sorri ao sentir a lavanda em teus sapatinhos de lã, Bia, [REDACTED] assim como me comove vê-la, de perfil, quando sentada na cama, o sol a lambe seus pés, pondo-se dentro de um vestido, e, então, parece que nunca haverá na história do tempo a hora em que essa cena não mais se repetirá, esta é a tua mãe, e ainda que pressintas, não sabes o que há de todas as mulheres nela, e o que há somente nela e em nenhuma outra mulher, embora um dia possas perceber que os gestos de tua mãe, Bia, são como uma língua nova que parece ter sido forjada para produzir onomatopeias, quando dela, em verdade, o que mais se pode extrair é a dor da poesia, [REDACTED] e se isso eu te digo, é porque ela está em ti como o sal no mar, ela, que foi nos primeiros anos professora substituta, aprendeu a ser paciente ante os desígnios do tempo, ela raramente sai de dentro de si, Bia, nem com os meus gritos à queima-rostro, quando, às vezes, fora de mim, eu esconjuro os meus defeitos, a tua mãe nada diz, ela sabe que contra o fel só o silêncio age como antídoto, ela jamais estende a mão nessas horas pra me acariciar os cabelos, [REDACTED] a tua mãe, Bia, retira-se até que minhas palavras retornem à calma, nem todo mundo é sagaz pra perceber que uma vida (de perdão) ante outra vida (de explosão) tem o efeito de uma ofensa, é sozinho que expurgamos o veneno de nossas contrariedades, por isso, ela se afasta de mim e vai pisar — inaudíveis são seus passos —, nas sombras da sala, cortar diligentemente o talo das flores, recolher as roupas no varal, o seu fino e longo pescoço, como uma figura de Modigliani, a avultar entre as minhas camisas, e eu não sei por que sempre penso em Perseu a ajeitar com ternura o pescoço da Medusa antes de decepá-lo, [REDACTED] a tua mãe, ao menos a que conheço, como homem, de um jeito que jamais a conhecerás, basta se virar e me ver, eu bem sei, pra que seus olhos atravessassem a minha neblina, dotada ela é de sensores distintos dos meus, e eu me pergunto como sabe tanto se sou eu quem mais vida tem nesta casa, e eu me pergunto como seus braços de grilo conseguem não apenas te segurar, Bia — ganhastes muitos quilos desde aquele primeiro dia —, mas também segurar o peso da realidade que entra comigo por aquela porta, repare, ela segue agora para a cozinha, e, no entanto, eu a sinto aqui ainda, a se mover em mim, a tua mãe, a tua mãe que não me pediu véu e grinalda, nem me exigiu aliança e lua de mel, cartório e igreja ela dispensou, a tua mãe que vem vindo com o teu leite, [REDACTED] e ela, por mais que faça, será pouco pra ti — o mundo também a cobrará maior desvelo —, vais descobrir, Bia, em breve, essa nossa atávica insatisfação, item de série da espécie humana, e, então, um dia, talvez, numa hora negra, tu a culpes pelos mimos que te deu ou pelos melindres que te calou; nunca seremos, para o outro, o que ele pretende que sejamos, [REDACTED] para isso fomos feitos, Bia, para amar e decepcionar a quem amamos, com esses braços curtos incapazes de envolver o ser querido, com essas mãos que aprendem a acariciar ou a sangrar com a

mesma indiferença, para isso fomos feitos, Bia, para uns se enriquecerem à sombra, e outros minguem ao sol, alguns aqui aportam com habilidade para remover montanhas, outros para erguê-las, e não adianta dar cutelo para quem manobra lápis, nem pincéis e aquarela para quem desenha com espátula e aguarrás, ■■■■■ ninguém pode assumir, Bia, o destino que é do outro, o que é teu é teu, e só até o último suspiro, porque a vida não continua, e se, ainda assim, houvesse um reencontro, noutra plano, se eu pudesse te ver depois de tantos anos de minha partida, quando chegares ao fim de tua história, não seríamos quem hoje somos, nenhum amor garante a sua permanência ante a procissão das horas, ■■■■■ a tua mãe que, já à noite, estende a toalha sobre a mesa da copa, e nela dispõe com zelo, mas sem simetria, a xícara de chá e os talheres, o cesto de pão, para que amanheçam à minha espera, a tua mãe que se enrola num desbotado roupão pela manhã, os olhos gordos de sono, os cabelos trançados pelo travesseiro, e vem fazer o café, enchendo a cozinha com os seus gestos lentos, e eu, quieto, a observo à furtiva, pra não intimidá-la, um homem apenas a mirar a sua mulher à primeira hora do dia, nada mais, e, no entanto, é tudo o que eu desejo, porque é ela, a tua mãe, Bia, e não outra que ali está, ■■■■■ a tua mãe, com a sua existência e seus exíguos limites, ela quem me fez ver que não um santo, mas um homem desesperado (pra que nele acreditassem) foi capaz de andar sobre as águas, a tua mãe, tão frágil, serena as minhas tempestades, e, assim, o meu passado não se põe mais à frente dos meus pés, eu nem a notei retornar, a tua mãe, macios os passos dela no assoalho, e já te alçando do berço, Bia, vai cuidar docemente de ti agora, e, também, daquela parte tua em que eu habito, aquela região que terás de me drenar, pra que não te inunde de minha ausência quando eu não estiver mais aqui.

O passado inunda, o passado nasce riacho e se engrossa na garganta de mares incontornáveis, a ensopar uma vida nova que, no entanto, já carrega em seu bojo velhas narrativas, ■■■■■ eu te digo, Bia, que há na família o caso de um alcoólatra, teu tio-avô Frederico, e esse, como todos que não suportaram a realidade, fez de sua existência uma ferida que sangrou (e sangrará) nos parentes (mais próximos), assim como a falsa aura da santidade paira sobre a nossa cabeça graças à irmã da avó Luíza, enquanto ela fugia para o Brasil, essa irmã se engajava como freira no convento de Ávila e de lá, durante anos, escreveu cartas nas quais copiava versos de San Juan de la Cruz, *Vivo sin vivir en mí, / y de tal manera espero, / que muero porque no muero*, e se enforcou antes dos trinta anos numa árvore no pátio do convento, *Esta vida que yo vivo / es privación de vivir / y assi es continuo morir / hasta que viva contigo*; ■■■■■ e houve aquele primo que fugiu com uma negra pro Marrocos e, depois, a vendeu aos tuaregues; ■■■■■ e houve aquele tio que se tornou marinheiro e que, vez por outra, atracava no porto de Santos e ia visitar o teu avô André, até desaparecer num naufrágio no triângulo das Bermudas; ■■■■■ e houve um que era carroceiro e fazia trovas, declamando-as aos brados pelas ruas; ■■■■■ e houve uns tantos que já se foram, mas, enquanto estiveram entre nós, eram tão presentes com seus gestos pessoais, o timbre de suas vozes, as consequências de seus erros, e eram tão verdadeiros quanto eu sou ao volante deste carro, e quanto tu és, Bia, com a tua mãe, aí no banco de trás, o mundo se exibindo lá fora para os teus olhos que por ele passeiam, inquietos, assim como as tuas pernas balançam sem parar, e eu os vejo, todos esses que nos antecederam, pelo espelho retrovisor, diminuindo, diminuindo, embora continuem na paisagem, vivos no tempo em que habitaram, o tempo que, então, era o agora no qual eles existiam, tão sólidos quanto as pistas desta avenida; ■■■■■ e houve os que viveram normalmente a sua sina, engendrando sonhos, erguendo casas, parindo filhos, até começarem a padecer de enfisema pulmonar, diabetes, hipertensão — quem é que sabe, Bia, qual desses males aguardas dentro de ti?, quem sabe qual semente haverá um dia de gerar a muda explosão em teu corpo? —, e de nenhum desses males eu poderei te salvar, Bia, eu só aprendi com Mateus a salvar vidas nos games, e nas histórias que escrevo, basta um clique e nada dessa dimensão do provisório, nem o vírus mais resiliente é capaz de destruí-las, as vidas, as nossas vidas, Bia, aparentemente mais fortes que o papel e a memória digital, não resistem, filha, a uma decepção; ■■■■■ e houve ainda aqueles do lado de tua mãe, um que cultivava abelhas e coelhos e morreu numa briga de torcidas uniformizadas, e também um açougueiro anarquista perdido na neblina do século passado, ■■■■■ e houve um que enlouqueceu depois de perder os filhos num acidente de automóvel, e houve uma que tinha meio-sangue índio, prostituiu-se desde menina, e, inesperadamente, casou-se com um fazendeiro e se mudou pra Miami, e houve um que foi cenógrafo e conheceu muitos artistas de teatro que, depois, migrariam pra televisão e se tornariam celebridades; ■■■■■ todas essas vidas, Bia, vindas de outras, igualmente precárias, e que um dia pareceram plenas, há pouco ou há muito partidas, deixaram uma marca, quase invisível, no livro dos destinos, marca que o tempo haverá de derreter com seu ácido; essas vidas todas, te agrada ou não, correm, desordenadas, dentro de ti, Bia, não há como secar em nós o licor da história familiar e, há ainda, filha, o que se soma ao teu particular, a carga de toda criatura, humana e mortal, com as suas infinitas impossibilidades a influir em cada um de teus passos; ■■■■■ e, pra que eu seja honesto até a medula, tu precisas saber que houve um que encontrou uma boa mulher, filha de lavradores italianos, também imigrantes que aportaram na mesma região onde teus bisavôs espanhóis cumpriram o destino deles, e com quem ele teve um filho bom, nem gênio nem tolo (que esses exigem um amor ilimitado e, por isso mesmo, doentio), apenas um homem,

dentro das medições normais e, sendo assim, pedindo só um amor justo, um homem, ainda rapaz, pra quem talvez ele não seja um pai padrão, embora o ame com todas as suas forças, este, é preciso dizer, traiu essa boa mulher com uma jovem aluna que o levou primeiro ao paroxismo sexual e depois ao remorso, e o fez virar as costas para a ordem familiar e o confinou a tardes de encontros fortuitos em motéis, e nele despertou o talento, certamente inato, à espera só do fósforo, pra espalhar longos rastilhos de mentira, e a cometer tantos erros, mais do que todos até então cometidos em sua vida inteira, e também a experimentar prazeres e pesares (sobretudo pesares) desconhecidos, e em tal voltagem que, por vezes, pareceu lançá-lo a uma existência superior, dotando-o de uma percepção que conduziu sua consciência às alturas, e, assim, o fez perder a companhia diária do filho, que antes havia sido alegre e divertida, ■■■■■ pois ele teve de se mudar pra um pequeno apartamento e viver apartado da lavoura que cultivara com tanto ardor no início, julgando-a, pra sempre, o seu único esteio, e ruminar dias e noites de solidão, descrente de que lhe seria oferecida uma prova de reparação, mas a segunda chance veio sob a figura dessa mulher toda perdão, apta a um entendimento além do que os fatos só parcialmente revelam, embora nem ela, e nem qualquer outra pessoa, tenha conseguido retirar dele a cruz que lhe segue pregada aos ombros, nem eliminar de suas pernas os vestígios de seus passos erráticos, nem lavar de seus braços as recordações dos desejos que entre eles foram saciados, ■■■■■ e este, este, que um dia, talvez percebas se espriar inteiramente em teu espírito, solapando todos os outros aqui citados, que desaparecem lá no fundo do espelho retrovisor, e te insuflando a cometer algum desvario, ■■■■■ este, Bia, ■■■■■ este sou eu.

**E** pra que servem as lembranças? Lembranças, não há o que fazer com elas, Bia, mas também se não existissem, eu não poderia te deixar este legado, porque só escrevemos sobre aquilo que se encravou em nossa memória; depois de sentir o oceano debaixo dos pés, fazendo-nos cócegas, não há como senti-lo novamente naquele agora, senão por meio de recordações; tudo o que vivemos é como fogo à beira de folhas secas, só um redemoinho de vento, levando-as pra longe, é capaz de salvá-las da destruição, a primeira vez é sempre a vida virgem, e o que ela renovará um dia, como as estações, será sempre mais fraco que a sua matriz; e, às vezes, as lembranças inflam como bolhas no calcanhar, Bia, e aí é preciso perfurá-las, porque só será possível seguir nosso curso se delas extrairmos o seu líquido espúrio, certas lembranças varrem dos nossos olhos as paisagens, enquanto outras, como ventosas, se imantam em nossa memória e nos obrigam a ver nitidamente a escuridão, se o passado nos limita, Bia, revisto lá na frente, pode desfiar as teias de aranhas que cobriam nossa visão e nos obrigar a ver o mundo como se pela primeira vez, não importa a reserva por trás do veio d'água que goteja da rocha, não importa a quantidade de tristezas que se acumula sobre nós, desfrutamos o instante ao mesmo tempo que lhe damos adeus, as lembranças brotam com a mesma fúria manancial do presente, o presente só na aparência é sereno, em seu ritmo de conta-gotas, tanto que, embora tenham se passado apenas dez meses da tua chegada, eu já tenho muitas reminiscências; sim, o que eu guardo de ti, Bia, constitui, ainda que pequeno, um testamento, e isso também se dá com outros pais e filhos que aqui aprendem a cerzir suas penas, num átimo já estamos lá adiante, e o que ontem era um delicado esboço, hoje é um desenho acabado, tu não somavas senão umas poucas horas e, agora, são dias e dias, que foram dando forma ao teu corpo, já são alguns meses impondo uma nova rotina nesta casa, muitas manhãs ao ar livre na praça, onde a tua avó Helena te leva para que comeces a amar as árvores, e a mover teus bracinhos euforicamente quando vês um pássaro, como se pedisses ao céu asas pra flutuar em seu azul, e, agora, eu já sei qual a canção de ninar que mais te agrada, qual brinquedo a tua mão segura como flor e qual ela abandona como ramo seco, eu já sei quando tua mãe vai te amamentar, qual o teu seio preferido, eu reconheço o timbre do teu pranto, e eu já lembro de uma noite em que te contorcias sem parar e te esgoelavas, como se uma cobra serpenteasse dentro de tua barriga, e eu e tua mãe corremos pra minimizar a tua briga contigo mesma, porque não era mal nenhum que queimava as tuas entranhas, era apenas o ar da vida que em ti se debatia, até que o sol entrou pelo vão da porta e, aí, tropeçando de cansaço, nós três caímos no paraíso do sono; sim, Bia, eu já tenho muitas recordações tuas, as lembranças são mesmo uma segunda via, tudo o que foi à primeira vista ganha outra configuração aos olhos da memória, como se buscássemos uma reparação, um ajuste mais pela nossa incapacidade de aceitar os fatos do que pela inconveniência da verdade, e, ao relembrarmos, tudo de novo se inicia, a máquina do mundo recomeça a girar freneticamente, Bia, e eu posso te ver nascer outra vez, posso ver outra vez o teu irmão Mateus nascer e crescer todos os anos até chegar à idade de hoje, até chegar a este momento em que ele, ainda há pouco, esteve aqui e almoçou conosco, e posso ver também todas as perdas que nele doeram — ao menos, as que conheço —, os dentes de leite, a unha do pé pisoteada por um amigo, as partidas de futebol, uma lista enorme e que só aumenta, posso ver meu pai morrer outra vez naquele quarto, e, se fecho os olhos pra recordar, posso ver minha mãe remorrer, meu avô João partir mil vezes, minha avó Sara reapagar-se, todos eles e outros, tão queridos, reapodrecerem na terra e no meu esquecimento; e, então, ressuscitarem, um a um, no terceiro ou em qualquer dia, eu posso vê-los, em cena novamente, *pai, que saudades!; mãe, como*

*gostaria que me abraçasse!; vô, vô, desperta, coño!; vô, e o meu leite queimado?; pai, como eu te amei, apesar de ser, às vezes, estúpido com a mãe; mãe, me perdoe, mas eu também amo o pai, eu entendo os defeitos dele, eu sou um de seus defeitos, mãe; pai, mãe, pai, mãe, eu sou um velho só na superfície, eu sou no fundo e pra sempre aquele seu filho criança; ██████ por isso eu deixo aqui, escritas, as minhas margens, Bia, porque já estou te perdendo, eu já te perdi por tudo o que vivestes até este instante, mas eu te recupero com as palavras, Bia, ██████ palavras que eu apanho como quem colhe frutas — as verdes pra amanhã, as maduras pra agora —, as palavras que, nem toda vez, senão em horas raras, têm o poder de dar a janeiro o que é de agosto, ██████ as palavras se queimam em nossa língua, viram, instantaneamente, silêncio-cinzas, mal são pronunciadas já entram em combustão, as palavras só valem mesmo para o momento, eu te quero; eu farei tudo por você; eu vou te proteger; pode confiar em mim, carinho; eu cuido dos negócios da família, pai; quero ser enterrado lá, filho; vem pra cama, amor!; ██████ estas palavras — e todas as outras — incineram-se depois de bem ou mal ditas, como folhas de papel sobre a chama do isqueiro; mas, com elas, é que damos corda em nossas recordações, as lembranças, eu nem sei por que a elas recorremos, se mesmo poderosas não são mais que pálidas, se mesmo paradas continuam semoventes, ██████ eu nem sei por que me lembro de um dia, agachado, amarrando o tênis de teu irmão, ainda pequeno, e ele, de repente, se enlaçou em meu pescoço, e eu dei um passo, e outro, e comecei a andar, com ele em mim dependurado, a se divertir, às gargalhadas, ██████ e, então, eu me lembro do dia que conheci a tua mãe, Bia, uma das professoras substitutas, e eu não vi nada do que hoje vejo nela, eu fui fisgado por outros olhares, e ela não ficou lá senão umas semanas, para que entendas, Bia, o desejo tem o seu próprio curso, enquanto a vida vai à deriva, nós só nos encontramos anos depois, pra sermos os teus pais, e, até chegarmos aqui, eu e tua mãe chovemos muitos e muitos dias, quem sabe tu ainda possas nos ver à mesa, e reconhecer quem é quem pelo manejo dos talheres; ██████ são mil *madeleines* que só servem à fome de minha memória, e vão recompondo a história rasurada que eu sou, Bia — ninguém pode passar a vida a limpo, é inerente à sua escrita os rabiscos, as emendas — mas, em meio a elas, me vem uma, ██████ eu estou chegando do trabalho, cheio de sujeira em meus olhos (toda a beleza que não vi durante o dia), cacos de conversas nos ouvidos (os ecos do mundo em mim), os braços presos ao tronco como asas recolhidas (voar também entedia), e, mal abro a trâmela do portão, te vejo, à luz ocre do entardecer, no colo de tua mãe, na varanda, ela sentada em quietude, ambas à minha espera, é verão, e no verão é bom desabotoar os cuidados e sair à porta da casa pra receber um afago da brisa, o céu já grávido da noite escurece lentamente, ██████ e eis que eu me acerco, beijo uma e, depois, outra, e me sento em frente às duas, e aí ficamos a nos contemplar, mudos, o silêncio é tão forte que nos toma o corpo inteiro, e, assim, permanecemos, pra que o quadro se pinte por si mesmo, formando, finalmente, a santíssima finitude, nós três ali, tornando-se, aos poucos, uns para os outros, lembranças.*

**F**omos costurados com a mesma linha fina, Bia, [REDACTED] e por sermos organizados, assim, um órgão suturado ao outro, esse hemisfério a se fundir àquele, somos vulneráveis às perdas, [REDACTED] não é por acaso que te escrevo, filha, eu sou a tua perda futura, e, hoje, de súbito, dei pra inventariar uns bens perdidos, não porque tivesse algum motivo pra recordar das pessoas que me foram amputadas — nunca sabemos aonde vão dar as nossas sinapses e quando nos levarão, de novo, aos amores soterrados, mas, por sorte, Bia, não nos lembramos de nossos mortos todos os dias, não suportamos senão raramente esse milagre ao contrário, esse ver, outra vez, o lampejo do que antes foi um fulgor, não o eterno retorno, mas a eterna partida, e cada um sempre a seu tempo, as inevitáveis despedidas, [REDACTED] eu não conheço a lâmina da morte, só a ferida dos outros que ela produz em mim, o pai, a mãe, a vó, o vô, o tio Frederico, uns amigos, [REDACTED] é por isso que eu tento a todo instante, e não sei se consigo, eu tento me olhar, e olhar os outros, e as coisas todas, e até os sonhos, duas vezes, Bia, uma por mim, pelo que sou, inteiro fragmentado, e outra por eles (incluindo aquele que eu estou deixando de ser), pra que revivem o mundo, pra que acordem e recordem pelos meus olhos as cenas, os quadros, as paisagens, tudo que a vida põe à minha frente, [REDACTED] e tanto é assim que eu vejo o que vejo lentamente, enquanto sinto que também sou visto pelas mil retinas do meu entorno, e o mesmo eu recomendo pra ti, Bia, que o teu ver seja devagar, se for teu desejo ir ao coração dos fatos e apalpá-los, recomendo que tente ver duas vezes, por ti e por nós (os já partidos e os que estão a caminho), e isso vale, igualmente, pros demais sentidos, que sorvas por duas vezes o ar perfumado desta rosa sobre a mesa, que toques duplamente a barba a despontar como alfinete no meu rosto, e sintas em dobro os sabores do verão e do inverno — e a consistência de tua própria saliva! —, e ouças por duas vezes o canto deste pássaro na laranjeira do vizinho, deixes em dobro os rumores humanos ecoarem pelos teus tímpanos, e permitas que o silêncio se repita depois de teu passo estalando os gravetos do chão, dê-se a chance de sentir na medula o jorro da vida, e também a dê pra aqueles que abrigares (estarei entre eles?) atrás da folhagem de tua memória, [REDACTED] não sei se o fogo dessa segunda vida é capaz de chegar a todos os mortos emaranhados em nossas lembranças, mas não importa, Bia, é preciso asfaltar essa via, ampliando até o nosso último suspiro a data de validade deles — que, então, se apagarão em definitivo conosco —, [REDACTED] porque a lua que eu contemplo agora, pelo vão do vitrô, eu contemplo com todos eles em mim, e ela há de vê-los, reunidos, na cauda do meu olhar, e quando eu te pego no colo e te ergo à altura de meu rosto, no movimento de meus braços vai o impulso de cada um deles, [REDACTED] por isso, às vezes, ao encontrarmos um desconhecido e ouvi-lo enunciar as primeiras palavras, não hesitamos em concluir, *eis aí um homem que sabe o que diz*, pela voz dele falam todas as outras vozes de seu atavismo, [REDACTED] por isso, há quem realize gestos grandiosos com apenas um aceno de mão, há quem pode transformar granitos em lírios do campo; até mesmo ao cruzar com uma criança na rua, percebemos o mal estocado em seu sorriso, [REDACTED] em ti mesmo, Bia, está a brasa de todos os que te antecederam, sob a cor de teus cabelos castanhos posso notar, como se antigas tinturas, toda a linhagem de fios loiros e negros e ruivos e grisalhos da família; em ti, filha, alinha-se, em fila dupla, o que é teu e o que em ti pertence aos outros, a festa e o luto, o excelso e a sobra, o poço e a torre; [REDACTED] sozinha, apenas um ano velha, no teu berço, estás tão povoada, Bia, e, embora o oco doa mais, haverá dias em que suplicarás por te esvaziar de tudo — e a natureza vetará! —, [REDACTED] então, viva os teus instantes de beleza (e de angústia), oferecendo-os a eles por meio de teus sentidos, é o que eu faço neste caderno que escrevo pra ti; a palavra, seja qual for, é a segunda vez, a única que, apesar de seu atraso, de sua força reduzida, nos resta, Bia, pra suturar as vivências e evitar

que caiam no chão como roupas dos cabides.



**E** as palavras, eu te aviso, Bia, voláteis como a neblina que nos impede de ver o horizonte, de súbito, se evaporam, revelando até os imperceptíveis tons do azul, ■■■■■ as palavras só valem pro momento em que foram ditas, o que eu disse à tua mãe na primeira noite em que nos misturamos, água de distintas impurezas, só valeu pra aquele instante, e o mesmo se pode dizer sobre o que ouvi dela, o texto endereçado a mim cumpriu mais o itinerário de suas carícias do que propriamente o de seus murmúrios em meu ouvido; ■■■■■ há um instante em que o “eu te amo” se transforma em “eu não te amo mais”, embora esta mudança seja tão lenta que nem notamos, senão quando a língua, pesada como monólito, se recusa a dizer (porque lhe falta a verdade) o que o resto do corpo já não sente, e ainda se, por milagre, ela se destravar a dizer, será um “eu te amo” que se desintegrará no próprio instante em que for enunciado, e essa é uma lei extensiva a todas as situações que o verbo determina, seja “eu quero” ou “eu não quero”, seja “eu estou aqui” ou “eu não estou mais aqui”, e em mil outros exemplos, “tenho fome”, “preciso dormir”, “vou me matar”, “fora da caridade não há salvação”, “é proibido permitir”, “bem-aventurados os mortos, que deles será o reino do esquecimento”, ■■■■■ as palavras têm coragem de mostrar o rosto sorridente enquanto o mutismo lhes rasga as costas a chicotadas, e essas que o médico disse há pouco sobre a tua mãe, que, outra vez, passou mal e quase desmaiou, *ela terá de ficar internada*, e tudo o mais acerca dos cuidados e do tratamento recomendado a ela, valem pros próximos dias, tão perecíveis são as palavras, ■■■■■ e, se for assim, a normalidade logo voltará à nossa casa, filha, e as janelas serão abertas pra que o sol lave as sombras de cada cômodo, os cheiros de temperos novamente haverão de flutuar pela cozinha, e tua mãe haverá de promover a alegria como antes, com as músicas que ela tão bem sabe cantar, porque se nos fascina a quebra da ordem, é por meio da ordem que avançamos dia a dia, correndo o risco de nos anestesiarmos com a sua monotonia; ■■■■■ no reino das palavras, o dedo espeta a agulha com a sua fina membrana, o escuro clareia a manhã, o mar se molha nos tornozelos de quem desliza na areia, a vida de Lázaro inesperadamente se revalida, ■■■■■ tantos milagres fazem as palavras dentro da redoma de cristal que edificam, mas, do lado de cá, elas se esfacelam nos paralelepípedos da verdade, as únicas palavras que valem pra sempre — tu na margem oposta, vivendo o teu início — são aquelas, Bia, que anunciam o adeus.

Só o silêncio é que vale para sempre, o silêncio, Bia, era a nossa língua oficial, pelo silêncio podíamos dizer tudo com exatidão, sem o risco de não sermos compreendidos, mas, em alguma época ancestral, deu-se a queda, tentamos experimentar o máximo do silêncio e, então, caímos, voltamos ao degrau anterior — as palavras —, por isso o abismo está nos extremos dos nossos sentidos, jamais no centro, ■■■■■ o sol, se estiver lá longe, nós nem o notaremos, mas o sol, de perto, nos cegará; o sussurro mal pode ser ouvido, assim como o trovão que nos ensurdece; nós vivemos pouco, quase nada, no núcleo dos eventos, Bia, nós vivemos o tempo todo à beira: ■■■■■ o silêncio é a nossa língua-mãe, mas nós desaprendemos a sua linguagem, por gerações e gerações nos ensinaram a falar quando estávamos no pleno entendimento desse idioma, e, então, passamos a usar as palavras, para traduzir o que é ou foi melhor dito silenciosamente, e não há como transferir uma frase, uma sentença, um poema de uma língua para outra sem perder algo vital de sua substância, uma metáfora só é uma metáfora porque diz o que não se pode dizer de outra maneira, é a tentativa de driblar o incomunicável, e seria tão mais fácil se pudéssemos — de novo — nos movermos sobre a linha do silêncio, ■■■■■ o silêncio, Bia, como se de volta ao paraíso, nos redimiria, nós deveríamos aprender os seus sentidos antes da palavra; se eu pudesse, eu te ensinava todo o abecedário do silêncio antes da fala, eu desaprenderia a falar e adotaria como língua todo o (meu) humano silenciar; se eu conseguisse reaprender, contra séculos de condicionamento linguístico, a me expressar nesse idioma, eu não precisaria escrever este caderno, eu apenas me aproximaria, como agora, de teu berço, me debruçaria à tua frente, e não diria nada, e aí, eu tenho certeza, tu não irias ler apenas o meu rosto, tu irias ler o que o silêncio significa no meu rosto, ■■■■■ foi através do silêncio que eu soube de tua vinda, eu cheguei em casa exausto aquela noite e, mal abri a porta, a tua mãe, que me esperava cochilando no sofá, ergueu-se lentamente, e eu soube que ela estava grávida, porque tudo o mais era quietude, não era preciso dizer o que nela já estava dito — em silêncio, Bia, pode-se ver claramente se uma mulher carrega um filho, mesmo que o seu ventre não o diga; pode-se inclusive ver se esse filho terá cabelos lisos ou não, pode-se até ver o quanto de tempo sua vida, ainda em fabricação, suportará; em silêncio, pode-se ouvir, na zona fronteira entre o ontem e o hoje, o motor do acaso movendo a manhã, ■■■■■ também foi assim, num momento sem som, que, entrando no quarto de tua avó, anos atrás, eu soube que teu avô André estava morrendo; é no silêncio que um corpo clama pelo outro; só a máxima quietude em nós e na natureza nos permite decifrar o texto que está sendo escrito, Bia, ■■■■■ o silêncio, embora pareça a ausência, eu te asseguro, é a presença em sua forma mais vívida, toda e qualquer palavra é menos que o silêncio, porque nasceu dele, do útero do silêncio vem o murmúrio, o gemido, o grito, o urro, todos os outros dialetos e até a babel das páginas em branco, ■■■■■ se eu falo, se eu escrevo, Bia, é porque eu não sei, ninguém sabe, como evitar a degradação do silêncio; ■■■■■ e no silêncio foi que tive a certeza, ao ver aquela professora substituta, que *não era ela*, mas *seria com ela*, que eu gastaria a minha vida, não à primeira vista, e, sim, depois de fechar os olhos para o que havia ao redor, extraindo de seu redor tudo o que não era ela; ■■■■■ é no silêncio que se pede perdão, Bia, é no silêncio que podes descobrir nas tuas entranhas as minhas fragilidades, é nele, no silêncio, que o nada se exalta, e a súplica se renova, e a opressão se dissolve, é no silêncio, Bia, que a memória resume as horas vividas, é no silêncio que o rio nos salpica o rosto com suas gotas, é no mais depurado silêncio que se irrigam os vazios, ■■■■■ o silêncio, Bia, é que faz mais belo o luar, quietas são as carícias, as cores que calam na plumagem dos pássaros, as marcas na pele (embora abaixo dela a usina da vida continue a rugir sem cessar), ■■■■■ é o silêncio que sempre sobra

depois que a porta se fechou, é no silêncio que se mutilam as mentiras, que as cicatrizes se mostram, é no silêncio que tu sentistes o mundo pela primeira vez antes que a mão do médico estalasse em tuas costas pra que vomitastes o grito, ████████ é no silêncio que eu te inicio não no mundo, num caminho espiritual ou numa crença, é no silêncio que eu te inicio não num saber esotérico milenar, em jogos de ironia, em teoremas insolúveis, não, é no silêncio, Bia, que eu te inicio em mim — pisar no meu silêncio é o teu primeiro passo pra me conhecer —, é no silêncio, filha, que eu te inicio em quem tu terás — logo — de assistir ao fim.

**E**u não queria ter ficado tantos dias sem te escrever, correndo da universidade ao hospital pra visitar a tua mãe — mas, ante o inesperado que num instante tudo modifica, eu não pude, Bia, ■■■■■ a vibração da vida, em reviravolta, veio torcer as minhas linhas, trazendo outro ausente à sua escritura, ■■■■■ eu preferiria, do mais fundo do meu ser, onde nem posso sentir sob a sola dos pés o final do meu poço, em respeito ao silêncio, eu preferiria asfixiar as palavras que me sobem à garganta, sobretudo porque se são destinadas a ti, Bia, ao saírem de minha boca, também despertarão a verdade pra me cortar — embora eu já a tenha à mão como uma faca —, somente ao enunciá-la em voz alta, pra outra pessoa, é que se iniciará a minha sangria —, eu preferiria, neste caso, o único em que elas, as palavras, não valem só pro exato momento em que foram ditas, e aqui eu reafirmo, tudo o que a gente diz, até mesmo as mentiras provisórias, vale, assim como nós, apenas pra aquela hora, ■■■■■ eu preferiria nada dizer, mas não há como escapar desta anunciação às avessas, eis aí a suprema ironia, ■■■■■ eu preferiria, agora que entro em casa, e te vejo sentada no chão da sala com tuas bonecas, tão inteira, sem imaginar o quão podes te tornar dispersa e milpartida, sem que tenhas a consciência de que as palavras que eu te trago vão operar mudanças em tua vida, eu preferiria, com todas as minhas forças, rudimentares em face da indiferença do real, que fosse a tua mãe quem estivesse contigo, e não a tua avó Helena, que aqui está pra te fazer companhia, enquanto no hospital a tua mãe está à beira da cura definitiva (tão rápida, quem imaginaria?), eu preferiria ter vinte anos a menos — mas a existência é sempre mais, mais perdas e espantos —, pra responder com desenvoltura a esta situação que o mundo noticia pra nós, ■■■■■ eu preferiria que estivesse tocando no aparelho de som uma daquelas canções de ninar que tua mãe põe pra ti, “*Old Lullabies*”, e aí eu te pegaria no colo, e daria uns passos bruscos de dança, em círculo, coisa de pai desajeitado, que precisa reaprender a se mover nas superfícies lisas, e tu darias uma gargalhada, enlaçada ao meu pescoço, me puxando os cabelos, pra minimizar a vertigem, a tua avó Helena diria, *cuidado!*, e nós iríamos até a janela contar os carros e os ônibus que passam na avenida, ou ao teu quarto, para brincarmos com os presentes que ganhastes, semanas atrás, em teu primeiro aniversário, e eu, remenino, ajoelharia, e, apoiando as mãos no assoalho, te convidaria pra que subisses às minhas costas e me cavalgasses, e, depois, esquecidos do mecanismo do universo que gera atos abomináveis na esfera humana, eu pegaria lápis e papel e desenharia, em traços grotescos (por isso mesmo, capazes de produzir sorrisos), tudo o que me pedisses, reforçando a verdade, que já sabes dizer umas palavras, ainda que, uma vez expressas, possam desmentir o próprio dito, *uma casa, o sol, uma árvore, a mamãe*, ■■■■■ mas eu apenas me aproximo e fico a te mirar, os teus braços me chamando, e eu sem me mover, avaliando o magma que terá de sair de mim e te arrastar também aos dias futuros, a tua avó Helena já entendeu o que eu retenho sob as unhas do silêncio e se vira, abruptamente, pra parede, a fim de que tu nada vejas no rosto dela, deixando-me só à tua frente, Bia, com as mãos vazias e com o que tenho a te dizer.

**E** o que tenho a te dizer, filha, é que, ao mirar cada coisa por duas vezes, agora, no rol das pessoas, pras quais tu deves dedicar teu segundo olhar, há mais uma, tão minha e tua conhecida, justo seria se fosse eu — que comecei este caderno convicto de que não te veria crescer —, mas é a tua mãe, filha, é a tua mãe que agora lá está. ■■■■■ Se nós a perdemos, ela ganhou o silêncio do mundo inteiro. ■■■■■ Daqui em diante, nesta casa, e a caminhar na rota escaldante da vida, seremos apenas tu, Beatriz, e eu. Tu e eu — e toda a ausência dela, ■■■■■ pra sempre, ■■■■■

■■■■■ em ■■■■■ nós ■■■■■

# A SERVIDÃO DAS LEMBRANÇAS

por José Luiz Passos

*O melhor é recordar*

MACHADO DE ASSIS

Na arte de João Anzanello Carrascoza, a delicadeza é valor incontornável; é arena para sondagens de grande perspicácia. Em várias de suas narrativas, um ar de domesticidade paira por sobre dramas vividos pelos seus meninos — são principalmente meninos —, que descobrem nos detalhes da casa, numa viagem ao lado do pai ou em cenas com vigor de naturezas-mortas, uma magia prestes a se esgotar. A passagem para a vida adulta torna-se umbral penoso. Na culminância dessa estética, que se realiza no romance *Aos 7 e aos 40* [2013], Carrascoza alterna a perspectiva entre o deleite e o desencanto, guiando o leitor num vaivém de duas vozes: uma pessoal, que reflete a infância, e outra distanciada e adulta, porém lírica, a nos dar a crônica do instante em que um homem cata os cacos de seu presente e realiza, com o filho, uma visita à pequena cidade de sua infância: “E embora não pudesse jamais rebobinar a vida,/ eis que ele experimentou,/ outra vez,/ (doendo)/ uma antiga alegria”. Atar as duas pontas da vida, tal como nos lembra Bento Santiago, é tarefa que apenas poucos alcançarão.

*Caderno de um ausente* é, ao mesmo tempo, inversão e síntese desse projeto. Agora, a sondagem é vivida como prospecção da infância e advertência com relação à perda. Um professor de meia-idade, João, escreve uma longa reflexão endereçada à filha, Bia, nascida de Juliana. Ambas as famílias dos pais provêm de troncos imigrantes. Bia nasce em São Paulo e tem um meio-irmão, Mateus. O pai de João foi lavrador, daí, talvez, o traço telúrico da narração: seu apreço por experiências elementares, metáforas pastoris e sua busca por uma dignidade naquilo que é simples. João dirige-se à filha num “tu” íntimo, lindamente arcaico em sua consistência: “e tu sentirás o meu hálito, nada divino, tão (e irremediavelmente) humano, Bia, pois é essa fragilidade, esse abandono forçado de cada um na sua própria solidão, que nos configura”. Bia ouve (ou lerá) essa propedêutica à vida enquanto o pai revê fotos de família e evoca a parentela em pinceladas pujantes. O caderno de perfis e sensações que ele deixa para Bia é emocionante: aí estão (imaginadas pelo pai) cenas de uma infância que a filha ainda não viveu; aí também estão, confessas por ele, as dores de pessoas que ela própria não acompanhou. Comum a pai e filha, o caderno é um espaço de decantação da experiência familiar, “e já que aqui estamos, Bia, venha, vou misturar a minha vida à tua, vou te ninar com canções imemoriais”.

Essas canções não são meramente consolo, são um preparo para a vida; unguento paternal feito de memórias que resistem “à brutalidade do fim”. O pai-professor busca convencer a filha de que “a tua história, Bia, é o bem mais precioso que tens”, e essa história começa antes dela: é pesquisa de culpas, ancestralidade e linguagem.

O marco do caderno é a educação sentimental da filha. Aqui, Carrascoza amplia o escopo de sua ficção, deixa de lado a pequena epopeia de seus meninos e abraça a fragilidade do masculino, ligando o primeiro ano na vida de uma menina às excentricidades de seus tios e avós, à precariedade da presença

de sua mãe, mulher guardada para o fim e que opera uma vigorosa mudança na vida de João. Tal mudança, vivida como ameaça da perda, é responsável pela inteireza no tônus sentimental do narrador.

Dotado de grande força reflexiva e precisão vocabular, *Caderno de um ausente* nos convida a experimentar, juntamente com Bia, a sanha de lembranças que se nos impõem como servas e algozes. Bia aprenderá que a fúria manancial do passado machuca antes de redimir. Pois, tal como recomenda João, as memórias ensinam a “ver duas vezes”. E nessa revisão pressagiada pelo pai, a filha encontrará a única forma de tornar palpável a presença dos que estão para sempre longe demais, muito embora nos sejam tão íntimos.

ALFAGUARA

**MENINA  
ESCREVENDO  
COM  
PAI**

**JOÃO  
ANZANELLO  
CARRASCOZA**



.....

.....

**MENINA  
ESCREVENDO  
COM  
PAI**

**JOÃO  
ANZANELLO  
CARRASCOZA**

.....

ALFAGUARA

The logo for Alfaguara, featuring a stylized, circular emblem with intricate, interlocking lines that form a knot-like or floral pattern.

*Para meu pai, é claro,  
e para Catarina*

*O presente é tão grande, não nos  
afastemos. Não nos afastemos muito,  
vamos de mãos dadas.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*[...] o homem só conhece a verdade  
em fragmentos, não na soma total,  
mostrada de uma só vez.*

MURILO MENDES



Só agora o caderno que o pai escreveu há anos chegou às minhas mãos, embora eu já soubesse que existia, não era uma brincadeira dele, das tantas que me ensinou, como aquela de falar sem conectivos, como se fosse o próprio pensamento a saltar de um assunto a outro — a minha preferida. Também não era uma invenção da avó Helena, que, um dia, perguntou a ele, *João, por que você não deu ainda o caderno pra Bia?*, e eu, curiosa, *que caderno, pai?*, e ele, *um que escrevi quando você nasceu*, e a avó Helena, *não, um que ele escreveu pra você*, e eu, *pra mim, pai?*, e ele, *sim, Bia, mas deixa pra lá, é uma história que já passou*, e, hoje, eu poderia dizer, *toda história já passou, pai, aprendi com você, história não é o que está começando, nem no meio, história é o que acabou*, por isso é que a contamos, ninguém escreve o que é, mas o que foi. Em outra ocasião, a avó Helena insistiu, *dá o caderno pra Bia, João*, e o pai, *já contei pra ela, de outro jeito, o que escrevi lá*, e, agora, eu sei que ele tinha razão: ao longo de meus vinte anos, o pai me contou, devagar, a história de meu nascimento, de seus erros, da morte de minha mãe, além de outra história, não de ausência, mas de sua presença em minha vida. O caderno represa outro tempo, não o que se move, como água corrente, em mim. Tudo o que o pai escreveu nele já passou, mas, com a minha leitura, recomeça a acontecer. Ler, tanto quanto escrever, é fazer a ressurreição de um mundo.



A primeira lembrança. O ponto onde começamos a tomar consciência de nós mesmos. Eu não preciso revolver o passado para encontrar essa lembrança número um. É só fechar os olhos e, outra vez, ela me vem: eu sou bebê, estou numa cadeirinha improvisada atrás do selim de uma bicicleta, e ele, meu pai, com as mãos no guidão, pedala sem pressa. Eu ouço a sua voz, meu pai me pergunta se estou gostando do passeio, eu digo que sim, eu vejo árvores manchando com sua sombra o caminho por onde passamos, mas, até aquela hora, eu não sei ainda o que são árvores, eu sinto no rosto uma carícia — invisível, eu não sei ainda que é o vento me lambendo, eu vejo a paisagem envolta por uma forte claridade que entra nos meus olhos, eu não sei ainda que é o sol, eu ouço meu pai cantarolar e tenho vontade de rir, e eu rio, eu estou me divertindo, e eu vejo, na direção contrária, uma mulher e um cachorro, mas eu não sei plenamente que é uma mulher e um cachorro, as coisas estão ainda se nomeando para mim. Paramos um instante, meu pai me oferece água, e eu bebo, mirando os seus cabelos que eu não sei ainda o quanto são ralos ■■■■■ e ■■■■■ grisalhos, eu apenas vejo os seus cabelos e tenho vontade de tocá-los, sinto que minhas mãos têm vida própria, elas querem apanhar o céu e as nuvens, as casas e os carros, e eu não entendo porque eu as movo e elas não apanham nada, eu ainda não sei que o céu e as nuvens, as casas e os carros não podem ser apanhados. Meu pai me dá um beijo, e, de repente, sua face se altera, abre-se como a manhã, que eu não sei ainda que é a manhã, e essa mudança se chama sorriso, e eu agito as pernas, eufórica, porque meu pai se senta no selim e se põe novamente a pedalar, e eu percebo que o mundo vem vindo em nossa direção, apenas o mundo que os meus sentidos apreendem, não é o mundo — mundo, é apenas o mundo ■■■■■ em ■■■■■ mim, o mundo que me adentra, e eu ainda não sei que as calçadas são calçadas, o meio-fio meio-fio, os postes postes, as avenidas avenidas, eu estou na cadeirinha atrás do selim da bicicleta, meu pai pedala sem pressa, e ele diz algo que me alegra, eu não sei bem se são as suas palavras, ou se é o tom de sua voz, mas eu me sinto além dali, eu flutuo, eu não sei ainda que é um voo de dentro, eu não sei se é outra manhã, ou a mesma manhã, o tempo está se alfabetizando em minha memória, eu sou apenas mais uma pessoa onde o tempo vai se escrever, e, então, estranhamente o vento se enfurece, agora eu sei, é o vento, o vento derruba coisas, são tantas para nomear que eu digo somente coisas, o vento descabela as árvores, agora eu sei que são árvores, e aquela claridade forte que envolvia a paisagem, agora eu sei, é o sol, e o sol, inesperadamente, começa a ser engolido pela escuridão — eu sei que é a escuridão —, eu percebo que apagaram a luz do dia, percebo que meu pai pedala mais depressa, ele agora não para de falar, ele, eu vou descobrir depois, que é tão mais de calar, ele grita, mas eu não entendo as suas palavras, eu só sei que, de súbito, algo me arranha o rosto, o vento me entra pela boca, eu dou uma golada nele, quase me afogo, meu pai diminui abruptamente a velocidade, desvia de uma pedra, a bicicleta oscila, nós dois quase caímos, agora eu sei que somos ■■■■■ nós, eu na cadeirinha atrás do selim, ele à frente, ele ali, desde sempre, na minha vida, eu ainda do lado de fora dele, e eu começo a sentir algo que ainda não sei verbalizar, mas um dia eu saberei, e agora já é o dia que eu sei, agora eu sei, e então, então é aí que se faz um imenso silêncio, é aí que eu ouço a respiração forte do meu pai, é aí que a chuva desaba sobre nós, é aí que a vida começa a se definir, é aí que o universo, o universo inteiro que eu desconheço, se inicia para mim.



Eu não sei direito o que sinto, na verdade não sei é dizer o que sinto, vou aprender mais adiante, minha mão pequena está sendo segurada por outra, maior, que me conduz, será o meu primeiro dia na Escola Serelepe, serelepe, gosto de pronunciar essa palavra, mas só vou me dar conta depois, Serelepe é pertinho de casa, tanto que vamos a pé, duas ou três quadras — por enquanto o mundo é só isso, daqui ali, o meu redor —, e eu sou um tiquinho, quer dizer, eu posso me ver assim, um tiquinho — andando, mas, naquela hora, essa que eu revivo, eu só era eu, não tinha consciência do que era, apenas a Bia, a caminho de outro começo; eu seria entregue a outras mãos, devia ser algo grande, esse gesto, mas eu estava presa aos meus passos, eu arrastava uma mochila com rodinhas, e ela tropeçava e tropeçava no relevo da calçada, a mochila era uma Bia ■■■■■ coisa, e eu a Bia ■■■■■ menina, eu zelava pelo seu bem, olhava para trás o tempo todo, queria saber se ela estava inteira, se não se machucara com uma pedra, uma greta, o sobe e desce do chão, eu olhava para trás sem saber que, dessa manhã para a frente, eu seria outra — agora eu sei que essa outra Bia segue aqui comigo. Eu estou de maria-chiquinha, a Neuza que fez, a Neuza cuidadosa com os meus cabelos, *hoje vamos fazer uma trança*, eu arrasto a mochila com rodinhas, verde, a tia Marisa que me deu, me querendo a cor-de-rosa, *a verde!*, eu escolhi, tenho os meus motivos, eu tenho, mas não sei ainda que são esses motivos que me guiam, não sei direito o que sinto, nem que lá, na Escola Serelepe, vou viver um tiquinho da minha história, eu não sei o que é professor, nem aluno, mas, quando viramos a esquina, damos com aquela claridade forte, eu já sei que aquela claridade forte é o sol, o sol todo-poderoso, só que solitário, e o sol me impede de ver o rosto de quem me leva, eu sinto a sua mão frágil, os ossos sob a pele enrugada, parece que seguro uma fruta mole, que já passou do ponto, mas eu só sei dessa comparação agora, eu tenho de colocar a minha outra mão acima dos olhos, para ver o seu rosto, eu coloco a minha outra mão acima dos olhos, para o sol não me ofuscar, eu coloco a minha outra mão acima dos olhos para ver o rosto que eu quero ver, eu não sei direito o que sinto, mas, antes mesmo de ver, eu já sei quem está ao meu lado — João, o pai. Outra vez, presente.



Agora estou sentada no sofá da sala, quase seca do choro que até há pouco garoava dos meus olhos, e ele, agachado à minha frente, cuida com desvelo do ferimento de meu joelho; tropecei no degrau da escada e caí abraçando o chão — é a primeira queda de que me recordo. Só a primeira, tantas vieram depois, tantas aguardam o momento para sair do nada e me derrubar. Foi um raspão e tanto, o piso áspero lacerou as camadas da pele, eu observo, aflita, o vermelho-vivo da carne, sinto a dor latejar ali, como se quisesse saltar, mas ela se mantém fiel, pulsa e se contrai, se afasta sem se desprender de mim, retorna forte e se mantém, só não é mais forte porque eu me distraio com o silêncio do pai. Se fosse a avó Helena, estaria dizendo, *calma, Bia, não é nada, já vai passar*, assim foi também outra vez, mais adiante, quando queimei a mão na água fervente, duas mulheres, duas mulheres diante da dor, uma sentindo-a, outra captando nela o eco de suas antigas dores, mas, não, é o pai que está comigo, ele não diz *não é nada*, ele não diz *já vai passar*, porque é um machucado, vai demorar para passar, o silêncio dele me distrai, me diz que tudo respeita a ordem do tempo, e, assim, ele não aumenta nem diminui minha dor, ele não ignora nem valoriza minha ferida, ele se dedica apenas a tratá-la, mais com a sua presença do que com o iodo, ele sabe — e, agora, eu também! — que não pode curá-la, ninguém pode curar o outro lá no fundo, tampouco se curar de si mesmo. O silêncio-pai me distrai, embora o joelho continue a arder, e me leva a esticar a memória, como um ramo (preso à raiz da dor), até anos à frente dessa queda, quando o pai, ao descascar laranjas, cortou o dedo — e, fosse porque eu já tivesse olhos atentos para perceber, fosse porque o mundo se apresentasse mais explícito às minhas suspeitas, notei que o seu machucado, depois de uns dias, ainda não cicatrizara, e perguntei se não era prudente ir à farmácia ou procurar um médico, mas ele disse, *é assim mesmo, Bia*, a recuperação só era rápida nos jovens, quando o corpo tem mais força, mas ele era um velho, e para os velhos tudo era devagar, a ferida tardava para curar. Eu mirei seus cabelos ■■■■■ grisalhos e fiquei pensando se era mesmo assim, se não haveria pessoas, independentemente da idade, que demoravam mais para cicatrizar seus machucados. Fiquei pensando no pai, se minha mãe, e outras feridas vivas nele, que, sob a pele do passado, eu desconhecia, ainda sangravam, se tinham se regenerado em casca, ou se, mesmo curadas, não continuavam, lentamente, se delineando em marcas. Estou sentada no sofá da sala, a minha primeira queda, o pai em silêncio, limpando a ferida de meu joelho. Seu silêncio me distrai, e eu sinto vontade de tocar seus cabelos, não que eu não seja de afagos — herdei a doçura de minha mãe? —, os seus cabelos pedem as minhas mãos, e eu vou em frente, eu, no meio da minha dor, acaricio os seus cabelos, sem pressa, e aí o seu rosto se ergue para mim, surpreso pelo meu toque, e eu vejo que ele é, naquele momento, com os seus machucados — e o meu —, ele é bonito, bonito e triste. Triste e bonito. Bonito ■■■■■ triste. Triste ■■■■■ bonito. Meu pai.



Não, bonito não, triste, o que eu fiz. A Catarina tinha dois lápis da Minnie, ali sobre a carteira, iguaizinhos, vermelhos, se fosse um de cada cor talvez eu me inibisse. E a Catarina, do jeito dela, nem te ligo, deixava tudo espalhado, esquecia onde punha as coisas, a Catarina era desatenta para o mundo de perto, vivia, como se diz, com o corpo aqui e o pensamento longe, a Catarina nada de recolher as miudezas, a Catarina se sentava no chão-chão, como se num tapete, a saia toda amarrotada. Então, suavemente, eu apanhei um dos lápis, assim como fruta, que está lá no pé, à espera de uma mão para lhe dar um destino. Mas, à noite, o sorriso nos dedos, eu desenhando — com o lápis da Minnie da Catarina — uma menina, uma casa, um sol gigante, e o pai, o pai em volta da mesa, a me radiografar, em silêncio, sempre em silêncio, até dizer, *bonito lápis, Bia*, e, logo perguntando, *quem te deu, filha?*, e eu, sem erguer os olhos, continuando minha arte, a voz docinha, *a Catarina, pai*, e ele, ele era bom em desconfiar, por que a Catarina podia ter me dado mesmo o lápis, ele disse, *Beatriz!*, e eu olhei, eu olhei para ele, está na cara da gente o que não é nosso, e ele viu. Ele viu e disse, não como escrevo aqui — o que roubamos não é nosso, está só em nossa posse —, ele disse lá da sua maneira, o pai não era de transbordar o copo d'água, ele era professor, ele ensinava como quem respira, sem alarde, e aquele foi só o começo da lição, eu mesma, sozinha, antes de dormir, descobri outros de seus ângulos: pensei na Catarina, no que eram as coisas dela para ela, não para mim; pensei nos bens que nos rodeiam, e que afirmamos, com a maior das certezas, serem nossos. Pensei no pai, meu pai, velho para os outros, mas novinho ■■■■■ para ■■■■■ mim, e pensei na mãe que eu perdi com um ano de vida, no meu irmão Mateus, na avó Helena, na tia Marisa, na cor dos olhos de meu avô André, na curva do queixo de minha avó Luíza, na minha bisavó Sara e seus cabelos em coque (ela tão bonita naquelas fotos amareladas), pensei no meu bisavô João, nas pernas compridas do tio Frederico. Pensei, pensei, pensei. E dormi convicta de que a minha história era a única coisa que, de fato, eu tinha. Era apenas uma história, como o lápis da Minnie. Mas ninguém conseguiria roubá-la. O bonito era nem tentar. O que é nosso — mesmo se triste — é nosso, ninguém pode ter.





Sim, o que é nosso ninguém pode ter. Assim, também aquilo que a gente sente não pode ser dado. Seja o que for: orgulho, medo, gratidão. E se pudesse, o resultado continuaria igual, sem a exatidão da verdade. Lembro-me de um sorriso que o pai me deu — eu estava no palco, dentro de uma fantasia de borboleta, era uma apresentação de dança da escola — e tanta era a minha timidez, não maior que o meu receio de errar um passo, que eu tremia toda, eu precisava tanto de uma calma, e eu procurei o pai na plateia, eu achei, e eu olhei o pai, o pai era professor, o pai sabia quando a gente titubeia no voo, e o pai me deu aquele sorriso, e eu o peguei como uma corda — milagrosa. Mas aquilo que a gente sente não pode ser dado. Se o pai me desse o sentir inteiro que subiu ao seu rosto e fez com que abrisse aquele sorriso, eu continuaria pendurada no penhasco da dúvida, sem a mão ■■■■■ salvadora que me ergueria: sim, seria preciso eu viver toda a sua história para saber, pela métrica dele, o tamanho daquele sentir. A gente, cada um de nós, é uma dor, uma alegria. O que é nosso é só nosso. Aquele ali, que tremula no líquido de minha memória, dando-me um sorriso, aquele é o meu pai. Eu sou a Bia, sua filha.



No parque, onde viemos muitas vezes, eu e a avó Helena, eu e a Neuza, eu e ele. No parque agora, só eu e ele. E ele acaba de me comprar um balão, escolhi o verde, da cor ■■■■■ de ■■■■■ seus ■■■■■ olhos, a cor que se entremeou, como dupla serpente, ora se apagando, ora se acendendo, no rosto de meus familiares, a avó Luíza, o avô André, o primo Tiago, eu gostaria tanto de conhecê-los, como minha mãe, mas já nasci com essas baixas em meu enxoval de bebê, a coluna das perdas grande perto da coluna de ganhos. O pai me leva até um banco à sombra das árvores, estamos fugindo do sol, o sol, tão forte e luminoso, tão forte e luminoso que eu gostaria de vê-lo assim  $n$  vezes — e eu o verei, no futuro, no pátio da escola, pela janela do meu quarto, deformado numa poça d'água, imenso e vermelho como uma laranja na linha do mar —, eu gostaria de vê-lo, mesmo que ele nem ligue pra mim, que siga brilhando se eu o vejo ou não, que siga sol sem minha existência, ele está ali só para ser, sol. E nós também estamos aqui, no parque, para ser quem somos, eu sua filha, ele meu pai, e só por isso eu conto esse episódio, é mais um quadro de sentimento do que a descrição de um instante, porque nada mais acontece dentro dessa moldura, senão nós dois, sob a trama da sombra, eu com meu balão ■■■■■ verde, já sonhando com um sorvete, com o algodão-doce, e o pai quieto de sorrisos, ao meu lado — com os seus machucados, claro —, mas, dessa vez, bonito ■■■■■ e ■■■■■ alegre. Alegre-bonito. Ele. Em minutos vou perder esse balão, não que eu não soubesse que todos os balões serão perdidos, mas no momento eu o tenho, eu seguro firme esse balão leve, cheio de ar, esse nada — que é meu tudo —, e esse nada me deixa alegre, igualzinho o pai, o pai, no momento, eu percebo, o pai é bonito e alegre. Alegre e bonito. Bonito-alegre. A coluna de ganhos aumenta com o seu nome, que eu repito: João, João, João. Bonito ■■■■■ e ■■■■■ alegre. João, meu pai. Balão ■■■■■ verde entre meus dedos.



Então, hoje não sei o que se passa comigo, não sei explicar, meu corpo de sete anos, mas parece que a Bia dentro dele tem mais, chegou aqui bem antes. Eu me escondi no quarto, deitei na cama e abracei a boneca-de-pano que o pai me deu dias atrás. Sou um lugar-comum, como todas as pessoas em algum momento, embora muitas sejam o tempo inteiro, uma menina de mal com a vida, não quero brincar mais desse jeito, uma menina no seu quarto, querendo distância de tudo, inclusive dela mesma, da menina que ela é e que ela não gosta de ser, Beatriz, essa mesma que só eu conheço um pouco e desconheço imensamente. E essa é tão somente a crise inaugural, das inúmeras que eu terei pela vida afora, e, claro, eu nem imagino como afastá-la, *xô, xô*, eu estou nela como no agora, sem esperanças de não estar no minuto seguinte, estou muda e não quero falar, também não sei o que quero, eu apenas sou o que sou ali deitada, não me interessa nada mais, sou essa Bia tentando se desprender dela mesma, mas eu continuo sombria, como se parada num labirinto, à espera de que algo aconteça. E não por milagre, mas pelo tempo, que não deixa nada igual — o tempo inicia as sementes e finaliza as flores, o tempo, a gente nem percebe, rói até os rochedos —, e então, não por milagre, mas pelo tempo que passa, algo acontece: ele bate na porta. *Bia*, o pai me chama, *posso entrar?*, ele vai dizer isso no futuro quando eu for adolescente, mas ainda sou garota, ele abre a porta e a fecha, para que o espaço seja unicamente nosso, embora não haja mais ninguém em casa, Neuza já foi embora, deixou a janta pronta para ■■■■■ nós, o sol está lá fora, não tem lugar para o sol aqui, e o pai se senta ao pé da cama, não diz nada por enquanto, também não me acaricia, o dedo deslizando pelo meu nariz, como faz para me acordar, ele se mantém mudo, agora somos dois lugares-comuns, a filha brava consigo mesma, para não dizer com o universo, e o pai, o pai aguarda o momento para confortá-la, já que poupá-la seria apenas adiar o sofrimento, e salvá-la é impossível, pois uma vez aqui, nesse mundo, teremos de provar do doce e do amargo. Depois de longo tempo, finalmente, em vez de me fazer perguntas, ele disse para eu falar o que me inquietava, se eu quisesse, senão tudo bem, ele me deixaria ali, eu ■■■■■ comigo, o pai nada de *pode confiar em mim*, nada de *diga filhinha o que te dói*, nada de *deita aqui no meu colo*, o pai sabe de mim — ramo-e-folha —, e aí eu falei o que sentia, na insuficiência da minha linguagem, aí eu falei que não sabia explicar, estava triste, sem saber de onde vinha o meu triste, e me calei. De novo o pai demorou um tempão para falar, mas aí falou, mais ou menos assim, porque eu só me lembro da essência, da gota-d'água que, a qualquer hora, vira mar na minha memória, eu não me lembro das palavras dele, essas são minhas, rastros de seu pensamento, ele falou que não havia apenas o triste ou o alegre, os dois estavam sempre juntos, um mais intenso, outro menos, às vezes em igual medida, um mais e outro menos, mas já se invertendo, porque a gente é tudo junto ao mesmo tempo, a gente alegre ■■■■■ triste, a gente bom ■■■■■ mau sem parar, mais bom e menos mau nas horas azuis, mais mau e menos bom nas horas escuras, a gente é tudo ao mesmo tempo, o ontem e o já e também o que vem vindo, a gente é pai ■■■■■ e ■■■■■ filho, uma época mais filho e menos pai, depois mais pai e menos filho, às vezes pai ■■■■■ e ■■■■■ filho e filho ■■■■■ e ■■■■■ pai, a gente um tecido, as linhas finas e as grossas misturadas, ora seda, ora estopa, a gente bonito-feio o tempo todo, um minuto mais bonito, outro minuto mais e mais feio, nesse instante feio- feio-bonito, daqui a pouco bonito-bonito-feio, a gente todos os sins e os não, todas as sombras e os sóis, a gente *apesar de e por isso*, a gente *vai que e não diga?*, a

gente tomara e justo agora, a gente vamos lá? e não saio daqui!, a gente simples não, a gente complexo, a gente dos outros e de ■■■■■ nós ■■■■■ mesmos, tudo junto, tudo fazendo e se desfazendo a cada instante, e o mundo igual, o mundo todos nós e tudo ao mesmo tempo, e então a gente, se passasse por um *mais* que nos desagradava, aceitasse esse mais, ciente de que o *menos* do outro lado iria ganhar poder em breve, a gente de olho e mãos para diminuir não esse mais, mas esse *breve*. E aí o pai parou, caladinho. Coloquei a boneca-de-pano de lado. O confuso em mim já menos confuso. O claro, mais claro.



Dia dos pais, próximo domingo, lição da escola, fazer um desenho, a professora disse, *pode ser um texto, se preferir*, em homenagem a ele, entregar, como um presente, *toma, pai, fiz pra você*, é só o que posso dar, eu criança, eu a Bia, sem mãe, Juliana, o pai também, tadinho, sem ela, mas o pai comigo, e eu aquele estalo, escrever do jeito que a gente brinca, comendo palavras, cortando os detalhes, ou o contrário, a escrita apenas detalhes, em bloco, nada de cimento nelas, pedra com pedra e só, o pai criativo, inventor desses jogos, ele adivinho, eu ia gostar, o ele dentro de mim ia se divertir, como o meu eu no fora dele, o pai, João, filho de André e Luíza, neto de Sara e João, João que lhe passou o nome, igualzinho no passa-anel, *agora está com você*, João lavrador, João andaluz, João que lhe passou o nome e outras coisas, outras coisas lá do fundo, e também aqui de fora, a testa oval, os lábios finos, os cílios compridos, o pai, bonito ■■■■■ e ■■■■■ triste, meu pai, velho, pai ■■■■■ avô para os outros, pai ■■■■■ novinho pra mim, pai ■■■■■ novinho, igual a manhã, manhã nascendo na voz do pai, pai que me acorda hoje, pai que me ninava ontem, ele e a Neuza, mas a Neuza a Neuza, e o pai, o pai, desajeitado o jeito dele, sempre, mas dele, do pai, e eu no gosto maior, feliz ■■■■■ feliz por ter o pai, e nada de escrever como a Catarina, lápis da Minnie, letra redondinha, *pro melhor pai do mundo*, apenas o pai, menos ele meu, mais eu dele, que ele só o pai, com seu tudo, melhor ■■■■■ pior, e eu o mesmo, todo mundo assim, com seu tudo, melhor ■■■■■ pior, mas todo mundo no seu todo mundo, só eu com todo ele, um mundo inteiro o pai, pai bonito e triste, bonitriste, tristebonito, bonitalegre, pai cabelos ■■■■■ grisalhos, pai poucas palavras, pai silêncio, pai psiu, pai velho, mas não velhinho, pai professor, pai de Mateus, pai ■■■■■ e ■■■■■ mãe de Bia, pai viúvo, pai no parque, *tá vendo ali, filha, uma margarida!*, pai no parque, *Bia, olhe, olhe, um avião*, mostrando coisinhas da terra e do céu, de baixo e de cima, o pequeno e o grande, pai no parque, eu no balanço, pra lá e pra cá, pai longe e perto, longe e perto, pai no parque, *gira-gira, empurra, pai*, pai no parque, meu balão ■■■■■ verde, pai sopro no meu umbigo, cócegas, cócegas, eu rindo, pai comigo, outras pessoas, eu contente, de mãos dadas, *este é meu pai*, pai na praia, eu na areia, um menino, *oi*, balde amarelo, uma menina, *oi*, outra menina, *oi, oi*, pai ali, pai presente, pai mar, pai ondas, pai e eu, água, água, mesma — água ■■■■■ eu ■■■■■ e ■■■■■ o ■■■■■ pai, ondas eu e o pai, ondas, pai sal, pai sol, sol, sol, sorvete, Chicabon, *obrigada, pai*, eu toda melada, pai sorriso, dia maior, dia só meu, dia pra sempre, o menino, as meninas, *tchau, tchau*, eu contente, de mãos dadas, *este é meu pai*, então chuva, chuvarada, trovão, medo, trovão, medo, trovão, medo, pai colo, chuva, chuvarada, pai, *vou te contar uma história*, distrair o medo, *era uma vez um trovão*, pai ■■■■■ pra ■■■■■ mim, lembranças, lembranças novas, lembranças de fatos futuros, lembranças antigas, eu no lá atrás do tempo, aprendendo a ler, e a escrever, a escrever pro pai, depois, depois, agora, entregar a ele, como um presente, *toma, pai, fiz pra você*, é só o que posso dar, eu a Bia, ainda menina, e o pai, o pai com seu tudo, melhor ■■■■■ pior, tristealegre, não ausente, mas ainda, o pai ainda ■■■■■ aqui.



Sim, o triste e o alegre, os dois sempre juntos, um mais forte, outro menos, eu já sei. Mas eu não sei ainda quando um deles é tanto, que o outro, na ponta oposta, nem parece existir, máximo esse, mínimo aquele. É noite de Natal, eu estou com um vestidinho branco, eu lembro bem, podia ter esquecido esse detalhe, podia ser um vestido de outra cor, mas é branco, e eu me sinto alegre, eu me sinto alegre com a Bia que eu sou nessa noite, um alegre ■■■■■ calmo, sem euforia, mas um alegre que já percebe a sua iminente expansão, embora eu não possa imaginar o quanto suas margens vão se dilatar. Eu uso umas pulseiras de metal, a tia Marisa quem me deu, e eu gostei — eu vou gostar de pulseira daqui em diante, pela minha vida afora —, eu nunca tinha usado, eu giro o braço toda hora para ouvir o seu tilintar, eu sou a única criança aqui, e eu ando pela sala de lá para cá, no meio do pai, da avó Helena e do avô Carlos, de outras pessoas que conversam e se servem de bebidas, eu ando de lá para cá, girando o braço toda hora para ouvir o tilintar das pulseiras, eu miro os pacotes coloridos de presentes junto à árvore de Natal, eu fico tentando adivinhar qual será o meu, eu me deslumbro com as bolas prateadas que pendem da árvore de Natal, como se fossem frutas, eu me deslumbro com as luzinhas que acendem-e-apagam em seus galhos, e eu vou me lembrar delas numa noite, anos depois, quando estiver subindo a serra com o pai. A noite vai seguir, a comida será levada à mesa, e eu quase não tenho fome, eu tenho curiosidade, e, daqui a pouco, eu vou ter sono, e eu vou guerrear com ele, porque eu quero ser ainda mais feliz nessa noite, e aí, notando que eu me sentei no sofá, as pulseiras em silêncio, notando que a minha esperança vacila, a tia Marisa diz pro pai, *a Bia quer dormir, os olhinhos dela estão fechando*, e o pai, sim, o pai diz algo que eu não ouço, mas ele se levanta, eu penso que ele vai pegar meu presente na árvore de Natal, mas o pai some pelo corredor, e logo ele volta carregando um embrulho grande, amassado, como se feito de última hora, um embrulho para esconder algo que não combina com o seu conteúdo, e eu não sei, pelo seu formato, o que tem dentro, mas a minha alegria começa a subir, e sobe mais e mais, quando o pai coloca o embrulho no chão e diz, *esse é o seu presente, Bia, pode abrir!*, e imediatamente as minhas mãos, obedecendo só à minha alegria, se põem a rasgar o papel com febre, febre de ser ainda mais feliz, as pulseiras tilintam, também desesperadas, e aí eu vejo só um pedacinho, o guidão, e eu continuo, eu estou chegando ao topo, e eu continuo, eu continuo rasgando com pressa, eu vejo a cesta, eu vejo as rodinhas, uma de cada lado do pneu de trás, eu vejo a minha bicicleta inteira, eu sinto 100% de felicidade e 0% de tristeza, embora não seja ainda essa a proporção, falta um grão de felicidade, mas esse grão eu vou colher daqui a pouco, amanhã, porque a força de meu contentamento é tanta, que depois dessa emoção, tão poderosa a ponto de ser quase insuportável, eu entro numa névoa, num universo vago, o branco do meu vestidinho sumindo aos poucos, a alegria não só daquele momento, mas de toda a minha vida, se deposita no meu rosto, e eu, sorrindo, eu mergulho na inconsciência de um sono profundo ■■■■■ profundo. O dia seguinte vai chegar, o seguinte chegou, a manhã explode de sol, eu estou na calçada de casa, com minha bicicleta, o pai me ajuda a subir — meus pés aguardam, impacientes, nos pedais —, e ele, em seguida, se ajeita na sua, e, então, o pai diz, *agora, Bia!*, e eu começo a pedalar, eu avanço, ele pertinho, de olho em mim, pedalando também, e aí eu não sou mais a alegria, eu sou algo maior no seu ápice, eu estou atingindo o que, depois, vou conhecer com o nome de glória.



Mas, ao contrário, teve um dia em que o próprio dia, e não eu, foi se entregando à tristeza até atingir o seu máximo. Ao menos eu senti assim, eu vivia atribuindo estados de ânimo às coisas, como se elas fossem gente: roupas tinham vontades, brinquedos protestavam, árvores resmungavam. Eu estou agora nesse dia, e esse dia já está se tornando tarde, a Neuza me deu tchau e foi embora, eu ouço o barulho da porta se fechar, eu estou deitada na cama, mando mensagens para a Catarina e leio posts no Facebook. Pela janela eu vejo o céu claro, o dia está alegre, um alegre ■■■■■ calmo, como o começo daquela noite de Natal, nada me diz que ele de repente vai ficar triste, mas o dia vai, e será daqui a pouco, então o daqui a pouco já chegou, eu nem notei, eu não percebi os sinais, eu preciso estar atenta para o que acontece quando nada acontece. Eu continuo na conversa com a Catarina, ela falando lá do Vitor, um menino bonito, bonito pra ela, eu continuo no Facebook, abrindo outras janelas no iPad, e navegando, eu salto de uma página à outra, mas a janela do meu quarto me alerta que o céu escurece velozmente, como se a tarde se adiantasse, a tarde tem um compromisso e quer sair mais cedo, a tarde está a fim de entregar logo o tempo nas mãos da noite, e eu continuo, mensagens, Facebook, mensagens, Facebook, e aí eu escuto o estrondo, um trovão, e vejo pela janela o céu negro, o dia subitamente ficou triste, e sua tristeza aumenta, não tem volta, é irreversível, tanto que as sombras assaltam meu quarto, apagam os objetos, agora eu mal vejo o contorno das paredes, o espaço ao redor se dissolve com inesperada rapidez, só a luz do iPad persiste, outro trovão estronda, o escuro vai se alastrando, e a chuva começa a cair com ternura, uma ternura que destoa da noite amedrontadora na qual a tarde, há pouco ensolarada, se transformou, e, de fato, num segundo a chuva já está violenta, o rumor de sua força descontrolada me assusta, eu tento me manter tranquila, o vento sopra enlouquecidamente, eu tento pensar que logo essa angústia do dia vai passar, mas sei que estou errada, essa é a minha vontade, mas não a do dia, o dia não vai me ouvir, o dia está decidido a ir até o Chuí de sua tristeza, a chuva aumenta, desaba mais agressiva, a internet cai, estou sozinha, o rastilho do escuro avança sobre tudo, parece que o mundo vai se acabar, e eu sozinha, sem poder dizer adeus a ninguém, eu suplico por mais um pouco de vida, e, de súbito, eu também estou triste, muito triste, mas não quero estar assim, essa tristeza é do dia, não minha, eu não posso sentir o que não é meu, o pai me ensinou, o pai professor, a mãe professora, João, Juliana, e eu não sei ensinar nada, eu tenho tanto a aprender, o pai não vai gostar, eu não vou agarrar a boneca-de-pano, não vou dar chance para o medo ■■■■■ medo, eu vou esperar, e eu espero, um tempão, eu espero, eu sozinha, no meu quarto, mas como se estivesse lá fora, no centro da tempestade, eu quieta, abraçada ao meu pequeno destino. Horas depois, foram horas tenho certeza, eu continuo aqui, ainda faz escuro, mas não tanto, o rumor da chuva diminuiu, eu ouço uma voz, *Bia, Bia*, e, em seguida, eu vejo um vulto, eu estou vendo, agora, eu sei que é o pai que acaba de chegar, na verdade ele nunca saiu daqui, ele esteve comigo o tempo todo, *Bia, Bia*, ele me chama, e, furando a bruma espessa do quarto, se aproxima da cama. *Bia*, ele diz mais uma vez — e o mundo ■■■■■ alegre se reinicia em mim.



Estou de novo no quarto escuro, mas não no meu, estou no quarto da Catarina, eu adoro dormir na casa dela, e, toda vez, de luz apagada, como se não cansássemos de falar tudo o que já falamos, continuamos a conversar por muito tempo, é como se a vida, para que pudéssemos merecer o sono, onde o silêncio reina, nos pedisse palavras, palavras, palavras. Eu não lembro onde íamos buscar tanto assunto, mas eles estavam à mão, como hoje, a gente fala porque o momento pede, a gente cala pelo mesmo motivo, não temos como mudar essa verdade. Estou no quarto escuro, conversando com a Catarina e não lembro bem qual de nós solta a ideia no ar, a outra no ato a aprova, com euforia, e é isso que vamos fazer no dia seguinte, sábado, vamos fazer brigadeiro, vamos dormir felizes depois desse achado, vamos fazer brigadeiro e vender no prédio da Catarina, vamos bater na porta dos apartamentos e oferecer aos moradores. Nesse momento nós estamos fazendo brigadeiro, as duas latas de leite condensado na panela com Nescau, já temos os copinhos de plástico, o chocolate granulado, a mãe da Catarina comprou pra gente, estamos fazendo brigadeiro, sob a supervisão dela, e, lambendo os dedos, agora já terminamos e vamos vender, começando por aquele andar, e é o que fazemos, as duas meio envergonhadas, meio corajosas, uma aperta a campainha, a outra oferece, depois invertemos, e não é que a gente volta com um dinheirinho? Estamos dividindo, tanto pra mim, tanto pra Catarina, vendemos quase tudo, e aí comemos a parte que prudentemente guardamos para nós, eu pego o último copinho, *vou levar pro meu pai, tudo bem?*, a Catarina movendo a cabeça, sim, sim, tão contente quanto eu. E eu, agora, em casa, eu dou o brigadeiro para o meu pai, ele prova e diz, *está gostoso*, eu conto o que fizemos, mostro as moedas, ele ri, *crianças, crianças*. Mas aí, estamos novamente no quarto escuro, eu e a Catarina tramando uma nova arte, nós duas gostamos de histórias em quadrinhos, nós duas resolvemos produzir uma, eu escrevo o texto e a Catarina faz os desenhos; pronto, já é sábado outra vez, estamos terminando de imprimir a última das vinte cópias da nossa história. Vamos vender no prédio dela, e vendemos, as pessoas não nos recebem com sorrisos como na primeira vez, mas vendemos, não muito — história em quadrinhos não é brigadeiro —, mas vendemos, apesar do meu texto e dos desenhos da Catarina. Eu pego uma cópia da história, *vou levar pro meu pai, tudo bem?*, a Catarina movendo a cabeça, sim, sim. Meu pai recebe a folha de minhas mãos, e quando lê em voz alta *texto de Beatriz*, ele ri, ele ri e continua lendo em silêncio. Ele termina a leitura e ri, ele sussurra algo que eu não ouvi naquela hora, mas eu ouço agora, eu presto bem atenção nos lábios dele, o pai ri, alegre ele, seu riso é de reconhecimento, mas eu só descubro agora ao tirar essa lembrança do escuro, o pai ri, e eu posso ouvir o que ele sussurra: *esta é minha filha*.





E no próximo domingo, Dia das Mães, lição de casa, fazer um desenho ou escrever um bilhete para minha mãe, minha mãe Juliana, a mãe que eu não tenho, e, não apenas nesse ano, mas em todos os anos na escola a mesma tarefa, para as outras crianças deve ser um *sim* grande, enquanto para mim é e sempre será um *não* maior que todos os sins sussurrados em meus ouvidos, porque não ter uma mãe para aprender a ser a sua filha é (também e sobretudo) o que eu tenho. Esse vazio me pertence inteiramente, essa perda eu ganhei quando completei um ano de vida. Eu nunca vou poder fazer brigadeiro com minha mãe Juliana, como a Catarina e a mãe dela, eu nunca vou poder rir pra minha mãe à beira do fogão, e ela pra mim no instante em que eu lambar a colher de brigadeiro, eu jamais poderei dar a ela uma lembrança no Dia das Mães, embora ela seja a lembrança que o mundo me entrega (com indiferença) nesse e nos demais Dia das Mães, eu jamais poderei dar a ela um desenho ou um bilhete nesse dia, tampouco me dar a ela em todos os dias que vou viver sem a sua presença, e também em todos os dias que o tempo nos daria para vivermos juntas. Eu ■■■■■ sei ■■■■■ visceralmente a falta que ela me faz, só não sei (ainda) a falta que ela vai me fazer; os meus primeiros anos se acumulam uns sobre os outros, aumentando a minha estatura, já tenho nove anos, um metro e vinte de altura, e, agora, eu já sei, eu ■■■■■ sei ■■■■■ e ■■■■■ eu ■■■■■ sinto a imensidão de sua ausência desde o meu início e para o nosso sempre, eu ■■■■■ sei ■■■■■ e ■■■■■ eu ■■■■■ sinto que ninguém pode ter o que não é seu, ninguém pode ter, senão eu, a mãe que eu não tenho. Meu também, e só meu, é aquilo que eu não posso (mais) ter, o oco entre uma lembrança e outra que tenho de minha mãe, esse oco dolorido que se faz em mim também é dela, assim como é do outro tudo o que ele não pode ter, o que o outro não tem é diferente do que eu não tenho, eu só posso fazer uma homenagem para minha mãe com os *nãos* da minha (nossa) história, eu só posso erguer as mãos vazias e dizer, *toma, mãe, não fiz para você*; e o pai, o pai, no próximo domingo, Dia das Mães, nesse domingo que já é hoje, o pai, como quem procura a dedo o local da minha ferida, ele facilmente o encontra, e hoje, no Dia das Mães, o pai não me leva ao parque, nem disfarça a verdade que dilacera nós dois, o pai me chama à sala, o pai liga o videocassete e me mostra pela primeira e única vez o filme do meu parto, o pai me mostra que a mãe está ali — e aqui, plenamente em meu ser —, sim, ela, minha mãe Juliana, está acesa nessas cenas que eu revejo, ela anos atrás me trazendo de novo à luz, ela ■■■■■ acesa ■■■■■ no ■■■■■ pai ao meu lado, eu vejo nos olhos do pai que ele a acende mais e mais pra mim quando me olha, nos olhos do pai eu vejo o rosto dela, como eu a vejo escrita (por toda a vida) entre as linhas, claras e ocultas, do meu próprio rosto.



Não foi como ele imaginou, que seria parte do programa de um curso, igual o seu de professor, *a aula de hoje é*, e naquele dia, abrindo o velho álbum de fotografias da família, apresentaria um a um, os seus, meus, parentes, não, não dessa vez, também o planejado não coincidiu com a realidade, o pai estava lá arrumando umas gavetas, não o pai João bobo, o pai ■■■■■ João ■■■■■ organizado, tudinho no seu lugar, a Neuza dizia, *dá até raiva*, as coisas sempre em ordem, nada de toalha molhada na cama, cuecas pelo chão, e esse *dá até raiva* da Neuza, eu acho, era admiração dela, o pai gostava de simetria, pelo menos dentro de casa, ele corrigia o tapete torto na sala, os livros, ele pegava, e depois lá, guardadinhos na estante, assim como os meus brinquedos — ele deixava que eu espalhasse pelo chão, mas, depois, vinha com a lei, *hora de recolher!* —, o pai devolvia as coisas à sua condição de coisas. Então, ele estava lá arrumando umas gavetas, eu vi a caixa e perguntei, *o que tem aí, pai?*, e ele, *umas fotos*, e eu, *de quem?*, e ele, *da minha família, quer ver?*, e, eu respondi, *sim*, com a cabeça, eu sabia que ele esperava esse *sim*, eu já sabia ler umas frases na sua cartilha, e, como se tocando joias de muito cuidado, ele abriu a caixa e, a cada rosto que aparecia, me explicava quem era e a circunstância da foto, *essa é sua bisavó Sara, quando chegou ao Brasil; esse é meu pai, seu avô André, no quintal de casa; esse é meu primo Tiago; e essa é minha mãe, sua avó Luíza; essa é a sua tia Marisa com dez anos, primeira comunhão; e aqui a sua tia Marisa de novo, olha só a fita azul na cabeça dela* — e aí eu dei uma risada, *a tia Marisa*, e o pai gostou, e ele continuou, continuou, *esse sou eu com sete anos; e aqui o seu irmão Mateus, veja só, com um ano*, o pai continuou, não tinha mesmo como parar, ele queria, eu queria, as imagens saltando da sua mão para os nossos olhos, ele, quase nem parecia, alegre, triste, alegre ■■■■■ de ■■■■■ novo, triste, até que chegamos à última foto, e ele nem precisou dizer quem era: era ele, talvez na minha idade, eu já sabia ver o pai velho no menino que ele fora. Então, depois de guardar todas as fotos na caixa, ele se volta para mim. E, sem que o pai esperasse pelo meu gesto — e eu também —, eu me atiro sobre ele e, enlaçando seu pescoço, eu abraço, abraço todo aquele meu povo silencioso.



E aí, não muito tempo depois, outro abraço, mas então ao avesso. Não como plano, para ele retribuir, só o sincero gesto, o seu, do pai. Eu lá comigo, aquela tarde e, subitamente, eu de novo à beira, no estado de me estranhar, menos claridade, mais sombra, eu mais na ignorância do que na sabedoria, sem ter como aplicar o meu parco entendimento, e, então, o desfecho, fulminante, para me devolver ao susto, o sangue ali, vindo do oculto, não da pele já aqui afora, como a grama, lá do fundo de dentro, como a água do escuro da terra, só um fio, sim, mas a surpresa espessa. Tia Marisa tinha dito uma vez, de raspão, algo sobre esse fato, coisa de mulher, mas o dizer fica na gente como roupa, que se pode tirar, o acontecer não, o acontecer fica grudado na gente, total, e eu, eu me lavei, mas continuei suja de dúvidas, aflita por uma calma. E a Neuza, no simples dela, me confortou, passou de leve pelo assunto, igual fazia com o pano de pó sobre os móveis, explicou sem muito explicar, até me cumprimentou, como se aquilo fosse uma grandeza. E logo a avó Helena, um pouco mais de certeza no meu espanto, a dizer o que gerações e gerações de mães tornaram dito quase invariável, era o fim da infância, *viva!*, eu me tornara mocinha, seria assim todo mês, ela ia me comprar absorvente, *agora cuidado com os meninos*, e mais, e pronto, e tudo de uma vez, enquanto o acontecer ainda estava quente em mim. Outro mundo me começou ali e vai seguir daí em diante em mim, eu já sei. No finzinho da tarde, quando o pai chega, eu estou na varanda, tão sozinha eu me sinto com meu corpo, e ele, de longe, me olha devagar, me olha com a vida inteira dele, e vem vindo, como se vem no dia a dia, e já perto de mim, mais perto, bem perto — perto, ele, que não era de toques, de súbito, me abraça. Me abraça, e já no instante seguinte se solta e, sem me perguntar nada, entra em casa. O pai sabe, a avó Helena deve ter contado. Eu ainda não sei o que o seu abraço me diz. Mas amanhã, e para sempre, eu vou saber.



Eu, a ferida ■■■■■ viva, que levou a mãe, ela a ferida ■■■■■ oca em mim, a mãe, Juliana, que não recordo, se não fosse aquele vídeo de meu nascimento, Juliana, bonita e triste e frágil e doente e adeus, Juliana, meu imenso vazio todo cheio dela, linha que estará a qualquer tempo lá, no meu começo, não importa que fim eu vá dar ao meu novelo, quem me desfiar chegará a ela, ovo que o destino quebrou facilmente entre os dedos, Juliana que se foi sem me vestir de borboleta, sem me ver de maria-chiquinha, sem ver como me pareço com ela, Juliana, minha mãe, filha de Carlos e Helena, Juliana, minha mãe, que pena se eu, Bia, sou o seu fim bonito, mãe, que pena se eu fosse, também, o fim bonito dele, pai, eu chegando só para os dois se terminarem, como as sinfonias de Beethoven, sem a grandeza delas, mas bonitas ■■■■■ alegres, em suas notas definitivas, Juliana, que me teve entre os braços quase o mesmo tempo que em seu ventre, eu no seu escuro, e ela no escuro do quarto, em repouso, me tecendo silenciosamente, enquanto o dia explodia de luz lá fora, Juliana, que me passou o segredo de fabricar vidas, Juliana que só conheço pela sua muda presença em meus genes, Juliana, minha mãe, que nunca ouviu de mim uma palavra, a primeira que todos dizem, *mamãe*, Juliana, meu machucado invisível que, como o de Quíron, não tem cura, Juliana, que amo mesmo sem a convivência necessária para se aprender a amar, Juliana, que me bordou sob o signo do perigo, quem me desfiar um dia chegará a ela — que bonito, eu digo a esse é, que bonito, eu digo, que o pai, meu velho pai, o pai encontrou a mãe, Juliana, pra me começar.



E também um dia, Mateus lá em casa, a tia Marisa contando a ele sobre um menino, um menino que era bonito, não que, naquele agora, velho, não fosse mais, que tudo tinha lá a sua beleza, até as ruínas, tão lindo o Coliseu, sim, as coisas, no fim, podiam também ser belas, até mais que no começo, que o começo é um preparar para que, no final, se chegue ao máximo, e daquela maneira, a tia Marisa estava falando como o pai, devia trazer lá nos seus olhos o ver de toda a família, embora a tia Marisa fosse falante e o pai silencioso. Ela, minha madrinha, cuidara de mim muitas vezes, quando eu bem pequenina, ela e a avó Helena, o pai, e tirando a Neuza, todos eram cheios de anos, todos velhos, mais perto desse tipo de beleza que ela dizia, a beleza própria do fim, e, enquanto ela falava, o Mateus ouvia de um jeito admirado, o Mateus meio que com uma felicidade quieta nele, e a tia lá tagarelando sobre o menino, que o menino ajudava o pai e a mãe no restaurante, o menino com um cuidado, quase amor pelos livros, tarde atrás de tarde a buscá-los na biblioteca da pequena cidade, o menino, pra desentristecer, até punha durex nuns volumes maltratados. O menino colava com esmero as capas rasgadas, devolvia os livros mais novos — e eu ali pensando, como a gente podia usar algo e esse algo, em vez de se acabar, esse algo se renovava? —, e a tia contando umas coisas menores do menino, e eram essas coisas que estavam fazendo grande a atenção do Mateus, e a minha, eu percebi, e a tia, satisfeita com a sua narrativa, no gosto de estar ali resgatando o menino do esquecimento, como se a verdade falasse por ela, e era o menino quem apanhava as romãs para a avó, já miudinha e curvada, se preparando pra voltar à terra, a terra que ela tanto cultivara, de pé, na *hacienda* ao redor de Granada, o menino bicava às escondidas a *sangria* do avô, o menino desde menino aquele gosto por bicicleta, o menino e ela vindo de um mundo não de céu, mas de chão, dos próprios pés para palmilhá-lo, e eu, de dedos cruzados pra ela ter mais dele pra contar, eu ouvindo a música daquela história, eu já gostando do menino, e a tia debulhando outros feitos dele, mais pra frente, o menino rindo da fita azul nos cabelos dela, e aí, aquele clarão, aí quando eu entendi que era do pai que ela falava, aí, aquele clarão — aí, aí eu gostei ainda mais daquele menino. E aí eu percebi que gostar é coisa grande, igual descobrir: parece que se dá de uma vez, o sentimento já pronto, mas não, gostar começa lá atrás, uma coisinha de nada, gostar é demorado, a gente devagar até atingir o de repente de perceber, o total, o coração mínimo pra segurar aquilo tudo, a gente se inflando de uma alegria, só nossa, pra suportar o inesperado de saber. Aí, isso: eu podia ter descoberto de outro jeito, o grande de gostar, mas foi naquela tarde, pela voz da tia Marisa, que gostei mais, muito mais (do que eu já gostava) do pai.



De repente, de novo, o assunto, o machucado, mas não aquele curável com iodo ou com o tempo, um outro, maior, eu também maior, doze anos, e, por isso mesmo o susto, com as palavras da avó Helena, ela e o pai em conversa, o café, que ele mesmo coara, na mesa, *a Bia está tão parecida com a mãe!*, e o pai, o pai fechando os olhos, como se para ver a mãe, minha mãe Juliana, o amor dele, amor grande para tão curto convívio, eu só tive a exata dimensão desse amor anos mais tarde, o pai fechando os olhos, abrindo-os, em seguida, para me ver à sua frente, eu no chão, em postura de índia, de olho na tevê, de ouvido neles, os dois em sussurros, e no rosto dele, no rosto do pai um tremor, um quase nada, movimento de árvore que só o pássaro pode perceber, e eu senti mais do que vi, porque ele, abrindo os olhos, deve ter revivido a mãe em mim, e a mãe, levinha, os bracinhos de grilo, o pescoço que lembrava o das mulheres de Modigliani, a mãe, levinha, devia estar pesada nas pálpebras do pai, porque o pai baixou a cabeça, num sim para avó, devia estar doendo nele, estava doendo em mim, e, embora eu fosse parecida com a mãe, era o que dissera a avó Helena com aquelas palavras, era o que ele dissera com seu silêncio — eu ainda não sabia ver direito, é preciso viver para ver —, embora eu fosse parecida com a mãe, Juliana, naquele aspecto eu era igual a ele, João, o machucado não cicatrizava, a demora era maior, muito maior que o normal.



Diante da folha em branco, não sei como dar corda hoje no passado, fatos se sobrepõem em meus olhos, fatias de tempo se embaralham, uma recordação salta do caldo do todo, como um peixe, para a realidade de agora, não a realidade de antes, na qual ela foi gerada, uma recordação salta, escorrega pelas minhas mãos e eu, apesar de estabanada, consigo enfim segurá-la. O mecanismo de reviver começa a girar, elegendo as palavras. Hoje é cerimônia de formatura, fim do ensino fundamental pra mim. Eu estou nos quinze, Beatriz, tão longe, e tão perto, da Bia com sua mochila de rodinhas, seguindo com o pai para a Escola Serelepe, o sol quase a me cegar, quanta coisa até saltar desse hoje e chegar a esta manhã, em que escrevo, é como se tivesse entre as mãos em concha um punhado de água do mar, e nela todo o mar do tempo, todo o mar de sempre, indo e vindo, o início uma onda, o fim outra onda, essa nascendo na espuma daquela que morre, o gosto do sal jamais outro gosto senão o do sal, em qualquer idade. Eu desço do palco, não sem antes ver o pai, o Mateus e a Gisele, eles anunciaram ontem que vão se casar no ano que vem, e de fato eles se casam, e agora seguem juntos, João filho dos dois já aprendeu até a andar, eu desço do palco não sem antes ver a avó Helena e o avô Carlos, a tia Marisa, eu desço do palco e retorno às primeiras fileiras, e eu olho para trás, lá atrás está o começo, eu vejo o pai, tão velho perto dos outros pais, o carro na vaga de idosos, o pai, nós dois ondas, ondas, fim de uma, começo de outra. Uma recordação salta hoje em mim, como um peixe, se contorce no ar e retorna ao caldo do todo. Grão de sal no branco da folha.



O tempo, igual uma dessas portas, de vaivém, sem fechadura, sem chave, o tempo velho, as dobradiças rangendo, a gente entra e sai fácil do passado para o presente, e vice-versa, como agora — estou no banco de trás do carro, uma Bia maior, esquecida já de uns começos, acostumada com certas partes de mim — outras não, nunca! —, e é noite, uma noite também menos criança, noite adulta, que cresceu rápido, logo vai ser noite plena, quando a gente chegar lá, na pousada, nas montanhas, onde vamos passar o feriado. Mateus se opôs, viagem longa, estrada em espiral, o pai não enxerga mais direito — os dias não fazem só bem, os dias também nos pioram, mas eu não percebi ainda, eu me vejo melhorada, *cada vez mais bonita*, a Neuza diz, estou contente com meu rosto, apesar de umas espinhas —, Mateus discordou, mas o pai e eu resolvemos subir a serra. Estou no banco de trás do carro, deitada, e, pelo vidro, vejo a sombra dos pinheiros ao redor — já sei diferenciar pinheiros de eucaliptos —, e, do vazio entre seus galhos, o céu, azul-escuro, transborda, como um tecido, e as estrelas cintilam nele, parecem frutas de luz pendendo dos pinheiros, e eu sigo ali, deitada, vendo as estrelas, vendo, vendo, porque ver não é só lançar os olhos como uma rede, ver é um continuum, eu estou compreendendo nesse momento, enquanto viajamos, enquanto o carro serpenteia pela serra, ver é um continuum, ver é continuar vendo no instante seguinte, vendo o mesmo, no seu igual ■■■■■ diferente, uma camada de olhar sobre a outra, e, então, eu me espanto, estou à beira de alguma coisa que vai me doer, e quero me afastar, o confuso mais confuso em mim, o claro menos claro, é um continuum eu escrevi, e lá, naquele agora, que lembro e conto, não no agora ■■■■■ agora que sou aqui, naquele agora, eu não uso essa palavra, eu falo do ontem com o meu hoje, eu aprendi a palavra continuum há pouco na faculdade, o tempo, igual a uma dessas portas de vaivém, sem fechadura, sem chave, e, de repente, eu queria desver, voltar à minha ignorância, mas eu sigo vendo as estrelas no céu azul-escuro que vaza entre os pinheiros. Estou no banco de trás do carro, deitada, de olhos fechados, quase pronta para sentir essa dor, da qual não vou me esquecer, estou no final de sentir o que se tornará essa lembrança, eu ouço o ruído monótono do motor, eu ouço o pai perguntar, *está tudo bem aí, Bia?*, ele sabe que, se estou muda, o mundo ruge em mim, e eu, eu minto, eu tenho meus motivos para mentir, vou entendê-los nos minutos seguintes, eu minto e digo, *sim*, porque eu não vejo o pai, eu só vejo o seu vulto no banco da frente. E aí eu penso nas estrelas, eu fecho os olhos, eu penso, de súbito, no filho do Mateus que vai nascer, João, o pai vai ganhar um neto, eu serei tia, igual à tia Marisa, eu fecho os olhos, ainda vejo um restinho de estrelas, elas se apagam sob minhas pálpebras, e eu ainda penso nelas, e aí eu igualo o passado ao presente, aí eu penso no pai, que bom seria se ele permanecesse um pouco mais, se ele não se apagasse logo, mas, não, aí o susto, o meu espanto se completa, porque eu me dou conta de que o meu querer é um continuum, mas um continuum cujo avanço a realidade, com seu poder, vai barrar. Um portão de ferro, blindado, é a realidade, com fechadura, chave, corrente, cadeado. Não que eu não soubesse, a gente nasce suspeitando, mas agora eu capto a proximidade. O carro já subiu por tanta estrada, não preciso procurar placas para ter certeza de que estamos no fim da serra. Fecho os olhos com força e sei que haverá neblina quando eu os abrir novamente. E frio, muito frio, a pele já me avisa. Meus ouvidos zumbem. Fecho os olhos com força, a imagem das estrelas resiste um segundo e desaparece. Vou me lembrar dessa noite dois anos depois, quando estiver no acampamento de férias, mirando as estrelas, junto com a Catarina, vou dizer a ela,



*agora feche os olhos, você ainda vê as estrelas, não é?* Vou me lembrar, mas eu ainda não sei que vou me lembrar, estou no antes, não vivi o suficiente para o depois que virá, estou nessa noite ainda, as pernas encolhidas, é mais uma primeira vez pra mim. Fecho os olhos com força. Sozinha, deitada no banco de trás do carro, experimento a espessura da escuridão, como uma roupa pesada sobre meu corpo. Fecho os olhos com força, uma folha da porta de vaivém se entreabre, posso ver o pai do outro lado. Fecho os olhos com força e peço, baixinho, ao destino, que se atrase, nós juntos um pouco mais desse lado. Fecho os olhos com força e sinto a água quente vazando pelo meu rosto abaixo.



Um dia o pai falou que um tal Jorge Luis Borges, a quem então eu desconhecia, disse que só havia dez metáforas no mundo, todas as demais eram filhas delas, a da lua, da espada, do mar, da serpente, e deu uma porção de exemplos, assim de cabeça, de escritores que ele tinha lido, o pai trazia uma imensidão colada na memória, e outros exemplos no ato ele inventou, hoje eu sei, e, então, eu tive um susto, quando ele disse que, na certa, também era assim com a gente, só havia dez pessoas na nossa história, dez pessoas para delimitar a nossa pele e a nossa polpa, assim como só havia vinte e três letras do alfabeto, e com elas todas as histórias poderiam ser — e seriam — escritas: eu comecei a pensar que aquela brincadeira, criada anos antes pelo pai, de falar sem conectivos, driblando a sintaxe, era uma metáfora, o vazio entre as palavras, o oco entre um pensamento e outro, a ausência no vácuo da presença, o eco não do grito mas do silêncio. O espaço para entrar o que não é só meu, mas também do outro. Daí recordei uma frase do pai, está escrita lá no caderno dele: *metáforas em cores a partir de clichês cinzentos*. Só que hoje eu me peguei com a metonímia. Metonímia: o pai e eu. A parte pelo todo. O todo na parte. Ou as definições que se encontram por aí: nenhuma palavra é a coisa que ela, palavra, nomeia. Toda palavra é tão somente algo que substitui a coisa. Então, eu penso: se eu emprego uma palavra no lugar de outra, não chego à coisa, mas apenas a outra forma de nomeá-la. Assim, se eu, Beatriz, estou aqui — e nenhuma palavra é capaz de me tornar, senão em seu reino, o que eu de fato sou —, quem eu substituo no lugar em que ocupo? Assim, se o pai não é o pai senão nas palavras que substituem, pra mim, a sua presença, por que essa dor só de pensar nele? Assim, se o pensamento é uma dupla substituição — da coisa e da palavra por uma imagem —, por que essa dupla ausência não me leva ao espaço dentro do espaço em que se encontra a verdade, a coisa ■■■■■ coisa, não a coisa ■■■■■ palavra? Assim, qual mundo, de fato, o mundo, aos meus olhos, substitui? Assim, que texto está no lugar, original, deste meu texto? De que coisa ■■■■■ coisa ele é o substituto? Não sei. E também não importa. A cada linha que escrevo aqui, eu me lembro do pai. O tempo todo. Eu, Beatriz, a sua parte.



O tempo todo. Depois daquela noite, o carro subindo a serra, a sombra do pai no banco da frente, eu deitada no banco de trás, as estrelas no céu azul-escuro vazando entre os pinheiros, duas palavras se enlaçaram, o tempo todo, no nosso dia a dia, depois daquela noite: *já* e *ainda*. Uma para mim, outra para ele. Eu *ainda* durmo tarde, isso vai mudar daqui dois anos, mas por enquanto eu *ainda* durmo tarde. O pai, antes não, mas agora o pai *já* dorme cedo, e cada dia mais. Eu *ainda* não comecei a gostar de vinho tinto, mas eu vou gostar, uma bicadinha de vez em quando. O pai que eu sempre vi tomar vinho tinto, o pai bonito e quieto, a taça sobre a mesinha, o livro entre as mãos, o pai *já* não bebe mais. Eu *ainda* não tive nenhuma doença, o pai sempre de olho, por causa da mãe, se a fragilidade dela não passou pra mim. Eu *ainda* não tive. O pai *já* toma remédios diariamente. Eu *ainda* gostaria de andar de bicicleta com ele nos fins de semana, um passeio leve, pelo bairro mesmo, como anos atrás. Talvez ele até quisesse, mas o pai *já* deu a bicicleta dele pra Neuza. Eu *ainda* não escolhi a profissão. O pai *já* se aposentou. Eu *ainda* não tirei carta de motorista, daqui dois anos eu vou tirar, eu acabo de tirar. O pai *já* não deveria mais dirigir. Eu *ainda* não para muitas coisas, sim para tantas outras, e todas rumo à certeza de ser, num tempo adiante, quando maduras. O pai também *já* para muitas coisas, mas muitas coisas que apontam para outra certeza, num tempo adiante, quando já terão passado do ponto de ser. E se invertêssemos o sinal das duas palavras em busca de um novo sentido? Eu não mais *ainda* e o pai não mais *já*. Eu *já* para certas coisas, o pai *ainda*. O pai ■■■■■ ainda.



Também. Também naquele dia ele estava lá, comigo. Eu não queria ir, nem ver, mas eu fui, e eu vi, o pai me levou, ele nem conhecia o Edu, mas ele conhecia a vida, a hora que o “nunca mais” começa a valer. Foi assim, mais rápido que a minha mãe. Foi numa esquina. O Edu em cima da moto, devagar, na dúvida. Para cá, o Edu no colégio, segunda-feira, aula dupla de álgebra, as meninas tietes, o Edu bonito, bonito e alegre, alegre e jovem, entrando na sala. Para o outro lado, a camionete em alta velocidade, sem tempo de frear, o Edu, bonito e alegre, alegre e jovem, no asfalto, *adeus*. O Edu, para lá. *Adeus*. Eu não queria ir, nem ver, mas eu fui, e eu vi, o pai me levou. Chegamos, eu não sabia como agir — eu ainda não sei —, e vi lá de fora, entre gente desconhecida, uns colegas de classe, a diretora da escola, outros professores. Estranhei, logo na entrada, uma fila diante de um livro sobre um cavalete, eu não sabia o que era aquilo, eu estava assustada, eu tinha medo de errar, mas, mesmo assim, perguntei baixinho pro pai o que estava acontecendo ali, pensei até que me repreenderia, mas ele respondeu, *é o livro de presença*, e eu, *e pra que serve?*, eu precisava me distrair um instante, e ele explicou, para os presentes ali escreverem seu nome, e aí nós entramos, e eu, antes de ver o Edu, eu vi que as pessoas conversavam, e eu me espantei, imaginava que estariam todas em silêncio, mas não, falavam entre si como se nada tivesse acontecido, talvez tentando também se distrair um instante, hoje eu sei. Num canto, vi uma senhora com um terço na mão, sussurrando uma oração. Do outro, vi a Catarina abraçada à sua mãe, chorando, ela tão aturdida quanto eu, o Edu, bonito e alegre, alegre e jovem, *adeus*. O pai me levou até a família do Edu, eu não queria, mas eu fui, eu fui e vi a dor, eu só vi, porque eu não podia sentir a dor deles, mas eu estava triste, triste e atônita, e fiquei ainda mais quando vi o Edu, era outro Edu, não o nosso. Depois saímos, lá fora o sol-todo-poderoso no céu, e, de repente, eu e o pai conversando, eu e ele no café ali pertinho, eu com receio de pedir um pão de queijo, não sabia se podia viver aquele dia do mesmo jeito, o Edu, *adeus*. Mas o pai estava comigo, e o susto foi, aos poucos, saindo de mim. Na hora de ir embora, aponte o livro de presença e perguntei, *a gente não vai assinar?* O pai respondeu, *não precisa*, e me deu a mão. Não entendi. Por que não deixar o nosso nome lá? Hoje eu entendo: a presença não está na escrita, mas em escrever juntos a história.



A vida é a qualquer hora. O que a gente está fazendo, seja uma coisa boa ou não, um sonho, uma viagem, a leitura de um livro, tudo é vida. Até o último momento. Não há como deixá-la de lado, como uma roupa que não gostamos mais, a vida acontece o tempo todo. E, em boa parte desse tempo, não percebemos que ela é só o que temos — a nossa história, que a gente vai escrevendo sem bússola, a gente nada sabe do próximo minuto senão ao chegar nele, o agora ■■■■■ agora é imprevisível como o agora ■■■■■ antes ou o agora ■■■■■ seguinte. E um agora ■■■■■ antes, que vai se tornar um agora ■■■■■ agora, me pede de novo para acontecer: as férias chegaram e eu não sei o que vou fazer. Mas, justamente por não saber — eu continuo sem saber tantas coisas —, eu me sinto livre, eu nada espero, eu sou apenas a Bia de férias. No ano passado eu fui com a Catarina ao acampamento. Nesse agora, eu acho que não vou a lugar algum, mas o Mateus veio visitar o pai, a Gisele com ele, e a Gisele conversa comigo, e, enquanto nós duas conversamos, a nossa vida é aquela hora, e, então, ela me convida para passar uns dias na casa dos pais dela que vivem num sítio perto de Ribeirão Preto. Eu não me animo para ir, eu não sei se vou gostar, eu não digo nada, mas o pai gosta da ideia, e o pai diz, *sim*, o pai agradece a Gisele, o pai diz que Ribeirão Preto é perto de Cravinhos, cidadezinha para onde o bisavô André e a bisavó Sara foram trabalhar na lavoura de café quando chegaram de Granada, o pai diz que o avô João e a avó Luíza viveram em Cravinhos, que ele, pai, nasceu lá, que, ali agora só se vê canavial, mas o clima é agradável, lá agora tem um entreposto de flores vindas de Holambra, tão lindas as violetinhas, as rosas, as gérberras, o pai está contente só de falar, a vida é a qualquer hora — falar, eu percebo, é também a gente *ser* naquele instante, tudo é a gente sendo. O agora ■■■■■ seguinte vem e, na mesa do jantar, o pai percebe que eu não botei o pé na felicidade, aquela felicidade que sentimos quando estamos de férias, ele me diz que o mundo não é só aqui, tudo o que é diferente nos aumenta, ele pede pra eu ir, pra eu experimentar, ele me dá chance de não gostar e, se eu não gostar, eu posso voltar, eu pego um ônibus e ele me espera na rodoviária. E, então, então eu vou, e eu vou gostar, eu vou amar, eu vou fazer descobertas que, naquele agora, eram grandes — as descobertas, nesse agora ■■■■■ agora, eu sei, são sempre grandes quando somos pequenos, as descobertas são sempre grandes porque nunca deixamos de ser pequenos. E enquanto eu estava lá, o pai estava em casa, longe, o pai estava ausente de meus dias, e eu queria dizer a ele as coisas que eu estava descobrindo, o riacho, eu nunca tinha visto um riacho, um riacho bonito, bonito ■■■■■ e ■■■■■ limpo, e a nascente, onde a água brotava da terra, e os cavalos, *que lindos!*, os passarinhos, as laranjeiras em flor, tão gostoso o perfume delas, e a Pandora, a cachorrinha do dona Zélia, a Pandora foi quase sentir de novo a glória quando ela veio correndo pra mim, quando ela dormia aos meus pés, mas a gente não pode ter o que não é nosso, a gente é também o que a gente não tem, o que a gente não tem mas gosta, o riacho, os cavalos, a Pandora. Enquanto eu estava lá, vivendo a minha vida distante do pai, eu queria dizer a ele que estava adorando, e uma noite eu telefonei para ele, eu estava atolada inteiramente na felicidade, eu queria que ele soubesse, eu queria agradecer, ele tinha me ensinado que é preciso experimentar antes de decidir pelo sim ou pelo não, a vida era grande pra mim àquela hora, mas, talvez por timidez, ou porque outras pessoas podiam ouvir, eu diminuí aquela grandeza, eu me contive, eu não contei o quanto aquele lugar estava me ampliando. A gente não tira férias da vida, a vida é a qualquer hora. Mesmo se a gente se atrasa para dizer algo que gostaria. Assim, nesse agora ■■■■■

agora, eu digo ao meu pai, eu digo a ele tudo o que não disse naquela noite.



Eu não sei tantas coisas, eu só tenho vinte anos de dias e tardes e noites, eu estou aqui, com tudo o que eu não sei, abraçada a essas e a outras lembranças, pequenas lembranças que vão e vêm, que espocam em minha memória e se espatifam contra o presente. Eu me vejo agora abrindo a porta de casa, a tempestade irrompe lá fora, eu saio correndo, o pai não me deixou ir à festa, o Danilo está à minha espera, o Danilo que agora é apenas a recordação do meu primeiro beijo, o Danilo que era o meu amor naquele então, eu saio correndo indignada para lugar nenhum, as águas se misturam em minha face, não sei o que é chuva e o que é lágrima, eu ■■■■■ e ■■■■■ o ■■■■■ pai ■■■■■ as mesmas águas; e aí já é uma noite de verão, as janelas abertas, o ventilador girando pra lá e pra cá, eu estou ensinando a ele, meu pai, velhinho, como se comunicar por WhatsApp, e ele me faz uma pergunta, e eu explico, e ele, que foi professor, ele diz que eu ensino bem, eu levo jeito, e aí eu digo, *eu tenho a quem puxar*; e, então, eu agora com sete anos, me caíram dois dentes da frente, estamos à mesa do café da manhã, eu falo assobiando, eu respingo saliva, o pai ri, a Neuza também, *olha a janelinha!*, e daqui a pouco é outra tarde, eu sento pertinho dele, pego uma almofada como se fosse minha boneca-de-pano, eu e o pai assistindo a um jogo de vôlei, e logo mais chegamos à praia, a areia acaricia a sola dos meus pés, já estamos debaixo do guarda-sol, eu quero milho verde, e eu vou passar mal, eu estou passando mal, eu vomito no colo do pai, e ele cuida de mim, e o tempo, em zigue-zague, nos atira meses à frente na plateia do Cirque du Soleil, eu e ele batemos palma para o palhaço, os dois aflitos com os acrobatas, as lembranças não param, não vão parar nunca. São centenas de fatos embaralhados, que cumpriram seu papel de ser fatos preliminares de outros, maiores, que a minha mente escolheu aqui para lembrar. E eu lembro, eu lembro, e tudo se torna, de novo, vida presente.



É manhã de domingo, estou há dois anos da idade que tenho atualmente. De tênis e roupa esportiva, caminho pela praça do bairro, e, com o fone de ouvido, não escuto o som do que acontece à minha frente, crianças que gritam, cachorros latindo, canto de pássaros, nem as batidas do meu coração, eu escuto umas músicas que baixei da internet, não é o Beethoven que a tia Marisa e o pai amam, mas é o que me toca nesse momento da vida. Já que não ouço o barulho de fora, e para não ser surpreendida por uma bicicleta, ou algum corredor apressado, olho para trás de vez em quando, e lembro, não nessa hora em que ando, mas nesta em que escrevo, mais presente que a outra, uma frase do pai, *caminho percorrido é caminho percorrido*. Nessa manhã de domingo, depois de uma volta na praça, eu vou ver por acaso um homem se exercitando nos aparelhos de ginástica, à sombra das árvores, e, por um segundo, eu penso que ele é o Mateus, meu irmão. Mas, ao me aproximar, eu vejo que não é o Mateus. E, mesmo não sendo, o Mateus já grudou no meu pensamento, e eu vou dar uma volta pensando nele. A Neuza diz que ele é a cara do pai, eu não sou boa para ver os traços de uma pessoa na outra —, não descobri ainda nem pra que eu sirvo, que profissão seguir, e no ano que vem vou prestar o vestibular como treineira —, mas, claro, eu percebo o pai no Mateus, eu percebo o pai também no meu rosto, não sempre, só às vezes é que ele se revela, pelo menos aos meus olhos, no Mateus e em mim. O Mateus é filho de outra mãe, os traços de sua mãe e do meu pai, nosso pai, se escondem um no outro, eu só consigo distinguir bem esse daquele quando menos espero, e não é uma questão do olhar, é da vontade desses traços se mostrarem ou não. A Catarina brinca, diz que o Mateus é o meu pai na versão jovem, o Mateus quem levou a gente, tantas vezes, pra encontrar a galera no shopping. O pai sempre gostou do Mateus lá em casa, ele e o pai assistindo a uns filmes de ação, eu lembro, sou criança, brinco no tapete com uma Barbie, e os dois lá, quietos, a luz azul da tevê no rosto de ambos, a vida ali, caminhando de um para o outro, tão parecidos eles, mas eu nem noto. O Mateus, nos últimos anos, vem todo dia em casa, preocupado com o pai, o pai ■■■■■ velhinho, o Mateus a qualquer hora que o pai precisasse ele vinha, o Mateus muito mais com o pai, mesmo depois de se casar com a Gisele, o pai alegre ■■■■■ alegre com o João, outro João, seu neto, e a sua, a nossa, história ganhando com esse João uma nova estradinha. É manhã de domingo nesta folha em que escrevo: de tênis e roupa esportiva, eu caminho com o fone de ouvido, não escuto o som do que acontece à minha frente. Eu penso em Mateus, meu irmão. Meio-irmão seria mais correto dizer. Não sei por quê, mas nesse momento eu sinto falta dele, a gente lá com o pai, a gente uma praça e o tempo passeando por nós. Sinto falta da gente lá, com o pai, sinto falta do Mateus, meu meio-irmão — mesmo morando hoje na casa dele. Saudades inteiras, porque não há saudades pela metade. Saudades a gente sente a qualquer hora, como a vida. A vida é — também o que já foi —, a qualquer hora.





Ele, João, um país. Eu conheço um pouco desse país, mas falta muito ainda para eu descobrir. Já não vejo mais nada lá embaixo, estamos entre as nuvens, eu e ele num voo São Paulo–Rio de Janeiro, segunda fileira do avião, poltronas 2A e 2B, e não importa o antes e o depois, só o durante, e o durante é novamente agora, nós dois no céu azul, entrando numa nuvem imensa, o mundo branco, branco, a gente saindo dele — tudo azul outra vez. O pai folheia a revista de bordo, eu permaneço à janela vendo céu e nuvem lá fora, céu e nuvem que não me cansam, céu e nuvem que me fascinam, e eu estou feliz, tão feliz quanto uma criança pode estar quando não sabe ainda que, um dia, terá de provar a tristeza em igual medida. Eu vou conhecer o morro do Pão de Açúcar, vou sentir temor quando o bondinho balançar na ancoragem, e, no dia seguinte, subirei até o Cristo Redentor, vou tirar fotos da cidade quieta lá embaixo com meu celular, vou olhar tudo com os meus olhos voltados para dentro, pedirei pipoca ao pai, e ele comprará, iremos no Jardim Botânico, deitaremos na grama, e, ao contemplar o céu, eu vou ver um avião, eu vou apontar para o alto e dizer, *olha, pai, a gente viajou num daquele*, mas, por enquanto, estamos aqui, nesse avião, talvez outra menina com seu pai, deitada na grama do Jardim Botânico, esteja apontando para nós dois, pois já estamos sobrevoando o Rio, descendo, descendo, só uma hora, tão curta a viagem, e o pai me levará a uma praia distante, Recreio do Bandeirantes, e, depois a outra ainda mais distante, praia da Macumba, eu vou comer milho verde e vou passar mal, mas agora nós estamos no avião, estamos ainda a caminho, a pai vira a página da revista e surge um mapa-múndi, eu me inclino pra ver, ele me mostra com a ponta do dedo as rotas, São Paulo–Paris, Paris–Milão, Rio de Janeiro–Madri, Manaus–Orlando, e eu sigo outras rotas na página com o meu próprio indicador. O pai me pergunta que país eu gostaria de conhecer, e eu respondo, *Espanha*, ele sorri e pergunta, *qual mais?*, eu digo, *Itália*, e ele, *mais um, Bia*, e eu, *Tailândia*, e ele, *Tailândia? O que você sabe sobre a Tailândia?*, e eu, sincera, digo, *nada*, e acrescento, *por isso quero ir lá!* O pai diz que houve um tempo em que só os ricos viajavam de avião, diz que hoje não, tanto que estamos ali, embora as passagens aéreas ainda sejam caras, é preciso dinheiro para conhecer até mesmo o nosso país. E então ele diz que, quando eu crescer, se eu não puder conhecer muitos países, eu posso conhecer pessoas, e, cada pessoa, ele diz, *cada pessoa é um país*. Mas um país pra gente conhecer não como turista, que só passa, conhecer como quem fica e se deixa lá, conhecer não com os olhos dos outros, nem da máquina fotográfica, mas com os nossos próprios olhos, os olhos que registram para dentro e não só para fora. Eu gostei do que ele disse, fiquei pensando em todo mundo que eu conhecia, cada pessoa um país, a Catarina, a avó Helena, o Mateus, a Neuza... O avião vai pousar, eu vejo a cidade cercada pelo mar, é meio-dia, o horizonte é todo sol, eu vejo uns prédios e umas casas, vejo a pista do aeroporto se aproximando, e, ao fundo, refletido no vidro da janela, o rosto do meu pai. Um país lá fora, e outro, o país João, junto a mim.



Eu e ele centenas de vezes, frente a frente, partilhando uma refeição. Mudam as toalhas, os talheres e os copos, mudam as travessas e os pratos, as nossas posições à mesa, as paredes ao fundo, mudam as companhias ao nosso redor, a nossa idade, e tudo segue igual, a gente acalmado a fome, dizendo o que se costuma dizer em qualquer hora, as coisas menores no meio das maiores, essas se confundindo com aquelas. Tantos encontros entre as levezas e as urgências da vida diante um do outro, e, no entanto, nada tão significativo, senão que estar ali com ele era algo maior e eu nem me dava conta. Nada tão significativo senão também uma coisa menor que se deu uma noite, uma única vez, e aqui vai se repetir com a precariedade das minhas palavras. Eu apenas senti, eu vou sentir de novo — o futuro talvez me explique o que na ocasião eu não consegui compreender. É um dia de semana, terça ou quarta, não me recordo, tanto faz. Importa que eu estou com o pai, esquentamos a comida no micro-ondas, vamos jantar. Algum assunto nos leva a conversar, é assim com todo mundo, a conversa é como o pão que acompanha a comida, às vezes são fatias generosas que passam de uma mão a outra, às vezes são migalhas, perguntar *como foi o seu dia?*, responder com um resumo, ou mencionando um fato que vivemos pela manhã, é próprio da vida, tanto é o seu silêncio e o seu inalcançável sentido, que temos de verbalizar, temos de falar para suportar o mistério que, por natureza, se cala ante a nossa ignorância. Eu, então, olho para o pai como a gente olha outra pessoa, no normal da hora, enquanto vamos nos servindo do diálogo, como da comida, eu olho o pai, eu olho meu prato, olho o garfo pegando o arroz, olho o rosto dele à minha frente, e, de súbito, para o meu assombro, eu não vejo o que sempre vejo, eu vejo algo que eu nunca havia percebido sob o comum do meu ver, eu vejo que tudo é lento, os seus gestos sem vigor, como se o que está no pai — a sua existência — sofresse para estar ali, sofresse para nutrir a sua luz pálida, a qual ele se agarra com sua força máxima, embora já no limite da exaustão. Algo querendo ficar ali comigo e, igualmente, querendo ir, talvez não por desejo, e, sim, por saber que é inevitável. Eu olho o pai e posso ver os seus dentes cansados e escuros, mastigando devagar, devagar, quase incapaz de macerar a carne. Eu vejo os gestos do pai se expressarem numa linguagem que eu não sei traduzir, mas que me comove, me lacera, me atordoa. Eu vejo o pai comendo, sem perceber que eu estou vendo algo a mais em seus movimentos, que eu estou vendo os movimentos do *sim*, tão frágeis, e os do *não* com sua potência, bruta e impiedosa, e eu sei que houve o tempo em que o *não*, no extremo oposto, era só uma teia condenada à progressiva e arrasadora manifestação do *sim*. O pai ergue o rosto e me vê, o pai vê a névoa que se adensa em meus olhos, e, surpreso, o pai me revê, talvez em busca, nas minhas feições, desse algo que eu estou vendo nele, mas não compreendo, o pai me olha e diz, *o que aconteceu, filha?*, e eu, eu não digo nada, eu ia dizer, *não é nada, é só a vida*, eu ia dizer, *é só a vida, a minha e a sua, nossas vidas partindo em velocidade diferente*, eu ia dizer, *é a minha vida que ainda é e a sua vida que está deixando de ser*. Mas eu não digo nada. Naquele momento e, agora, ao revivê-lo, eu não digo nada. Eu me levanto da mesa, eu vou para o quarto, eu deito na cama, eu fecho os olhos, eu sinto uma imensa tristeza. Uma imensa tristeza que só não é mais imensa porque, presa a ela, há uma migalha de alegria, um *sim* do tempo, uma breve permissão para nos manter ainda unidos, aqui.



Mas eu ainda não sei muitas coisas. Coisas com as quais eu vou me acostumar. Depois da primeira vez, vem a segunda, a terceira — o que a gente tem de ser se impõe, queiramos ou não. Daqui a alguns minutos, eu vou, novamente, passar por uma primeira vez, o primeiro beijo, mas vai ser um beijo importante só por ser o primeiro, porque haverá o segundo, o terceiro, e eles serão melhores, só que eu ainda não dei esse beijo, eu vou dar, quer dizer, eu marquei um encontro com o Danilo, então ainda nada posso dizer desse beijo, senão o que acontece na minha imaginação, eu dei esse beijo mil vezes antes, eu sonho que vai ser de um jeito, daí modifico uns detalhes e o novo arranjo me agrada mais, eu me prendo a ele, como a Bia ■■■■■ criança a seu balão ■■■■■ verde, mas na hora do beijo-beijo vai ser diferente, eu já conheço um pouco as engrenagens da realidade, que nunca coincide com o desenho em nosso pensamento. Os minutos já passaram, eu logo estarei com o Danilo, queria ter conversado com a Catarina, ela já beijou o Vitor, mas eu menti pra ela, disse que já tinha beijado um menino lá no acampamento, então estou sozinha, sinto um tremor, um *não* querendo segurar todos os meus *sins*, mas eu quero, e não há volta, eu já estou com os dois pés na alegria, quando o beijo acabar, adianto aqui, eu atingirei a glória, e então vou sair correndo, de repente, para surpresa do Danilo, vou sair correndo, depois que as línguas se encontrarem meio sem jeito, vou sair correndo, não de medo, nem de vergonha, vou sair correndo para ficar comigo, com a grandeza do meu gesto, pensando no Danilo, apaixonada por ele. E é nesse estado, de encantamento, que chego em casa, o pai se encolheu todo no sofá, velhinho, eu penso que ele dorme, mas ele está só de olhos fechados, e ele pergunta, *tudo bem, filha?*, o pai, mesmo de olhos fechados, sabe que eu estou tentando me controlar — a felicidade dá coices em meu peito —, e eu respondo, imitando a minha voz normal, porque ela sumiu de mim, a voz que fala por mim é a da euforia, eu respondo, *tudo, tudo bem, pai!*, e eu agradeço mentalmente ao universo por ele não me perguntar mais nada, por me deixar com o meu segredo, saboreando de novo, em devaneio, o meu primeiro beijo. Mas o pai não costuma ficar no sofá, todo encolhido, de olhos fechados, algo o perturba, eu pressinto, e pergunto, com as mesmas palavras, *tudo bem, pai?*, e ele responde que é só uma dor de cabeça, já tomou uma aspirina, logo passa. É o primeiro sinal, depois virá o segundo, o terceiro... não há volta. Mas nós ainda não sabemos. Ele vai adormecer ali mesmo. E eu vou para o quarto, continuar o meu sonho.



Na penumbra do cinema, quando tudo ao redor perde a forma e se torna sombra, apenas a luz da tela conserva os traços definidos das coisas, os traços que me permitem dizer com segurança essa sou eu, e esse, na poltrona ao lado, é meu pai, e os vultos, adiante e atrás, perceptíveis pela silhueta de suas cabeças, são os outros, recolhidos também na escuridão. Eu sou tão pequena que o pai teve de colocar um suporte sobre a poltrona para que meus olhos ganhassem altura e eu pudesse ver o filme, assim é nesse momento, e assim será por alguns anos, até que eu cresça, e eu cresço, uma menina em nada diferente da média, é o que diz o pediatra, é o que diz o meu boletim escolar, é o que diz a professora de dança, é o que diz o meu corpo quando o vejo nos olhos dos meninos. Eu cresço, ao acender das luzes no fim de cada sessão eu estou um pouquinho maior, maior e diferente, diferente no meu igual, eu me vejo de maria-chiquinha, trança, franjinha, tererê, rabo-de-cavalo, eu me vejo nas mais variadas salas de cinema de shoppings, e elas são, para mim, uma mesma e única sala, eu me vejo assistindo a dezenas de filmes, um balde de pipoca e um copo de coca-cola no colo, e em quase todos eles, eu estou com quem? Quem, durante anos, assistiu a todos esses filmes comigo? O pai se divertia, o pai se diverte, ele rouba uma pipoca do meu balde, e eu gosto de ver o pai desse jeito, contente, e mais contente eu fico de ver o pai assim, mais do que o contente que a história me faz, o pai dorme, eu nem ligo, o pai dorme, às vezes até ronca, eu cutuco, *acorda, pai, você tá perdendo o filme*, e ele acorda, assustado, não é simples voltar à consciência, é sempre um susto, um susto bom, se a gente quer, mas primeiro um susto, depois o bom, *estou aqui*, é o bom, o bom com seus males, e uma manhã, ele me desperta massageando o dedo devagarzinho sobre o meu nariz, uma manhã ele me diz, *acordar é reiniciar o mundo em nós*, e o pai ali, o mundo recomeçando nele, o país João, com minha cutucada, o país João sai da noite e retorna ao dia para continuar a sua história — e eu nela. Na penumbra do cinema, eu estou: tenho a idade que tenho agora, segundo ano da faculdade, o professor quem pediu que assistíssemos a esse filme, e, então, eu lembro do pai. Ele se diverte aqui, depois ele dorme, eu não ligo, mas aí ele começa a roncar, eu cutuco, *acorda, pai, você tá perdendo o filme*, e eu fico esperando que ele, assustado, acorde. Apenas a luz da tela lá adiante conserva os traços definidos das coisas, os traços que me permitem dizer com segurança essa sou eu, e, na poltrona ao lado, não há ninguém. O país João só pode recomeçar seu giro dentro de mim.



Sim, dentro. Mas antes, ao lado. Estou sentada no sofá de casa, sou criança, e ele, ao lado, me mostra, nas páginas de um grande livro que apoia sobre os joelhos, alguns de seus quadros preferidos. Diz o que mais o encanta em cada um, aponta os detalhes, menciona o nome do pintor. Eu gosto, eu gosto de estar ali, sentada, perto do pai. Agora estamos anos mais à frente, eu tenho sete ou oito anos, passamos, de sala em sala, vendo as pinturas da retrospectiva do Salvador Dalí, e, então, cansados, sentamos num banco do museu. O quadro diante de nossos olhos é *A persistência da memória*. Eu aprendi a ler há pouco tempo, as palavras me fascinam, as palavras me alargam. Um dia, no futuro, hoje, vão me limitar. Estamos sentados diante de *A persistência da memória*. Eu penso no nome dos quadros que vimos ali, e também nos de outras exposições a que fomos, e nos dos quadros daquele grande livro do pai. Digo a ele que gosto de nomes simples, assim: *A tentação de Santo Antônio*. *Girafas queimando*. *Crianças em roda*. *Velhos marinheiros*. *Nascer do sol*. *Homens colhendo trigo*. *Mulher e bebê*. O pai diz, *eu também*. Então, de volta ao agora ■■■■■ agora e, como numa sucessão de quadros, eu me vejo sentada em muitos lugares, desde que nasci, o pai sempre comigo. Eu me vejo na cadeirinha de sua bicicleta, eu me vejo na cadeira da copa e no sofá de casa, na poltrona do cinema, do avião, do ônibus, no banco do parque, no chão do meu quarto, no tapete da nossa sala, no seu carro, eu me vejo sentada na areia da praia, eu me vejo sentada na cadeira de um teleférico, na rede de uma pousada na serra, eu me vejo sentada à mesa de um restaurante, eu me vejo sentada à beira da piscina, a Bia sentada numa cadeira da varanda, a Bia no canto da cama do pai, a Bia sentada em seu colo. Em todos os quadros, o mesmo nome, tão simples: *Menina com pai*. Mas, agora, enquanto escrevo, sentada aqui, sozinha, o nome deve ser *Menina sem pai*. Eu penso um pouco mais. As palavras chegam devagarzinho e se assentam em mim. Eu penso: quem está dentro nunca se ausentará. Eu penso: quem tem um amor assim, nunca está só. Nome do quadro: *Menina escrevendo com pai*.



E aquele dia em que torci o pé, e aquele outro em que fomos visitar a mãe do Mateus que tinha quebrado a tíbia, e aquela tarde em que assaltaram o pai à porta de casa, e aquela vez que ele ficou horas tentando lembrar o nome de um amigo de infância, e aquela vez que encontramos na rua um dos seus alunos, e aquele domingo que fomos levar flores no túmulo de minha mãe, e aquela vez que ele me deu uma dura porque fiquei horas no telefone com a Catarina, mas isso foi mais para a frente, e aquela vez em que ele me contou que tinha assistido pela tevê, junto com o avô André, o homem pisar pela primeira vez na Lua, mas isso foi antes, e aquela vez que ele e o Mateus recordaram o ataque ao World Trade Center, os dois estavam assistindo ao noticiário e aí veio o segundo avião, e aquelas vezes, tantas, que ele falava de umas pessoas, lá do seu tempo, como se eu soubesse quem eram, um tal de Bob Dylan, que depois eu passei a gostar — na aula de inglês, traduzimos a letra de uma de suas músicas —, e El Greco, e um escritor chamado Raduan Nassar que ele adorava, e o Paco de Lucía, e aquele dia que ele estava lendo um livro e eu um gibi da Mônica, e ele disse, *bonito isso*, e me mostrou numa página a frase, *na música de Bach, o silêncio que se faz também é de Bach*, e aí nós ficamos em silêncio — hoje eu sei que aquele era o nosso silêncio —, e aquelas manhãs de domingo que íamos à feira, e ele experimentava as frutas antes de comprar, *abacaxi docinho, Bia*, e nós estamos lá agora, aquele cheiro bom de tangerina no ar, estamos rindo do pregão dos feirantes, *menina bonita não paga, mas também não leva; olha a bacia dona Maria*, e aquele dia que ele teve de arrancar um dente, e depois fazer um implante, e aquele aniversário quando ele me deu um anel feito com o ouro de sua aliança, e aquela tarde que eu senti nele aquele cheiro, aquele cheiro da avó Helena, aquele cheiro inevitável de todas as peles envelhecidas, aquele cheiro de raiz que depois de tanto sol busca novamente a terra profunda, e aquele nosso entardecer sentados na Pedra do Baú, e aquele dia que ele foi almoçar com uma amiga e a Neuza disse, *amiga?*, e aquela vez que eu comprei um chaveiro pra ele, com a mesada que ele mesmo me dava, e ele usou até o fim para carregar a chave de casa, e aquela vez que eu peguei um trecho de conversa entre ele e o Mateus, *cuida da Bia, se for preciso, venda a casa pra ela estudar*, e aquela noite que eu mostrei ao pai a tatuagem de cruz em minha nuca, e a cara dele quando apareci com os cabelos pintados de azul, e aquela vez que ele perguntou quem era o garoto com brinco de argola, e eu respondi, *o Rafa, meu namorado*, e aquele dia que ele viu a cartela de anticoncepcional na pia do banheiro, e aquele dia que ele foi me buscar no aeroporto, a viagem a Cancún, formatura do ensino médio, a viagem a Cancún que ele pagou em dez vezes, o pai lá, bonito ■■■■■ e ■■■■■ frágil, quieto ■■■■■ e ■■■■■ velhinho, no meio de tanta gente, e aquela foto dele com a mãe no porta-retratos da sala, agora no meu criado-mudo, e aqueles dias de muitos e muitos *nãos*, aqueles dias em que mais do que eu e ele era a minha geração e a dele que guerreavam, e todos aqueles outros dias com seus acontecimentos que, mais tarde, se tornaram lembranças, lembranças que escaparam da teia do esquecimento, lembranças que são só minhas, e me fazem ser o que sou, assim como as lembranças dos outros são só dos outros, a vida sendo o que é em cada um — esses e aqueles dias que são, enfim, o tempo indo embora de nós. Aqueles dias são pequenas recordações, como confetes, azuis uns, vermelhos outros, aqueles dias faíscam entre recordações maiores, elásticas, e todas não são mais que retalhos de uma vida a dois. Retalhos do tecido que é o pai para mim. Retalhos que eu mal sei emendar com esses fios de sol e sombra das palavras. E

aqueles dias que ele se irritava com ninharias? Eu pensava que ao chegar a certa idade, a gente atingiria a suprema sabedoria, e aí a gente só ligaria para o que é importante. Mas, o pai me disse certa vez, *nós envelhecemos e continuamos humanos, Bia*. Por mais que a gente aprenda, ainda é pouco. Por mais que a gente aprenda — e o pai aprendeu muito para ensinar —, a gente não se eleva quase nada. Triste pensar assim. O bonito é que, contrariando o que ele disse, até o fim, eu tenho certeza, o pai tentou se desprender do chão.



A vida está em nós em qualquer minuto. E o último minuto ainda é um minuto da vida. Quando já sabíamos o que ia acontecer, eu ouvi, um dia, o pai cantarolar baixinho uma canção. Depois, numa tarde de domingo, a gente na sala, sem fazer nada senão viver aquela tarde de domingo, Mateus e Gisele e o João no carrinho de bebê, eu ouvi o pai cantar de novo, e perguntei, *que música é essa, pai?*, e ele respondeu que era “You got me singing”, do Leonard Cohen, e eu fui lá procurar no Google. A letra da música dizia algo como “você me faz cantar, mesmo que a notícia seja ruim, você me faz cantar, mesmo que o mundo esteja acabando”. Aí eu fiquei pensando em quem seria esse “você” para o pai. Quem fazia o pai cantar naquela hora de partida? Eu, o Mateus, o João, minha mãe, todos nós juntos? “Você me faz cantar, mesmo que o mundo esteja acabando.” Eu não sei naquela tarde de domingo, e continuo sem saber agora, quem era esse “você” para o pai. Mas eu gosto de pensar que era a vida, a vida que ainda havia nele. Ela o fazia cantar, apesar de todas as suas dores. A vida, apesar do que estava por vir.





De repente. De repente, eu acho, não é o que ocorre de uma hora para outra, sem que esperássemos. De repente é o instante exato em que algo que vinha bem devagar, tão devagar que nem percebíamos, finalmente chega. O dedo do tempo aperta a tecla play e, como se do nada, o fato se desencadeia, de uma vez. Mas o movimento da mão a se erguer já há muito acontecia. É como um corte. Antes do golpe abrupto, a calma dos gestos. É como um corte. E de todo corte brota uma ferida. De repente, minha mão segura outra. É a mão do pai, acabamos de sair do táxi, e ele caminha lentamente, não se sente bem, andou com tonturas nos últimos dias, por isso estamos aqui, a poucos metros do pronto-socorro. Mateus viajou a trabalho, a Gisele lá com o João, *se você quiser, Bia, eu vou junto*, ela me diz pelo celular, mas eu não, *não se preocupe, eu mesma levo o pai*, eu cresci, eu cuido dele, eu seguro firme a sua mão, há gretas na calçada, desníveis, sobe-e-desce de pedras, ele pode tropeçar. O pai já não enxerga bem, e, a essa altura, não faz tanto sol como naquela manhã, quando ele me levou na Escola Serelepe, eu posso me ver de novo carregando a mochila de rodinhas. A fraca claridade da tarde já anuncia a noite, eu não preciso colocar a mão sobre os olhos, o sol não pode me ofuscar, eu não preciso erguer os olhos para ver, nesse instante triste, o rosto do meu pai, eu não sei o que ele sente, eu não posso ter o que é do outro, isso eu aprendi, e se eu não sei o que ele sente, nem posso livrá-lo de seu sentir, eu experimento algo que nunca provei antes com igual intensidade, compaixão é o seu nome, eu logo vou saber. Chegamos à esquina, falta só atravessar a rua. Eu seguro a mão do pai com força, ele percebe, caminhamos devagar, como o devagar que antecede o de repente. Antes desse de repente, estão todos os meus anos até aqui. O pai comigo em cada um deles. Nós dois, com nossos cortes. Já quase em margens distintas.



É óbvio. Mas dói. E porque dói, eu escrevo. Todos os minutos de sua vida. O seu livro de cabeceira. Um certo jeito de ver o mundo. As metáforas. As aulas, durante décadas. Os erros — tantos — e os acertos. Uma lembrança, que eu não sei qual é. Um amor: minha mãe. Um sonho que ele me contou, e todos os outros que eu desconheço, mas que o moveram até a última noite. Seus olhos verdes. A escoliose. As *Confissões*, de Santo Agostinho. A mãe do Mateus. Mateus. João, seu avô. João, seu neto. O vinho tinto. O perfume de jasmim. A lua. As estrelas. O sol nos meus olhos naquela manhã. A dor de dente. O silêncio. As sessões de cinema. Um filme de Fellini. O arroz-doce, sua sobremesa predileta. O seu rosto mouro quando jovem. A solidão. A pizza de escarola. A segunda-feira. O domingo. A tia Marisa. O girassol. A varanda de casa. O seu coração de granito lírico. Granada. Os poemas de García Lorca. A brincadeira de falar sem conectivos. As cicatrizes. A xícara de café. As sinfonias de Beethoven. Ele cantando baixinho “You got me singing”. As suas conquistas. Os seus segredos. As suas traições. As verdades que só ele conheceu. As mentiras. A sua história, única. É óbvio. Mas dói. E porque dói, eu escrevo. Todos os seus dias alegres e tristes. Todas as pessoas — incluindo eu, Bia. Tudo vai desaparecer em minutos. A sua jornada vai acabar daqui a pouco para o mundo ■■■■■ mundo. Mas não para o mundo ■■■■■ em ■■■■■ mim.



Um dia esse dia chega, e esse dia chegou. Podia ter sido mais adiante, de outra maneira, mas não foi. E eu vou viver esse dia agora, aqui — e até o fim de minha história. O pai, o pai está ali, deitado, sem se mover naquela cama do hospital, os cabelos ralos ■■■■■ e ■■■■■ grisalhos sobre o travesseiro, os olhos fechados ainda vão se abrir algumas vezes, e eu estou ao seu lado. Eu estou ao seu lado, e é provável que ele não saiba que há alguém aqui, e que esse alguém sou eu, Beatriz, a sua filha com Juliana. Podia ser o Mateus, mas o Mateus está viajando. Ao contrário do que eu mesma supunha, não sinto medo. Vinte anos juntos. Nem pouco, nem muito. O que foi, o que é. O pai está ali, e eu estou aqui, nessa poltrona tão diferente daquela lá de casa, onde eu, menina, sempre o encontrava com um livro na mão, *o que foi, Bia?*, ele me perguntava, às vezes erguendo apenas o olhar da página do livro para a minha, que se escrevia à sua frente. O pai está ali, eu estou aqui, e nós temos pouco tempo. Temos pouco tempo, e não há o que fazer senão viver esse tempo. Minhas palavras não vão mais fazer sentido para ele; por isso, eu apenas o observo, é tudo o que posso lhe oferecer. Eu estou aqui, e ali está o pai, sob o lençol branco. Nenhum momento dos que eu já vivi, alegre ou triste, pode superar este agora. Estou encharcada do tempo presente. O pai está ali — quase não ouço a sua respiração —, a tarde se espicha lá fora, e eu estou aqui, a observá-lo, enquanto o universo segue o seu ritmo. O pai está ali, o pai ainda está ali, e eu estou aqui. Temos pouco tempo. Nenhum momento pode superar este nosso agora. Mesmo sendo este agora o último momento dele, e o primeiro, a partir de hoje, na minha escala de dor. Quase 100% de tristeza em mim, falta só um grão, esse grão ao qual eu me apego — esse grão, que é estar aqui, com ele, na vida da escrita. Ninguém pode ter o que é do outro. Um mundo inteiro vai terminar com o pai. Eu me vejo na cadeirinha de sua bicicleta, o pai na frente pedalando, aquela claridade forte, agora eu sei, é o sol, aquela sombra que subitamente o encobre é uma nuvem, a chuva logo vai desabar, aquele silêncio que se faz, eu sei, é *o nosso* silêncio. Agora eu me vejo no parque, com ele, segurando-o, meu balão ■■■■■ verde. E sem que eu possa evitar, suavemente o balão se solta de meus dedos.



O que fazer agora sem o pai, o mundo ■■■■■ enorme, eu tão pequena, como na foto, em seu colo, e hoje do mesmo jeito, criança ainda, sendo mulher só pelos olhos dos outros, eu no fundo a sua Bia? O que fazer agora, eu sem o pai, só com a minha (nossa) história? Só com a minha (nossa) história sem poder fazer que ela seja outra? O meu adeus do tamanho do universo, o universo que não é inteiro luto, o universo que é também luta, vida e morte se misturando, estrela e buraco negro, o universo que continua sem o pai, que segue com ele vivo em mim, o que fazer com toda a sua presença, se ele, agora se ausentou para sempre? O que fazer desse mundo que se apaga com ele? Tão pouco tempo essa vida nos deu, tão pouco tempo essa vida nos dá, a qualquer um de nós ela sempre faltará, a vida, a vida poderia nos ceder uns dias a mais, para deixar os papéis menos soltos, a louça limpa sobre a pia, a alça da bolsa consertada, o que fazer, senão aceitar? Aceitar não ter vivido com a mãe, não me lembrar do rosto dela, a mãe que correu todos os riscos para me gerar, que foi embora tão cedo para me trazer aqui. Aceitar que tudo se desfaz ante o muro da realidade, não apenas a minha boneca-de-pano — que eu deixei anos sobre a cama só para agradar o pai. Aceitar que, às vezes, somos o Planeta ■■■■■ Dor, o Sol ■■■■■ Solidão, a Galáxia ■■■■■ Desespero. Aceitar, aceitar, a gente sendo o que se é, graveto, palavra única na folha em branco, como a árvore na paisagem, ela só ela, árvore vivendo, alheia ao olhar do céu, contínua e silenciosa, com seus galhos invisíveis, a vida correndo nela sem ninguém perceber. Aceitar a madrugada nascer da noite, a noite nascer da tarde, a tarde do dia. Aceitar que a verdade muda o curso dos sonhos e dos rios. Aceitar que o jeito que o pai me ensinou a ver o mundo o torna mais bonito, o pai e suas metáforas em cores. Aceitar, aceitar que ele não está mais nos atos de minha vida. Aceitar o destino como quem aceita o corte no pé, o caminho percorrido que não se pode retroceder. Aceitar a nossa história, que, depois de ler seu caderno, eu ressuscito aqui com meus inúmeros ■■■■■ defeitos.



Ninguém pode ter o que é do outro. O que é nosso é só nosso. Até os defeitos. E essa é a minha história. Fragmentos do pai nela. Eu escrevi, eu escrevo agora, depois que ele se foi. Ele se foi, mas está lá, bonito, bonito ■■■■■ e ■■■■■ alegre, alegre ■■■■■ e ■■■■■ triste, no meu livro de presença. Meu pai, João. Escrevi, escrevo agora, assim, sem muita ordem, entrelaçando tempos, porque não sei fazer de outro jeito. Talvez um dia eu saiba, eu gosto de aprender. Eu gosto de conhecer pessoas, pessoas ■■■■■ países. Escrevi, escrevo agora, com lápis. O lápis da Minnie, que, anos atrás roubei da Catarina — e, quando fui devolver, ela ■■■■■ me ■■■■■ deu.

A  
PELE  
DA  
TERRA

JOÃO  
ANZANELLO  
CARRASCOZA



**A  
PELE  
DA  
TERRA**



**JOÃO  
ANZANELLO  
CARRASCOZA**



ALFAGUARA  


*Para Lucas, que caminha comigo*



*O que é viver?*

*caminhar sem pausa  
rumo ao anoitecer.*

ADONIS

*[...] cada começo*

*é só continuação  
e o livro dos eventos  
está sempre aberto no meio.*

WISLAWA SZYMBORSKA

*Rabanal está ali — e nós aqui. Vivemos muitos anos depois daquele dia até hoje. Aqui estamos: —> você, sentado à beira de minha cama, não a do beliche daquele albergue, e eu, com os meus olhos, eu digo, falta pouco, e eu, com os meus olhos, não engano você e digo, falta menos do que você imagina, eu fecho os olhos, que reabrirei algumas vezes, e com eles eu digo a —> você, já vamos chegar, João. Ou melhor, só eu vou chegar. E, enquanto eu não chego, ouça, João, ouça, acima dos sons urbanos, o rumor da vida. Ouça e saiba que é bom estar aqui com —> você, eu estou feliz, eu (ainda) estou vivo, e há paz no bairro, e o vento é agradável, e o sol ilumina todo aquele caminho, que nós dois, naquele dia, juntos trilhamos.*

# 1

Foi então que senti, de novo, aquele susto — a consciência se ligando lá no fundo de mim, alçando-me do nada e dizendo, *você está vivo*, o meu corpo envolto na escuridão daquele albergue, assim como a minha mente que começava a perceber a expansão vagarosa, quase mínima, de um ponto de luz que concentrava, na sua delicada condição de fagulha, a minha vida inteira, e, então, aquele susto, outra vez, aquele susto, que — um dia, tão próximo agora — eu não mais experimentarei. O mundo se reiniciava em mim, com todo o seu tempo para se fazer e se refazer, as lembranças já em pé, prontas para que, se eu as evocasse, saíssem das sombras e me contassem, com as mesmas, ou outras, imagens e palavras, a minha história. O mundo se reiniciava em mim, alheio ao meu despertar, o mundo mundo sem fim, ao contrário de nós, com o avanço das horas, o mundo mundo só para si, sabendo, tanto quanto eu, mas como se não soubesse, que —> você, João, estava na cama de cima do beliche, liberto do sono, de volta também à sua vida, sem se dar conta de quantos movimentos o universo tivera que fazer para você estar ali, ao meu lado, abrindo seus olhos.

Eu podia sentir a correnteza da vida, àquela hora, fluindo calma e silenciosa, e estava grato por mais aquele susto, a dádiva (que noutras épocas fora maldição) de ganhar um novo dia, ainda recluso no útero da madrugada, eu estava grato pelo contentamento que me envolvia como a penumbra, e, por isso, era quase imperceptível em meu rosto, e assim seria, igualmente, como noutros dias, quando o sol ardesse em nossa pele, quando os nossos pés tivessem ultrapassado os trechos de pedra, areia e relva que nos esperavam à frente. Eu feliz, apesar de sonolento, como havia anos não me sentia, e, para evitar que as velhas dores e culpas — no meu encalço — derretessem, num instante, o meu contentamento, eu me mantive quieto, para distraí-las, gozando de uma indescritível bem-aventurança, eu ali, com → você, para caminhar, como se sempre, como se nunca, como se não.

Antes de ouvir o roçar de seu corpo no saco de dormir, comunicando que havia acordado, sabia que você sentira o mesmo susto, ainda que ignorasse que era a vida a lhe dizer, *levanta e anda com seu pai*, como ocorrera nos últimos dias, desde que iniciáramos a peregrinação. E era bom estar naquele albergue, em Santibáñez de Valdeiglesias, pai e filho entre outros peregrinos que, em minutos, iriam também se erguer e, na agonia da madrugada, retomar a trilha que, pelos próximos quilômetros, seria de variados campos e pastos e lavouras. Você se sentou na cama — eu podia imaginar seus olhos lendo as volutas da escuridão — e disse, *pai*, e eu, à espera de seu chamado, respondi, *sim*, e você, num sussurro, *são cinco e meia, vamos?*, e eu, *vamos!* Ergui-me e fui recolhendo o saco de dormir, enrolando-o com a perícia que eu não tinha nos primeiros dias da caminhada, vendo você descer silenciosamente do beliche e fazer o mesmo, seu vulto próximo ao meu, movendo-se com leveza, eu → você, sem que um pudesse ver o outro às claras, mas, ainda assim, se reconhecendo como uma escuridão reconhece a outra.

Eu → você na tarefa menor de arrumar nossas mochilas, que nada tinham senão umas poucas roupas, e era bom não ter nada, senão a sua presença, eu e você e os nossos joelhos doloridos, eu → você e a alegria de um pai que vai amanhecer com seu filho, e um filho que vai amanhecer com seu pai. Eu → você ganhando um novo dia, com o seu tudo-nada àquela hora, sendo quem éramos, apenas eu e você. E você, mais rápido, terminou a sua parte, ficou um segundo imóvel, talvez pensando para que lado, naquele albergue, era o banheiro. Então você se voltou e, como se os seus olhos já soubessem decifrar o alfabeto inteiro das sombras, caminhou para a esquerda, desviando-se dos outros beliches — e desapareceu num instante, como um lampejo, pelo corredor.

Acabei de recolher meus pertences, vesti o anoraque, segui também para o banheiro onde o encontrei diante do espelho, escovando os dentes, e, ainda com os olhos enevoados de sono, pude flagrar no seu rosto uns traços do meu, o silêncio da madrugada no fundo de mim, onde outro → você, o você das minhas lembranças, se movia, dizendo, *estou aqui e sempre estarei*, embora o você à minha frente nem perceba que os dois, meu filho feito de passado e meu filho povoado de presente, se encontravam para fortalecer o meu sentimento de gratidão para reverenciar o tempo, por me conceder aquela regalia de ver (dentro da minha alma) todas as suas fases, e (aqui fora) o seu atual estágio de menino-homem.

Retornamos ao quarto, sentamos na cama do beliche onde eu dormira, colocamos as meias, calçamos os tênis quase ao mesmo tempo, eu ouvindo, entre os roncões dos peregrinos, a sua respiração; e se eu tinha vivido manhãs tristes, nas quais não queria me levantar, aquela ia me injetando, a cada instante, uma vontade poderosa de viver, de sair com a mochila às costas, —> você a me seguir, você que havia dez anos não morava comigo, você que eu via só nos fins de semana, você, que, quando eu buscava na casa de sua mãe depois de dias de espera, tinha tomado todo o meu ser, você que talvez não desconfiasse quanto afeto as minhas palavras carregavam, quanto grito (de contentamento) a minha quietude serenava no momento em que entrava no carro e dizia, *oi, pai*. Cada um daqueles seus ois apagava, num átimo, como uma anestesia, todas as dores que a sua ausência me causava, e cada vez que, em retribuição, eu dizia, *oi, filho*, minha saudade oceânica se encolhia numa gota, e eu começava a perguntar como você estava indo na escola, e —> você, João, nunca soube que, cada palavra sua emitida, às vezes a contragosto, era água paciente a quebrar os meus rochedos.



Envoltos no breu do albergue, às apalpadelas, tateamos cada um seu colchão do beliche, você o de cima, eu o de baixo, a procurar por algo que tivéssemos, sem querer, esquecido, não que fosse valioso, mas poderia nos evitar problemas, como dias antes, quando eu perdera o boné, e tivera de improvisar com uma camiseta sobre a cabeça, feito um tuaregue, e —> você ria toda vez que me olhava, eu era de novo o pai divertido que eu fora quando você, criança, me pedia para imitar gatos e cachorros, e eu atendia seu pedido, lavando a minha noite com o seu sol, o pai divertido que, ao vestir você, não sabia combinar as roupas, o pai que parodiava as letras das músicas que sua mãe cantava. Continuamos a procurar por algo que talvez tivéssemos esquecido, não que fosse valioso, não estávamos carregando nada que não pudéssemos perder. Terminei a busca, você em seguida, e disse, *não esquecemos nada, pai!*, e, então, eu disse, *vamos!*, sem dizer *vamos!*, mas dando os primeiros passos rumo ao corredor que conduzia à porta do albergue, você atrás, nós em meio ao mundo, ao tudo, ao giro contínuo dos astros, peregrinos a retomarem a jornada de um dia rumo a outro. De outro dia rumo ao próximo. Até o dia rumo ao nada.

Eu → você, naquele dia, rumo a Rabanal, eu amanhecendo-me e amanhecendo-te em mim, e você desanoitecendo-se e me desanoitecendo de ti, o vento frio, o céu negro cortado pela lasca prateada da lua, as casas de Santibáñez de Valdeiglesias imersas na alvorada, a luz amarela dos postes, a sombra dos trigais se espalhando pelo horizonte em *sfumatto*. Tão bom começar um novo dia com você, mas começar sentindo toda a sua vida em cada um de seus passos, ladeando os meus, toda a sua vida em meu ser, como agora eu sinto toda a minha vida em cada uma dessas palavras que vão comigo até você. E porque nada se movia na paisagem senão nós, e tudo o que não era o mundo naquele ali e agora estava paralisado para que apenas os nossos passos, na linguagem com a qual se escrevem os caminhos, estivessem dizendo, *a vida está aqui*, em nós, *a vida está aqui*, frágil, se capturada nas duas silhuetas que se deslocavam, mas uma potência bruta, se auscultada sobre o meu peito e o seu. E porque nada se movia senão nós, fomos saindo de Santibáñez de Valdeiglesias, de olho nas setas amarelas que nos arrastavam aos campos de trigo, deixando mais uma cidade deserta de nós.

Fomos nos infiltrando na trilha, com ajuda da luz da lua e da lanterna que eu apontava para a terra, querendo dizer a você que o mundo dentro de mim estava em calmaria só para que o mundo, do lado de fora, ondulando como a brisa nos trigais, pudesse nos acolher, enquanto nossos olhos iam se habituando à paisagem adiante, duas criaturas com suas histórias a se desdobrar, como novelos, aos pés do tempo. Fomos nos infiltrando na trilha, e, como tínhamos visto antes no guia, estávamos a oito quilômetros da próxima cidade, sabíamos que, naquele compasso, desacostumados com o espanto que o despertar nos causara, lá chegaríamos em duas horas. Lá chegaríamos, e, sem um sentimento prévio, atravessaríamos as ruas, e seguiríamos, comentando, como de fato se deu, detalhes que nos teriam atraído a atenção, *olha, um ninho de cegonha na torre da igreja!*, eu disse, e → você, *nunca vi um ninho assim*, e seguiríamos, satisfeitos, depois de parar e ver de perto aquele ninho, eu retendo o seu ímpeto de querer já retomar a trilha, eu dizendo, daquela maneira, que o caminho eram também as paradas, que a chegada está em nós no instante mesmo da partida, que no trajeto é que nasce o afeto, que são as pausas, como facas cortando o silêncio, que geram a música; eu dizendo que eram e são os dias de você em mim, que aceleravam e, ao mesmo tempo, acalmavam, meu coração.

Porque meu coração sempre a bater inquieto, como se fugindo do ritmo inevitável das suspeitas, meu coração a perceber o sentimento que o seu, filho, herdou de mim, meu coração a me ajustar, de novo, ao compasso das lembranças. A cadência dessas batidas me traz à memória a sua brincadeira favorita, João — espalhar no assoalho da sala as cartas do Jogo da Memória, nós dois sentados como índios um diante do outro, —> você a sorrir para mim a cada vez que eu errava a combinação dos pares, enquanto você acertava, o tigre e o tigre, a raposa e a raposa, o rinoceronte e o rinoceronte, e eu a zebra e o leão, eu a girafa e o elefante, eu a onça e o macaco, eu procurando na folhagem da família a rama, rara, que precedeu —> você, João, procurando quem possuía idêntica habilidade, quem não esquecia facilmente da posição das coisas, do lugar que os fatos ocupam em nossa convivência, aquele que não esquecia a cor das palavras (mesmo as repetidas nas horas desatentas do cotidiano), eu a encontrar atrás das ramagens antigas o seu avô João, e eu, Mateus, a pensar na dádiva que é, às vezes, podermos esquecer, e eu, às vezes, a agradecer, como agora, o milagre de poder, detalhadamente, me lembrar.

Fomos abrindo o chão com os nossos pés, e o breu nos deixava ver apenas uns rendilhados de sombra, e, então, eu apontei a lanterna para clarear uns metros à frente, e o pálido facho hesitava em nos mostrar a paisagem que, à luz, era outra paisagem, e também a mesma. Eu ia adiante e → você me seguindo, nós dois avançando, dispostos a aceitar a manhã sobre nossos ombros, eu → você acariciando com nossos passos os volteios do caminho, como se acarícia, com a ponta do dedo, as linhas de uma cicatriz.

Atravessamos o descampado, e já era fácil discernir os meus traços no seu rosto, e os seus no meu, era possível ver em você não só eu, mas também Gisele, sua mãe, era possível testemunhar o milagre de perceber seu corpo inteiro, de menino-homem, refeito para o mundo, detalhe por detalhe, pelos meus olhos. Meus olhos cheios de noite, e lembranças de você em outros momentos, como na sua infância, dormindo na cama comigo, depois que eu e sua mãe havíamos nos separado, meus olhos cheios de sua ausência a semana inteira, saciados somente nos entardeceres das sextas-feiras, quando → você vinha ao meu encontro. A manhã crescia, vagarosa, e nós só notaríamos se recordássemos o quão mínima ela era quando despertáramos, e a maré do vento fazia ondular as searas de trigo, e os fardos de feno, em rolos, deixados como tapetes na paisagem, já podiam ser vistos, estávamos tão longe de casa, numa etapa entre Santibáñez de Valdeiglesias e Rabanal, tão longe do nosso destino diário, e tão perto um do outro, tão longe da tristeza que um dia viria, e tão perto do silêncio que, se fosse pleno, nos pulverizaria o entendimento. Tão perto do silêncio, que, de repente, movidos pelo mesmo instinto, começamos a conversar, as palavras a sair de um e de outro, sem que eu me lembrasse de quem partiram primeiro; estávamos atravessando um descampado, um descampado de nós mesmos, e já podíamos nos ver, pai → filho, na luminosidade da manhã.

Continuamos a conversar, coisas miúdas, como as folhas dos pinheiros, porque as maiores, como troncos, são sempre as mesmas e não se vergam com o cotidiano; continuamos a conversar sobre o nosso avanço naquela manhã, o canto dos pássaros que já se ouvia, e *olha, João, uma ponte medieval*, e abaixo dela o rio, *e que rio é aquele, pai?*, e eu abrindo o guia, *rio Tuerto*, e, depois, umas ruínas, e → você curioso para ler a história que lá se depositara, e eu a dizer, *são ruínas de um claustro*, e você apontando para a placa quase oculta pelos ramos de um castanheiro, *só mais cinco quilômetros até Astorga, pai*, e nós dois conversando, coisas miúdas, enquanto atravessávamos a *carretera*, avistando, lá adiante, os campos de trigo, nós dois conversando sobre o nosso dia anterior em La Virgen del Camino, comentando o banho frio no albergue de Bercianos, a subida até os Montes de Oca, e o meu tropeço quando saímos de San Juan de Ortega, e você com dor de barriga, entrando às pressas na cafeteria de Grañon, à procura do banheiro, e nós dois rindo, de novo, recordando o que tínhamos vivido ali, até que, aos poucos, estávamos, imperceptivelmente, enveredando pelas nossas próprias paisagens.

Nossas próprias paisagens. Tão bonitas, João, são as folhas dos pinheiros, que, quase sempre, ao nosso olhar, parecem as mesmas, mas, a uma observação cuidadosa, se mostram distintas, no seu verde claro e escuro, em sua textura, macia ou rude, em seu farfalhar ostensivo ou discreto aos ouvidos. As folhas dos pinheiros, como as conversas, a variar nas muitas horas do dia. E as conversas, coisas miúdas, ocultando as coisas grandes, como as folhas dos pinheiros, que, nascidas sobre seus galhos, os escondem.



E se das folhas se chega aos galhos, dos galhos se chega ao tronco, e do tronco às raízes. E, como todos os dias, nas praças dos pueblós onde parávamos para abastecer o cantil, quando encontrávamos outros peregrinos e a conversa com eles começava, eu dizia, *este é meu filho João*. Como se já não estivesse claro em seu rosto que eu era o seu pai, e fosse impossível não notar em seu jeito o meu jeito. E como estávamos vivendo juntos os dias inteiros, abastecendo-nos ao máximo um do outro, talvez → você quisesse saber mais de mim, para, então, saber mais de si mesmo, e, por isso, perguntou, de repente, como era meu pai. Eu, surpreso, mas feliz com a sua pergunta, tirei os olhos da terra e respondi. Respondi, porque aquele era um trecho da minha vida que você desconhecia — a sua pergunta vinha de um trecho seu que eu ignorava —, respondi, contando o que havia em seu avô de folhagem bonita, mas também de espinho. Respondi, contando não fatos mas rastros dele em mim, respondi, contando que seu avô João morrera quando você era bebê, que eu sentia a falta dele — como sentia a sua, mas isso eu não disse —, respondi, fazendo um resumo do que ele fora, porque de tudo o que se vive, só podemos mesmo dar, para os outros provarem, o sumo.

A terra, sob os seus pés. Você devia estar sentindo, a terra, a cada passo, porque os seus pés eram e são, como os meus, também terra, e em nosso solado o caminho, àquela hora, se fazia. A terra sob os seus pés. Porque antes, quando nos preparávamos para a peregrinação, o treino era a própria caminhada, embora nela —> você, tanto quanto eu, pensasse na trilha que, naquele então, estávamos, e, enquanto nela seguíamos, a discernir o campanário de uma igreja, também tínhamos o pensamento noutras veredas, porque o pensamento vai por rotas várias, mas os pés não, os pés escolhem uma direção e nela registram suas marcas. A terra sob os seus pés, diferente da água, onde os círculos feitos por uma pedra nela atirada somem no ato, a terra não se desfaz do caminhante, a terra aceita que deixem sulcos em sua superfície, raízes em suas profundezas, a terra, tecido onde se desenham destinos, a terra, rosto do chão em retalhos, a terra, página onde deixamos, como roupas atiradas, nossos vestígios. A terra, mesmo vestida de folhas secas, a terra, mesmo com uma capa de asfalto, abaixo de uma cidade de milhares de prédios, continua lisa para receber o que nela escrevem os nossos passos.

Ali estávamos — e agora estamos de novo, na precariedade das minhas palavras —, ali estávamos, e estávamos tão vivos que nem percebíamos a vida resistindo à força dos abismos, meu coração bombeando sangue, e —> você nele, se misturando à minha frágil realidade, se misturando à realidade ainda mais frágil dos meus sonhos, ali estávamos, meu coração bombeando sangue, dando ordem para que os meus braços continuassem quietos — e não dessem, de repente, o abraço que sempre quiseram dar em você —, o mundo inteiramente mudo, enquanto os nossos passos falavam, um para o outro, na linguagem da poeira, o que as nossas vozes calavam. Meu coração bombeando sangue, para que ali estivéssemos, João, e ali estávamos.

A claridade lavara a paisagem das sombras da noite, o sol se firmara, espalhando sua luz pela amplidão do horizonte, e, então, vimos uma área de descanso rodeada de árvores floridas, e, como tínhamos andado dez quilômetros em jejum, e como seria agradável fazer uma pausa, não apenas para comer, mas para contemplar, de um lado, as mesetas, e, do outro, os moinhos, em linha, girando suas pás enormes, e como seria oportuno tirar os tênis para os pés respirarem, também, o ar fresco da manhã, eu disse, *vamos parar ali*, e sabíamos que seria a hora do nosso café, e que não haveria café algum senão as caixinhas de suco de laranja, o pão, os cubos de queijo, as bananas, que comprávamos quando íamos jantar, apenas uns víveres que não pesassem muito, porque tudo era peso na mochila, e o peso, a cada passo, ganhava o peso também do tempo, e, então, —> você disse, *vamos*, e, num instante ali chegamos, e ali paramos, e ali nos livramos das mochilas, e ali sentamos, e ali descalçamos os tênis, e ali tiramos as meias, e ali comemos. Ali permanecemos uns minutos, conversando novamente coisas menores, não o mesmo pai e o mesmo filho, mas outro pai e outro filho, porque aquele era um novo dia, que ia entrando em nós, como nós na paisagem, e ali ficamos, um pai e um filho, naquele momento, e era tudo o que tínhamos, nós dois com o mundo que seguia dentro de nós, se fazendo e se refazendo na memória. Você fez um gesto de quem ia levantar-se e retomar a caminhada, mas eu disse, *não tenha pressa, João, veja os moinhos!*, os moinhos girando velozmente, e —> você atendeu ao meu pedido. Eu sabia que era preciso ensinar —> você a desfrutar do tempo quando o tempo está na plenitude de sua consciência, quando ainda é tempo de senti-lo passando e saboreá-lo, e, então, —> você ficou ali comigo, quieto, e aquele foi um momento bom, embora eu sentisse cansaço, não do trecho que havíamos percorrido desde Santibáñez de Valdeiglesias, mas o cansaço que, por toda a vida, fora se depositando em meu ser.

Seguimos, reanimados com a parca razão, cujo sabor continuava em nossa boca, e era bom levar na ponta dos dedos o cheiro da banana, na saliva o gosto do queijo, e era simples caminhar, e nós seguimos, reanimados por aquela pausa — e quanto vigor uma pausa, mesmo mínima, é capaz de repor num corpo! Quantas flores para o nada uma árvore pode dar, quantas flores para si mesmas as flores de uma árvore podem dar, sem que ninguém as veja. E seguimos, a mesma gana de andar de quando havíamos despertado, o céu sobre nossas cabeças sendo o que tinha de ser, céu somente, e nós alegres por termos retomado a marcha, nós já com quatro horas de nascimento naquele dia, o vento trazendo o aroma de poeira — e quanta, quanta vontade, a minha, de abaixar os sons da natureza, e ouvir novamente, acima deles, a sua voz.

E a sua voz veio, natural, como o dia que crescia nas coisas, tingindo de luz os espaços à frente, a sua voz veio, chamada pela minha, porque eu havia dito, naquelas manhãs e tardes e noites do passado, quando treinávamos — para as manhãs e tardes e noites às quais, então, tínhamos chegado e estávamos vivendo —, e ali mesmo, no dia anterior, eu havia dito, *quando conversamos, damos corda no tempo, e o tempo vai mais depressa*, e a sua voz veio novamente, se entrelaçando à minha, que a chamara, dizendo, *olha lá, você está vendo?, uma serralheria movida a água*, a sua voz veio e se pôs a caminhar com a minha, *legal*, você disse, e eu estava de acordo e feliz com seu comentário, → você também via beleza naquela serralheria, e era um prêmio ver com você aquela serralheria, porque eu não estava apenas vendo com você uma serralheria, eu estava sentindo todo o tempo que pelo meu corpo havia transcorrido, eu estava sendo o máximo da minha vida com você, mirando a serralheria, àquela hora. A sua voz seguiu com a minha, as duas se reconhecendo por meio de assuntos esquecidos, que, de súbito, subiam à pele do momento, e então falamos da comida em Navarrete, do trecho de barro, escorregadio, perto de Azofra, e falamos dos vinhedos, e você me perguntou se os vinhos que eu bebia, todas as noites, eram bons, e eu, *sim, a maior parte é de Rioja*, e falamos de outras coisas, do caminho, até que, na espontaneidade do sem-querer, recomeçamos a falar de nós, e, então, eu contei uns detalhes do meu trabalho que, embora você conhecesse, eu nunca tinha dito, e → você me contou sobre os jogos de basquete a que assistia pela tevê, nomeando os jogadores como se fossem seus amigos, e também os videoclipes que gostava de ver, as bandas que ouvia, e eu ora mudo, ora fazendo perguntas — como se fossem apenas perguntas —, ia dando corda no seu tempo, para que andasse depressa em mim, e, então, eu pudesse conhecer uma parte sua que ainda não palmilhara.

E, então, conheci uma parte sua que ainda não palmilhara. E estava tão grato que comecei a assobiar. E, como queria também que você conhecesse um trecho de mim ao qual eu mesmo quase nunca ia — não porque não quisesse, mas porque a camada de tudo o que vivemos é inevitavelmente soterrada pelo agora —, passei a falar dos seriados de sua infância a que assistíamos juntos, deles saltei para os da minha infância, e falei de minhas brincadeiras de menino, falei daquele que eu fora antes de sua existência, falei, aos saltos e vaivéns, de músicas que ainda me faziam cantar, falei de quem eu fora para o eu que eu era naquele ponto da viagem, falei da bicicleta que ganhei num Natal, falei de outros assuntos até chegar ao homem que se fizera em mim com a sua vinda. → E você, eu podia sentir, fiando-se nas minhas palavras, que se moviam, de silêncio em silêncio, às vezes ria, concordando com um gesto de cabeça, às vezes me fazia perguntas, e eu seguia, contando outras vivências, e, enquanto eu contava, fomos nos enchendo, a cada instante, daquela vida e morte peregrina.

Chegamos a Astorga, onde paramos para visitar a catedral gótica e o palácio episcopal, onde renovamos a água dos cantis e lavamos o rosto numa fonte ao lado das muralhas, onde, numa cafeteria, compramos queijo e azeitonas e *mantecadas*, onde sentamos num banco de praça e descansamos sob a copa das árvores, contemplando crianças que passavam de mãos dadas com os pais, separando com os olhos os habitantes dos turistas e os turistas dos peregrinos. Era quase meio-dia, o sol refulgia sobre os telhados e as ruas e as calçadas, e, sem que um precisasse avisar o outro, nós nos erguemos, e eu disse, *adelante, adelante*, e você sorriu; desde o primeiro dia eu repetia, em algum momento, a fala do hospitaleiro no albergue de Roncesvalles, quando lá chegamos, *adelante, adelante*. E entramos, outra vez, na trilha, como pássaros no ar, na trilha que, como um novelo se desfiaria adiante, sem pressa, em renovadas plantações de milho, e pequenas *haciendas*, e hortas, e florestas, *adelante, adelante*. Nós dois, outra vez, na trilha, assim como nós dois, de novo, na vida, ao despertarmos horas antes, em Santibáñez de Valdeiglesias, o susto por ganhar mais um dia, nós dois na trilha que se desfiaria adiante, em renovadas plantações de milho, e pequenas *haciendas*, e hortas, e florestas, que não eram o que eram ainda, senão quando os nossos olhos as avistassem e os nossos pés as povoassem com a história que ia colada em nós como a pele ao corpo, a membrana do sim ao caroço do não. Naquele ponto, saindo de Astorga por uns becos e vielas, a trilha, estreita, revelava timidamente a estrada de Castrillo de los Polvazares, que, logo, se abriria em toda a sua beleza, e nós voltamos a conversar, e —> você disse, *preciso mandar notícias pra minha mãe*, e eu, *em Rabanal vai ser fácil encontrar bares com Wi-Fi, no albergue mesmo talvez tenha*, e você, *ela deve estar preocupada*, e eu nada disse, apenas pensei — e digo agora — o quanto havia de sua mãe em você, e o quanto de mim não havia, como se na folha do trigo, pendulando ao vento, não houvesse uma história de grãos castigados pelo sol e pela chuva, como se não houvesse em mim todos os mortos da nossa família, como se você fosse só —> você, e não aquele nós (meu e dela) que o fazia ser o nosso filho.



Eu estava feliz por sentir que, de repente, estava feliz, e, para suportar a ferocidade de meu sentimento, permiti que o silêncio caminhasse em mim, e —> você, por respeito, você por saber que eu, mesmo distraidamente, era quem ditava a cadência, você, então, se ateuve também ao seu mutismo, guardando na boca as palavras, e, assim, continuamos, e continuamos, e continuamos, até que você disse, *vou parar pra mijar*. E paramos. E depois continuamos, e continuamos, e continuamos. E eu disse, *olha lá, deve ser Santa Catalina de Somoza*, e você confirmou no guia. E continuamos, e continuamos, e atravessamos essa cidadezinha, e, na saída, colhemos de uma árvore umas maçãs pequeninas. E continuamos, e continuamos, e continuamos, e a minha vontade de dizer o que eu digo agora confluindo para o meu inconsciente, para nele se guardar bem no fundo e, depois de atravessar tanto tempo, entregar-se finalmente aqui, como aquelas maçãs, pequeninas, à nossa colheita.

E continuamos, e continuamos, e era uma subida, e era, depois vimos, o povoado de El Ganso, a mil metros de altitude, e continuamos, naquele ritmo, vigoroso para dois peregrinos que haviam madrugado e percorrido mais de trinta quilômetros, e continuamos, cientes de que havia ainda um trecho penoso, até atingirmos Rabanal. E continuamos, naquele ritmo, porque não havia, nem haverá nunca, como acelerar o ponteiro das horas quando queremos chegar logo, nem como acelerar o ponteiro dos segundos quando não suportamos mais a dor e pedimos seu fim. Continuamos, e continuamos, naquele ritmo, porque leva tempo para sermos quem já somos. Leva tempo para o caminho já feito se fazer, plenamente, em nós. Leva tempo para o dia que atravessa nossos passos atravessar-nos inteiramente. Leva tempo para a paisagem, a mesma, lá adiante, se tornar o que ela já é, quando distante dos nossos olhos. Leva tempo para morrer em nós o que, há muito, estava morto. Leva tempo — esses anos todos! — para você se transformar naquele que sempre foi em mim. Leva tempo para as palavras sentidas alcançarem o destino que as espera — o de palavras ditas. Leva tempo para a dor ser a dor que ela é, quando se transforma em nossa dor. Leva tempo. Para acabar. O que já nasceu. Acabado. E se eu digo o que digo a você é para desfazer a ordem do passado e inaugurar a do agora; e se eu digo o que digo a você, é para impedir que o seu rosto daquele dia se apague na minha memória, mesmo que o seu rosto, real, esteja diante do meu neste instante. Eu digo o que digo para afastar — como se afasta ternamente com o dedo um lábio do outro — o ponto de partida e o de chegada.

E continuamos, e continuamos, e continuamos, e o sol, abrasador, também seguia seu curso pelo céu, e nós voltamos a conversar, embora a fadiga e a fome já se insinuassem pelo nosso corpo, nós voltamos a conversar e, então, embora conhecesse você desde o início do seu mundo, eu não sabia o que você fazia às cinco da tarde de todos os dias que não vivia comigo. Eu não sabia que você gostava de tortilha, eu não sabia que você trocava as lâmpadas da casa para a sua mãe, eu não sabia quem você era, senão quem você era quando estava em minha casa. Eu não sabia que você fazia amizade rapidamente — você sempre conversando com os peregrinos, e eles sem saber o quanto você não estava no meu dia a dia, o quanto havia de sua ausência nos meus últimos anos, eles sem saber que eu sonhara com aquela viagem apenas para passar um mês em sua companhia. E nós fomos conversando, misturando as nossas palavras com o silêncio da estrada, misturando os nossos olhos desde onde estávamos até onde se estendia a Puente de Pañoto, e conversando, conversando, conversando, eu soube, aos poucos, coisas e mais coisas que não sabia de → você, João.

Meus passos, naquele chão de pedriscos, diziam, *estamos aqui, vivos*, meus passos diziam, *estamos aqui, vivos e juntos e fortes, apesar de exaustos, estamos aqui, vivos, apesar de estarmos morrendo nesse instante*, meus passos diziam, *estamos vivos e nunca andamos tantos dias juntos*, e, para trás, ia se assentando a névoa do não ser mais, e, para trás, ia morrendo-nos a paisagem, e, para trás, ia morrendo-nos — enquanto eu ia vivendo você e → você vivendo-me — os castelos, as bodegas e os claustros cansados de peregrinos, meus passos diziam, *lindo é tudo o que passou, João, mas já passou*, meus passos diziam, *e tudo o que foi triste até aqui também passou*, meus passos diziam, *o céu, com seus olhos azuis, não para de nos ver, caminhando*, e era bom estar ali, com você, o mundo sem ninguém senão nós dois pela estrada, *e era bom*, meus passos diziam, àquela hora, era como se meus passos, sendo dados, pudessem parar o tempo e salvar do esquecimento aqueles nossos dias — gravetos incendiados pela finitude.

E, conforme andávamos, eu me recordava de nós dois no meio de outros dias, felizes por sermos quem éramos, embora, tantas vezes, queiramos ser outro: eu me recordava daquelas tardes no quintal de casa, nós dois a jogar futebol, → você e seu talento para dribles que ninguém na família antes revelou, → você querendo ser o centroavante e, de repente, noutra tarde, pedindo para ser o goleiro, e, assim também em mim, essa vontade de ser ora o zagueiro, ora o lateral, assim também eu a sentir essa dor de ser alegre por (apenas) me passar por outro.

E, conforme andávamos, as folhas dos castanheiros se moviam ao vento para si, sempre para si, mas, àquela hora da tarde, também para nós, que ali passávamos. E a terra era terra por si; mas, estando nós dois a caminhar sobre ela, naquele trecho, a terra era a terra para si, e para nós, sua pele. E eu → você sendo eu e você por si, e por nós. O mundo sendo apenas mundo, sem nós; mas nós, passando dali, nós no mundo, e, então, o mundo sendo mundo e também nós.

E se eu, Mateus, disse o que disse, com meus passos, eu não disse que, enquanto caminhava, comigo levava, em cada respiração, meu pai, João, e → você, meu filho, outro João. Eu não disse, com meus passos, que levava comigo meu pai, João, morto para o mundo, mas vivo em mim, e → você, meu filho, João, que herdara o nome dele, o avô que mal conheceu, mas que está em todas as suas células, e estará até o seu último suspiro. Assim, também, seguem ambos comigo, João meu pai, e → você, João meu filho, meu pai morto, mas tanto dele ainda em mim, e → você, meu filho vivo, mas morrendo comigo a cada passo meu e seu que diziam o que diziam — e por dizer o que diziam, não podiam dizer o que eu digo agora.

Eu digo que a cada passo sabemos mais do caminho, embora menos tempo tenhamos para aproveitarmos esse saber. Eu digo que a cada passo o caminho se crava em nosso ser, embora seja diferente do nosso ser cravado no caminho. Eu digo que a cada passo ultrapassamos o minuto e, no ganho de ultrapassá-lo, o perdemos. Eu digo que tudo, às vezes, é tão depressa, tão inesperado, tão saudade, que a paisagem, bonita e real, se torna névoa em nossos olhos no instante em que ainda é paisagem, bonita e real. Eu digo que o tempo não tem cura, o tempo é, o tempo nos faz saber, nem muito, nem pouco, mas o suficiente, e o suficiente é o que podemos suportar — embora o suficiente para um não o seja para outro. Eu digo que amava pentear seus cabelos de menino: era manhã, eu abria a janela de seu quarto para o dia entrar, *venha, sol, lambe o rosto do João*, e → você ria, e eu digo que eu ajudava você a vestir o seu uniforme, enquanto a sua mãe fazia o café, eu digo que você tinha sete anos, eu digo que depois eu penteava seus cabelos e sorria, eu amava aquela hora de pentear seus cabelos, eu penteava e sorria, e eu sabia que meu sorriso já era a saudade que eu hoje sinto por não poder mais pentear seus cabelos de menino, eu digo que eu sorria e você fazia uma careta em resposta ao meu sorriso, eu digo que, em meus passos, rumo a Rabanal, estavam todas aquelas nossas manhãs, todos aqueles meus sorrisos, todo aquele meu filho João.



O tempo era tanto, em mim, que eu penteava seus cabelos na memória, e, então, fiquei quieto, → você também ficou quieto, como se falar consumisse nossas forças que se exauriam depois de sete horas de caminhada. Fiquei triste, como se fosse aquele pai penteando seus cabelos em criança e pensando, anos à frente, no momento ali, ao seu lado. Fiquei triste, mas deveria estar feliz, porque você estava comigo, filho feito e forte, e eu com → você, pai pai e pai. Eu devia estar feliz, porque havia penteado seus cabelos naquelas manhãs, mas estava triste, as águas se misturavam em mim e era nos meus olhos que elas se encontravam.

Naquele ponto, a fome e a fadiga não eram mais como uma hora antes, suave e branda, a fome e a fadiga cresciam em nós, e o hálito do sol pesava em nossa pele, o sol com suas agulhas de luz drenava o suor dos nossos poros, e, naquele ponto, uns ciclistas passaram, alegres, como carreiros d'água, e disseram, *buen camino*, e nós, acostumados à saudação, repetimos, *buen camino*. E continuamos, → você com a sua curta vida em seus ombros, eu com todos os meus erros e acertos, → você com todos os seus dias movendo as suas pernas, eu com os vazios da solidão entre os meus braços, → você com cada um dos seus enganos — sobretudo aquele, quando comigo foi procurar uma casa nova para nós, onde você seria o filho dos fins de semana. E para que fosse bom e fosse caminho, seria melhor que deixasse de ser caminho a se percorrer, seria melhor que fosse descanso a ser percorrido, sede para as nossas águas, sonhos para os nossos músculos dormentes, porque, mesmo que desejemos, um *buen camino* não é *bueno* por todo *el camino*.

Sem nada dizer — nossos gestos o diziam —, paramos uns minutos à sombra de um pinheiro para beber água. Sorvi um gole do cantil e senti a sua presença, João, me inundar inteiro, eu me povoava de você presente, porque já transbordara de você passado, do menino cujos cabelos eu penteava antes de ir à escola, do menino que eu levava para a natação duas vezes por semana, para aprender a se mover na água, para aprender como os braços podiam mantê-lo à superfície, como seus braços, no bater constante, afastariam —> você do fundo dos rios, dos lagos e dos mares, embora na terra seca, João, também possamos nos afogar; na terra seca, às vezes, somos tragados por redemoinhos às profundezas do instante. Eu sentia o vento na pele suada, e o vento dizia, *eu sou esse que toca seu corpo agora*, o vento dizia, *eu sou o ontem que é e o hoje que foi*, o vento dizia, *eu faço você se lembrar de um dia com seu filho, quando sentiu o que sente agora com o meu toque*, e eu lembrei, estávamos na praia, o mar lá a se perder de vista azul, e o vento dizia, *eu sou o vento que faz você se recordar daquele sentimento, o mesmo que experimenta agora com o meu sopro*, e, então, de súbito, eu disse, *que vento bom!*, e você disse, *é mesmo, vento bom!*, e tudo inerte, ali e ao redor, só o nosso silêncio se movendo entre as folhas daquele pinheiro.

Novamente nos pusemos em rota, e o silêncio nos seguia, e eu não sabia por que me lembrava de nós em outros dias, quando nada de especial havia ocorrido, dias que vivi sem imaginar que teria tantas saudades de tê-los vivido, dias-nada, dias-idos-e-havidos, dias-esquecíveis, como aquele em que você pediu à sua tia Bia para que fizesse tranças nos cabelos, e ela, claro, ela o fez, e —> você talvez nem tenha percebido que, então, ela estava também fazendo tranças em sua história; dias-esquecíveis, sim, mas que eu não esquecera, e o meu silêncio, latejando-me nos ouvidos, me dizia ignorar o motivo de eu me lembrar de você noutros tempos. Não deveríamos sentir saudades de um filho que vive com a gente o mesmo instante, não deveríamos, mas eu sentia a saudade do instante que passa (no exato momento em que, para trás, ele ficava). O meu silêncio me dizia que a dor nos cura as mentiras da alegria, que os erros, nós os cometemos para nos acertar, que não são as histórias que se repetem, nós é que nelas nos repetimos. O meu pai João se separou de minha mãe Rosa, eu vivi a infância sem ele na minha rotina, como quem encontra na mesa do café da manhã a manteiga, mas não o pão, eu me separei de sua mãe, —> e você, João, viveu igualmente sem mim seus anos de menino. O meu silêncio dizia: também amamos por meio de lembranças que, embora agonizem, estão longe de morrer.

Lancei os olhos para trás e vi a *carretera* se espichando como uma linha negra ao sol, e vi, em meio ao *sfumatto* de minhas lembranças, o dia em que dei um tapa em seu rosto. Estava irritado por umas contrariedades, e —> você, criança, reclamava à mesa que já tinha comido o suficiente, e eu vi em seu prato as salsichas que me pedira para cozinhar; eu despejara um tanto na água fervente da panela, e —> você, *põe mais, pai, isso é pouco*, e, depois, você reclamando que enjoara, e eu, cheio de entulhos do cotidiano, cheio de coisas mal resolvidas em minha mão, soltei-a em seu rosto. Caminhando à sua frente, sentia que ainda me doía, João, me doía na palma da mão a sua pele fina, surpresa com a violência do meu gesto; caminhando à sua frente, sentia uma tristeza sem bordas por não poder mais corrigir aquele atalho escrito pela minha mão em seu rosto. Em meio ao *sfumatto* de minhas lembranças, vi a brutalidade do tempo numas fotos que ainda guardo aqui em casa, ano a ano os meus cabelos mudando levemente de tom, rareando, e —> você crescendo, crescendo, e eu, arranhando o *sfumatto* de minhas lembranças, à procura daqueles anos todos (a soma dos dias em que não vivemos juntos), e eu encontrando uns míseros meses (a soma dos sábados e domingos que você vinha me ver), eu encontrando só umas migalhas na palma da mão. Eu continuo sem saber se doía em você, mais do que o tapa no rosto, a minha ausência em sua vida — assim fora comigo, vivi longe de meu pai, também cresci numa família partida. Em meio ao *sfumatto* de minhas lembranças, revi os meus erros, em fileira, e acelerei o passo, pisando firme aquela terra que nos levaria a Rabanal, por onde haviam passado cids e jimenas e roldáns e ferraguts e cizures e templários e jacobeus e reyes e virgens e varões e quixotes e sanchos e romanos e bascos e celtas e doentes e sonhadores e desesperados e niños e viejos e juans e pablos e santos, aquela terra por onde haviam passado santos, e, sobretudo, pecadores como o que ia à sua frente, João, eu, seu pai, Mateus. Seu pai, em silêncio, o rosto estapeado pelo chicote das lembranças.

Mas se eu disse o que disse com meus passos, se lancei do passado aquelas recordações, queria ter dito a você, na claridade quase cegante do presente, que o início de qualquer jornada é o mais difícil, daí porque tantas vezes os homens se lancem desesperadamente, carregados de palavras, ao abismo da escrita. Estávamos na vigésima primeira etapa do caminho, e, mesmo assim, eu queria ter dito a você que, às vezes, o início, sobretudo de uma conversa, é o passo mais fácil — vai-se entrando nela, como num rio, com leveza, os pés ondulando no fundo de areia, a água a cobrir lentamente nosso corpo. Eu não disse, mas queria ter dito, e o digo agora, que, em certos começos, muita coisa já está concluída, o primeiro passo pode dar aonde nem a maior das esperanças chega. Eu não disse, mas queria ter dito, que começar é para fora, não para dentro. Começar é para fora de nós — e, também, para o outro que somos e nos aguarda à saída. Eu queria ter dito a → você, e o digo agora, em outro tempo, que não sei onde começa o pai num filho, nem onde, num filho, o pai termina. Eu queria ter dito a → você, que as nossas águas eram águas do caminho em si mais do que da nossa partida — margem primeira que, um dia, com a outra se encontraria. Eu queria ter dito a → você, que eu era o seu pai, apesar das minhas fronteiras exíguas; eu sonhava que você reconheceria no peregrino, à sua frente, ou em sua memória, aquele que eu era. Eu sonhava que você, ao me ver, fosse qual fosse o dia, sentiria subir aos seus lábios a palavra *pai*, sem que precisasse enunciá-la, tanto quanto eu não preciso, ao vê-lo à cabeceira de minha cama, dizer agora, já está dito por todo meu ser, *filho!*

Depois de atravessar silenciosamente aqueles campos, voltamos a conversar sobre fatos que haviam nos marcado nos dias anteriores, fragmentos de nada que, àquela hora, como grãos de poeira na contraluz, podiam ser vistos levitando ao sol, umas unhas do tempo crescidas na memória, que nos faziam esquecer quem éramos, duas vidas provando da mesma sensação de ser terra e céu, tão unidas às montanhas que, àquela hora, éramos também montanhas. Voltamos a conversar — sobre o vilarejo de Zuriáin, onde uma mulher de pijama varria a frente da casa, o ciclista que caiu ao passar por uma poça d'água perto de Iroz, voltamos a conversar sobre Maurizio, o italiano que se juntou a nós no jantar em Nájera e dias depois encontramos em Burgos, as longas mesetas que cortamos até chegarmos banhados de cansaço em Hontanas, o calor no quarto do albergue em Sahagún —, voltamos a conversar sobre aquelas coisas que só tinham e só têm sentido por que as vivemos e as recordamos, e com elas fazemos o unguento para a nossa ferida.

E continuamos, continuamos, continuamos, nossos pés movidos mais pela esperança da próxima parada do que pelo desejo, quase nulo, de caminhar mais, e, ainda assim, continuamos; e, de repente, você repetiu, *preciso dar notícias pra minha mãe*, e pensei no quanto havia do mundo dela em você, e me lembrei do oceano de cabelos loiros dela, das vezes em que meus dedos o abriram numa carícia, e me lembrei dos tempos em que eu e sua mãe vivíamos enrodilhados como vinhas humanas, e me lembrei de noites em que digitava minha febre no corpo dela, e me lembrei, entre o cascalho de tantos momentos a dois, de quando você crescia, escondido, dentro dela, e ainda não sabíamos que você seria João, não sabíamos que meu pai logo morreria, não sabíamos que anos depois eu e ela nos separaríamos, e que, agora, estaríamos aqui, eu dizendo a você o que digo, caminhando com as palavras nesse trecho inevitável de minha existência, tirando as cascas dos meus invernos, deixando no chão não apenas a pele velha mais recente, mas todas as outras, antigas.



Aquelas coisas que só têm sentido porque são, na bateia do tempo, o todo concentrado e (também) o farelo da nossa história, aquelas coisas que moemos no entra-e-sai do ar em nossos pulmões, que me levaram a ser esse homem no meio de um João, meu pai, e de outro João, —> você, meu filho. Aquelas coisas que me impediram de estar com meu pai na hora final — a sua tia Bia era quem estava com ele —, aquelas coisas que me fizeram receber você, aqui, para lhe dar as boas-vindas; as boas-vindas num mundo onde sempre haverá, é preciso dizer, mesmo na hora da chegada, a iminência da despedida. Aquelas coisas que consagram a história, dos nossos antepassados, o seu bisavô André e a sua bisavó Sara, que você não conheceu, mas borbulham na carne que leva o seu nome, aquelas coisas que se revelam em seu jeito de ser mais do que em seu sangue; porque quando uns chegam, outros já se foram, e o encontro só poderá se dar nas linhas do rosto, no tamanho das pernas, na cor dos olhos e dos cabelos, o encontro só poderá se dar pela evocação da palavra. Naquela mesma Ibéria, décadas atrás, em Ávila, não muito distante de onde estávamos, uma freira copiava versos de San Juan de la Cruz, e ela está em você, e aquele tio que fugiu com uma negra para o Marrocos, e o carroceiro que cantava trovas, e o marinheiro que, às vezes, vinha exhibir para os parentes no Brasil, tatuada no corpo inteiro, uma Ibéria que já naufragava no esquecimento, e aqueles nossos parentes que mal tiveram tempo de deitar na relva, e, de olhos fechados, sonhar grandezas, e aquele primo que morreu num acidente aéreo namorando as nuvens, e a sua tia-avó Marisa, que tantas vezes o levou a passear no parque Buenos Aires, todos eles estão em você, —> João. E em você estão também os italianos do Veneto que foram para Cravinhos e lá geraram a sua avó Rosa, toda a linhagem de sua mãe, em —> você estão todos aqueles que nasceram e atravessaram o curso cotidiano da existência e morreram, sem deixar vestígios senão em outros que, igualmente, desapareceram. Em —> você estou eu, João, eu e você rumo a Compostela, e a nós mesmos, buscando sentido para essas coisas que fazemos enquanto o ar entra-e-sai de nossos pulmões.

Eu → você. Eu, cheio de palavras envelhecidas dentro de mim. Você, um texto novo ecoando juventude. Eu, com a destreza daqueles que desconfiam quando a ordem das coisas se mostra perfeita. Você, com a crença de que, na progressão dos dias, sua liberdade se alargaria. Eu, guardando uns fatos para contar mais tarde, e que, no entanto, iriam se embalsamar em meu esquecimento. Você, comentando no ato o que saltava à vista, a seta amarela encoberta pelo musgo. Eu, desidratado de esperanças. Você, encharcado. Eu entupido de lembranças fermentadas. Você se nutrindo do aqui-e-agora, sem se preocupar que o aqui-e-agora se transforma, inevitavelmente, em nunca-mais. Eu → você retendo a felicidade como fios de sol em nossas mãos, mas eu certo de que a perderíamos logo adiante — para, quem sabe, retomá-la —, e você não. Eu, sentindo prazer naquelas tardes ao sentar nas camas esqueléticas dos albergues, depois de horas de caminhada, e saber que não era preciso dizer nada, apenas conferir a gravidade das bolhas nos pés, era o que bastava, a ninguém interessaria o meu prazer senão a mim; a ninguém, senão você, eu me sentia tão atado. Eu → você, a abrir as mochilas ao mesmo tempo, e delas apanhar a roupa limpa que vestiríamos, eu e você, após o banho, após o silêncio escorrer da nossa pele e pingar no chão junto às palavras dos peregrinos que chegavam, eles com eles. E eu com você.

Caminhamos e caminhamos e caminhamos. A paisagem parecia a mesma, mas, imperceptivelmente, ia se tornando outra à medida que a atravessávamos, mostrando-se para nós em variadas angulações, à semelhança de um corpo que descobrimos aos poucos, a paisagem parecia a mesma, assim como o tempo, sempre imóvel, mas que, em verdade, desloca-se, escondendo de nossos sentidos seu mistério. Caminhamos e caminhamos e caminhamos, e, como a paisagem parecia a mesma, eu não sabia se só nós dois existíamos ali, sobre a pele da terra, se o mundo não era invenção de minha virtude, ou de meu desejo, se o mundo não era fruto de minha dor dissoluta, ou um milagre para meu consolo. Caminhamos e caminhamos e caminhamos, e a paisagem parecia a mesma, e, então, naquela tarde, entre um passo e outro, me lembrei de seu nascimento — você, a girar de mão em mão, das minhas para as de seu avô, João, e dele para a de sua avó Rosa, e de sua avó Rosa para a sua tia Bia, e dela para os seus outros avós Leonor e Enrico —, eu lembrei que o meu coração ganhara nova força com a sua existência, mas, só depois de muitos e muitos anos, só depois de muita vida, só depois de entre nós ter se formado um feixe de vivências e recordações e sonhos, eu percebi — foi naquela tarde — que o amor não é de uma vez só, o amor se torna amor aos poucos, o amor parece ser sempre o mesmo, como a paisagem, mas o amor, imperceptivelmente, aumenta. O amor aumenta e se torna, como certas dores, maior do que suportamos.

Lembrei que, dias antes daquele dia, tínhamos caminhado horas debaixo de uma chuva mansa que nos ensopara até a mente, o tempo inteiro só pensávamos nela em nossa roupa molhada, em nossos pés que pesavam ao pisar os charcos, e só a certeza de que ela demoraria para se recolher não se secava de nós. Mas, antes de chegarmos a Mansilla de las Mulas, a chuva cessou, e quando, na entrada do pueblo encontramos o refúgio de peregrinos, notei aquela árvore do outro lado da rua, notei sobre seus galhos sem folhas as gotas-d'água, minúsculas, brotando como frutas transparentes, e fiquei observando-as, atento, pensando em como defini-las. E aí eu disse, *parecem jabuticabas de luz*, e você perguntou, *o quê?*, e eu nada respondi, continuei a contemplar aquela formação de poesia diante de mim. Ouvi, então, —> você, João, dizer, *pai!*, assim como ouvira tantas vezes a voz de meu pai João dizer, *filho!*, com a mesma entonação firme mas doce, —> você disse, *pai, está tudo bem?*, e eu fiz um gesto para que esperasse, —> você aquiesceu, e eu posso dizer que me sentia feito um galho daquela árvore, o instante, que eu estava vivendo, tremeluzia em mim como as minúsculas gotas-d'água — borbulhas de uma verdade que eu não compreendi senão ao ouvir você me dizer, agora, *pai?*, e, sem mover os lábios, somente com o silêncio do meu corpo, eu responder, *filho!*

Outras águas haviam me atraído, João, antes daquela tarde, diante do refúgio de Mansilla de las Mulas. E eu as movo novamente até os seus sentidos. Era manhã, tínhamos atravessado um vale ermo e extenso e, então, avistamos uma cascata, e seguimos em sua direção. Fomos nos acercando, devagar, pelo terreno rugoso, a observar a água já desprendida de sua foz, que se movia, célere, tropeçando nas pedras, e ainda assim avante, correndo, e a água fabricava uma branca e convulsionada espuma, e continuava a descer — um arroio que se alargava e se reduzia em variâncias, rumorejando, rumorejando. Ali paramos um momento, a ver as águas, fluindo, sem parar. Eu fechei os olhos e, na via contrária da realidade, fui me esgueirando imaginariamente pelos barrancos até o veio da cascata, de onde as águas, em alva espuma, manavam, estalando a alma líquida contra as rochas. Aprofundei a minha exploração, terra adentro, atrás do “ponto um” da cachoeira, de seu estado de fio d’água. E, por mais que me enfiasse no solo, só encontrava torrões de barro, não atingia o começo daquelas brancas espumas. Assim é, João — todo início, inalcançável. Qualquer início, desde sempre, uma queda. E, nessa queda, a máxima força de suas águas, a bruma de seus feitos — e todo o impacto de suas lembranças.

Passamos por El Ganso e, continuando a ascensão a Rabanal, fizemos uma pausa. Ficamos em silêncio, cada um consigo e com o outro, e eu podia sentir a minha e a sua satisfação por termos avançado tanto desde a madrugada. O ar fresco se dava para nós, movia nossos cabelos e a ramagem dos pinheiros com igual suavidade, nós dois fazendo uso do verão, nos saciando de vida, já que nada nos salva dela, nem o mundo, quando muito — é o que basta! — salva-se o dia. E aquele era o dia, e dentro dele o momento de afastar tristezas. Ficamos em silêncio, alegres por resistir à tentação de desembainhar palavras; e a nossa alegria não era a alegria dos ébrios, nem a das crianças, mas a dos guerreiros que, na trégua, sabem o quanto ela é rara no embate — sempre perdido — contra as horas. A alegria de quem não ignora que, sob sua pele, a navalha da dor já age.

As setas amarelas, o tempo inteiro nos guiando, embora o nosso caminho não fosse o mesmo de outros peregrinos. As setas amarelas nos atentando para seguir, as setas amarelas nos tentando a parar. As setas amarelas presentes a cada quinhentos metros, e a regra para o caminhante: *se depois de meia hora na trilha não encontrar nova seta, volte à última*. As setas amarelas, o tempo todo presentes. As setas amarelas — o tempo presente. Sempre gostei de pegá-lo, o presente, como quem pega um graveto com o canivete e o vai desbastando até fazer uma seta. Sempre gostei de ver as lascas caindo aos pés do meu passado, e a seta — a seta, depois de pronta, servindo para me atirar ao futuro. Mas o futuro, → João, é o tempo que seta alguma atinge. Toda seta, atirada, pulveriza-se a caminho.

E como não havia placas sinalizando a distância até Rabanal, senão as setas amarelas a indicar a direção, e como estávamos embrenhados num bosque que nos impedia de ver, lá adiante, no laço do horizonte a cidade com suas casas, onde tínhamos combinado pousar, e como não queríamos parar, abrir a mochila e consultar o guia, estando tão perto de nossa meta, e como ouvíamos apenas nossos passos na terra ensombrecida pela copa das árvores, e como não ouvíamos som algum de gente, nem de carro na rodovia que margeava o bosque, —> você, impaciente pelo cansaço, perguntou, *falta muito pra chegar, pai?*



Eu continuei uns metros sem nada dizer, como se não tivesse ouvido a sua pergunta, mas a sua pergunta não era só uma pergunta para aquela hora e situação, era uma pergunta para além de mim, em busca de uma resposta para sempre. As suas palavras retornam aos meus ouvidos, *falta muito pra chegar, pai?*, como se eu soubesse mais do futuro do que você — do caminho percorrido, eu certamente sabia, mas não do caminho que tínhamos a percorrer. Por isso é que eu penso naquele dia, e não em outros, depois da peregrinação encerrada, naquele dia, e não nos demais (ou nos de menos) que nos trouxeram até aqui, e então eu senti, na voltagem máxima, quase maior do que os meus sentidos eram capazes de registrar, *falta muito pra chegar, pai?*, senti o quanto gostaria que jamais chegássemos a Rabanal. Porque, mesmo exaustos, estávamos ali, e era bom, e havia paz, como no princípio, era bonito um pai e um filho vivendo o tudo da viagem naquele momento, era a nossa existência no seu ápice, *falta muito pra chegar, pai?*, a sua pergunta clareara com a luz de mil sóis o meu coração, e o desejo do meu coração era que não chegássemos jamais a Rabanal. Então eu não disse, *falta pouco, João*, para não agredir você com a lâmina da verdade, eu disse, com doçura, embora o gosto das palavras, sob minha língua, fosse amargo, eu disse, *falta menos do que você imagina*. Naquele dia, passei da linha que separa o entendimento da aceitação, saí da teoria de morrer para a prática de viver, eu estava com → você, e só por isso eu o relembro e o revivo aqui. Só por isso eu não queria que chegássemos jamais a Rabanal. ←

# **SOBRE O AUTOR**

João Anzanello Carrascoza nasceu em Cravinhos (SP). É autor dos livros *O volume do silêncio*, *Aquela água toda*, *Aos 7 e aos 40*, *Diário das coincidências*, entre outros. Suas histórias foram traduzidas para diversos idiomas. Recebeu os prêmios Jabuti, APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte), Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Fundação Biblioteca Nacional e os internacionais Guimarães Rosa (Radio France) e White Ravens (International Youth Library Munich).

Copyright © 2017 by João Anzanello Carrascoza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e projeto gráfico*  
Elisa von Randow

*Preparação*  
Eduardo Rosal

*Revisão*  
Márcia Moura e Renata Lopes Del Nero

ISBN 978-85-438-0872-7

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles*

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Praça Floriano, 19 — Sala 3001  
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ  
Telefone (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/alfaguara.br](https://facebook.com/alfaguara.br)

[twitter.com/alfaguara\\_br](https://twitter.com/alfaguara_br)

aos

ALFAGUARA

João  
Anzanello  
Carrascoza

e aos

7  
40



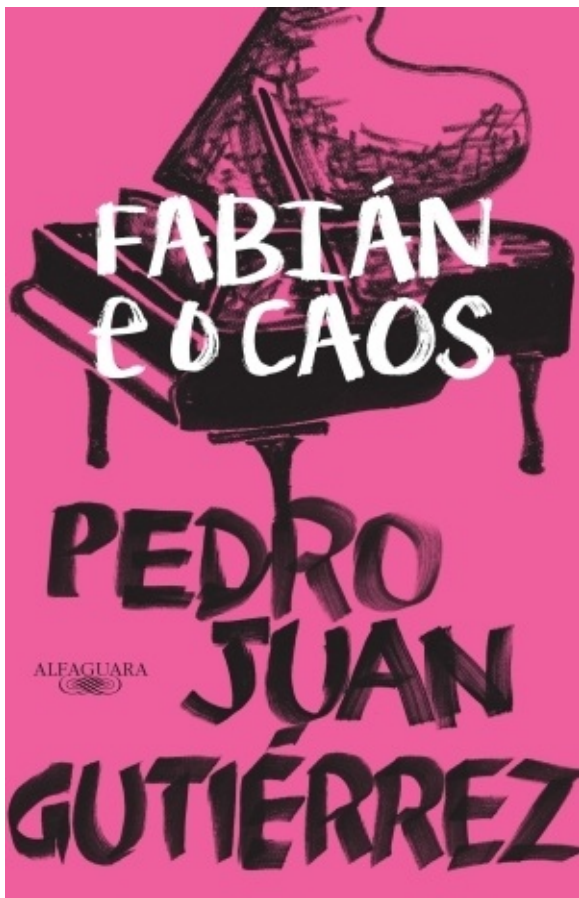
# Aos 7 e aos 40

Carrascoza, João Anzanello  
9788543807911  
112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos maiores contistas da atualidade brasileira faz um romance sobre o cotidiano de seu personagem em dois momentos diferentes da vida: aos sete e aos quarenta anos de idade. Na infância, a narrativa é fluida, poética e simples. O roubo de um pássaro no vizinho, uma partida de futebol, o quintal da casa e a relação com o irmão. Já aos quarenta, a narrativa passa a ter uma forma mais fragmentada, mais apropriada para lidar com os acontecimentos dolorosos da vida adulta. Um divórcio, o distanciamento do filho. Mesclando os dois momentos com extrema delicadeza, Carrascoza brinda o leitor com um belo romance que só reforça seu já conhecido talento literário.

[Compre agora e leia](#)



FABIÁN  
E O CAOS

PEDRO  
JUAN  
GUTIERREZ

ALEAGUARA

# Fabián e o caos

Gutiérrez, Pedro Juan  
9788543806556  
200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em um momento de turbulência política em Cuba, o acaso une dois rapazes que aparentemente não tem nada em comum. Pedro Juan é um hedonista sedutor e insolente que leva uma vida caótica. Fabián, ao contrário, é um pianista recluso, frágil, medroso e homossexual. Apesar das diferenças, ambos possuem condutas que não se ajustam aos princípios ideológicos do novo governo cubano.

Anos mais tarde, seus caminhos voltam a se cruzar quando os dois são conduzidos a uma fábrica de enlatados onde trabalham os párias da sociedade revolucionária. Uma amizade improvável surge entre eles, mas a forma como cada um irá encarar essa situação hostil fará com que suas vidas tomem rumos opostos.

[Compre agora e leia](#)

# Table of Contents

[Sumário](#)  
[Caderno de um ausente](#)  
[Menina escrevendo com o pai](#)  
[A pele da terra](#)  
[Sobre o autor](#)  
[Créditos](#)